

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS:
a proposta de Matthew Lipman**

MATEUS ALÉM SILVA LIMA

**Bauru
2023**

MATEUS ALÉM SILVA LIMA

**DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS:
a proposta de Matthew Lipman**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito à obtenção do título de Mestre em Docência para Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues.

Linha de pesquisa: Fundamentos do Ensino e da Educação Básica.

**Bauru
2023**

Lima, Mateus Além Silva

Diálogo e investigação filosófica com crianças: a proposta de Matthew Lipman / Mateus Além Silva Lima. --
, 2023

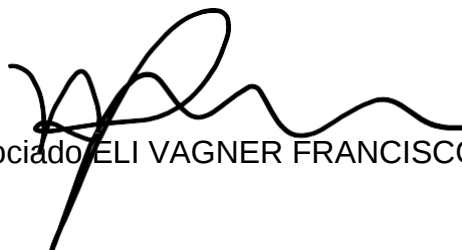
141 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru,

1. Diálogo. 2. Investigação filosófica. 3. Crianças. 4. Matthew

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MATEUS ALÉM SILVA LIMA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de agosto do ano de 2023, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MATEUS ALÉM SILVA LIMA, intitulada **"Diálogo e investigação filosófica com crianças: a proposta de Matthew Lipman" e produto educacional "Bya: um diálogo com os nativos digitais"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado ELI VAGNER FRANCISCO RODRIGUES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. THAIS CRISTINA RODRIGUES TEZANI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. LILIANE SOUZA DOS ANJOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Câmpus de Bauru. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Professor Associado ELI VAGNER FRANCISCO RODRIGUES

Dedico esta pesquisa aos alunos do 6º ano, aos seus familiares, aos professores/as, que assim como eu, buscam incansavelmente melhorar e transformar o processo de ensinar e aprender por meios de formas que venham se efetivar, tornando a metodologia docente cada vez mais dinâmica e atraente.

Agradecimentos

Certa vez um professor na Faculdade durante o meu curso de Licenciatura em Pedagogia, enquanto ministrava uma aula de história falou que na vida vence apenas os fortes e que muitos alunos dos cursos superiores acabam desistindo, e que inclusive daquela referida turma por algum motivo iriam desistir.

E em todos os momentos de dificuldades que enfrentei não apenas durante o curso, mas também durante todo o meu processo educacional, pessoal e profissional lembrava da fala daquele professor, pois jamais queria estar entre os fracos. Também sempre foi nos momentos de dificuldades que procurei meios para me fortalecer, pois voltava o meu pensamento para aqueles/as que sempre foram e serão os meus gatilhos mentais, ou seja, aqueles pelos quais tenho total gratidão.

São eles também que fazem gerar dentro de mim uma enorme força, fazendo com que eu viesse superar as diversas barreiras existentes durante todo percurso, fazendo surgir diariamente uma ânsia por novas descobertas. Sendo assim, dedico esse espaço para agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter dado força e muita persistência o suficiente para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Sei que tudo posso quando acredito em um ser supremo que me fortalece todos os dias da minha vida. Foi Ele que mim fortaleceu nas noites mal dormidas, nos momentos de cansaço e na correria do dia a dia como estudante, professor e acima de tudo pai e também o provedor. Mesmo em momentos difíceis como no período da pandemia da COVID 19 onde as dificuldades e o medo assolaram toda a sociedade.

Aos meus pais Raimundo de Oliveira Lima (*in memoriam*), e Iracy Gomes da Silva (*in memoriam*), por todo o amor e dedicação que tiveram comigo, por terem sido as peças fundamentais para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. A eles, que acreditaram e confiaram em mim e sempre sentiram orgulhosos pelo caminho que resolvi trilhar, saibam que foram fundamentais na concretização desse sonho!

A minha esposa Nazilene Sousa Lima, por estar sempre comigo, apoiando e me compreendendo nos momentos em que estive ausente, deixando de lhe dar mais atenção e amor que são elementos essenciais nas nossas vidas. Além disso, não deixou por muitas vezes de fazer o papel de pai, orientando e acompanhando os nossos filhos, pois sem essa força de vontade as coisas poderiam ter tomado

rumos diferentes. Também foi fundamental na construção do produto educacional, pois foi significativa a sua parcela de contribuição.

Aos meus filhos Mateus Além Silva Lima Junior e Byanca Rufina Silva Lima, que foram um dos motivos para que eu, que com grande honra e satisfação, terminasse esse curso mais preparado para novos desafios e para que eu pudesse oferecer a eles algo de melhor no futuro. A eles eu agradeço pela paciência e até mesmo pela compreensão nos momentos em que estive ausente, pois sei que estavam em uma fase da vida em que mais precisavam da minha presença. A eles também eu agradeço, pois contribuíram e muito na construção do produto educacional, dando voz aos personagens, dentre outras contribuições significativas.

Ao meu orientador, professor Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues, pela oportunidade, orientação, incentivo e apoio. Você contribuiu muito para meu crescimento, pessoal, profissional e humano. Acredito que por você ser esse grande profissional sempre conseguindo transmitir conhecimentos por meio dos seus grandes ensinamentos, conseguiu causar uma transformação na minha vida. Saiba que serei sempre grato pelo seu comprometimento e seriedade, pois é isso que precisamos para que possamos continuarmos firmes nessa brilhante e importante profissão que é ensinar. Mais uma vez, muito obrigado por ter confiado e a mim ter concedido essa oportunidade, de juntos realizarmos essa pesquisa tão significativa para a Educação Básica, em especial para a área da Filosofia, não medindo esforços no auxílio para a concretização desta dissertação;

À professora Rita de Cássia Oliveira pela transmissão de conhecimento retirado da sua vasta experiência como professora e orientadora de mestrado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pois foi por meio dos seus ensinamentos que consegui ingressar no mestrado mais preparado.

Aos professores/as: Dr^a. Eliana Marques Zanata, Dr^a Rita Melissa Lepre, Dr. Dariel de Carvalho, Dr^a Fernanda Rossi e Dr^a Luciene Ferreira da Silva por todo conhecimento adquirido nas disciplinas cursadas. Vocês contribuíram muito para o meu crescimento pessoal, profissional e acima de tudo humano.

À professora, Dr^a Thaís Cristina Rodrigues Tezani, por aceitar que eu participasse do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologias, Educação e Currículo (GEPTEC). Muito obrigado pelos ensinamentos, esforço e maestria com a qual conduziu as discussões. Ao grupo de pesquisa minha gratidão, pois a cada

estudo gerava novos aprendizados por meio das significativas reflexões, me proporcionando um crescimento pessoal, profissional e acadêmico.

Aos meus familiares e amigos que torceram por mim. A força de vocês me ajudou a seguir firme e enfrentar as diversas barreiras surgidas durante o processo!

Aos colegas de mestrado que mesmo sem nos conhecermos pessoalmente me deram força o suficiente para continuar firme e alcançar esse objetivo. Agradeço especialmente aqueles que de colegas passaram a ser amigos para toda a minha vida: Gabriela Cavallante Alves Gomes, Sara Jane Noboa, Alessandra Aparecida Dionísio Carraro e Eduardo Silva Benetti, pois as trocas de experiências superaram o esperado.

Porém não posso deixar de agradecer aquele que foi o nosso representante discente, Vinícius Iuri Menezes, pois foi ele a primeira pessoa que me deu as boas-vindas de maneira mais que especial, me fazendo acreditar que anjos existem e que podem fazer a diferença nas nossas vidas.

Ao Secretário de Educação e ao gestor da escola municipal, por terem autorizado a efetivação da pesquisa.

Aos pais ou responsáveis dos alunos que assinaram o termo de consentimento autorizando a pesquisa, entendendo que poderiam surgir resultados significativos com a mesma.

Aos professores e alunos participantes que abrilhantaram a pesquisa, visto que a cada diálogo, tornava o produto cada vez mais aprimorado.

A todos os alunos com os quais convivi nos vinte e dois anos de docência, pois foi por meios das diversas realidades presenciadas junto aos mesmos durante essa vivência que surgiram as inquietações que me levaram a escolha dessa pesquisa.

Enfim, aos amigos, colegas e a todos aqueles que colaboram direta ou indiretamente para que esta pesquisa se concretizasse. Àqueles que acreditaram em mim, muito obrigado!

Resumo

Os alunos do 6º ano, ingressantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental, frequentemente encontram dificuldades para participar de um diálogo investigativo de maneira ética no ambiente escolar. Isso acontece devido à falta de estratégias que venham ao encontro dos anseios dos alunos e que possam ser aplicadas desde o início do processo de escolarização. Esta pesquisa objetivou verificar como o diálogo e a investigação, propostos por Lipman, podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem e como eles são articulados em sala de aula. Esta pesquisa é de natureza qualitativa com característica de pesquisa participante, pois caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com os sujeitos investigados. Os participantes da pesquisa foram os alunos e professores do 6º ano do Ensino Fundamental, sendo 22 alunos do 6º “A” e 20 alunos do 6º ano “B” de uma escola da rede pública municipal de ensino de uma cidade no estado do Maranhão. A coleta de dados ocorreu por meio de Grupo Focal, com alunos e professores, por meio de questões sobre o diálogo e a investigação filosófica, assim como os fatores que interferem no processo dialógico investigativo de maneira racional e no posicionamento ético dos alunos frente à diversidade que as cercam. Nesse sentido desenvolveu-se um produto educacional, ou seja, uma novela interativa digital sobre a ética e o diálogo nas redes sociais, intitulada “BYA: um diálogo com os nativos digitais”, composta por quatro capítulos contendo textos, imagens, áudios e vídeos animados. O produto também é acompanhado por um guia de aplicação, também digital, para orientar os professores. Os resultados dos grupos focais demonstram que os alunos estão insatisfeitos com a maneira como a prática docente e as interações em sala de aula acontecem. Esta pesquisa está vinculada ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP de Bauru, Linha de Pesquisa “Fundamentos do Ensino e da Educação Básica”, sob orientação do professor Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues, que foi defendida em 22 de agosto de 2023. Este estudo não se esgota em si, mas provoca novos e ricos questionamentos para pesquisas futuras.

Palavras-Chave: diálogo; investigação filosófica; crianças; Matthew Lipman.

ABSTRACT

The 6th grade students, who are entering the Final Years of Elementary School, often find difficulties to participate in an investigative dialogue ethically in the school environment. This happens due to the lack of strategies that meet the aspirations of students and can be applied from the beginning of the schooling process. This research aimed to verify how dialogue and philosophical investigation, proposed by Matthew Lipman, are articulated in the classroom. This research is qualitative and participant, because it is characterized by the involvement and identification of the researcher with the investigated subjects. The participants of the research were the students and teachers of the 6th year of Elementary School, being 22 students of the 6th "A" and 20 students of the 6th year "B" of a school of the municipal public school of a city in the state of Maranhão. Data collection took place through Focus Group, with students and teachers, through questions about dialogue and philosophical investigation, factors that interfere in the dialogic investigative process in a rational way and in the ethical positioning of children in front of the diversity that surrounds them. In this sense, an educational product was developed an interactive digital novel about ethics and dialogue in social networks, entitled "BYA: a dialogue with digital natives", composed of four chapters containing texts, images, audios and animated videos. The product is also accompanied by an application guide, also digital, to guide teachers. The results of the focus groups demonstrate that students are dissatisfied with the way teaching practice and classroom interactions take place.

Keywords: dialogue; philosophical investigation; children; Matthew Lipman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da novela, com título	89
Figura 2 - Primeiro efeito flipbook da novela (efeito de folhear livro).....	99
Figura 3 - Início do capítulo um, episódio um - Discriminação: um ato sem reflexão	100
Figura 4 - Final do diálogo do capítulo um e início de "como tudo aconteceu"	100
Figura 5 - Capítulo um - final de "como tudo aconteceu" episódio um, e início do episódio dois – Nome sim, apelido não	100
Figura 6 - Fim do episódio dois e o "como tudo aconteceu" - capítulo um.....	101
Figura 7 - Final do capítulo um - Um recadinho do WhatsApp.....	101
Figura 8 - Capa do guia do professor	103
Figura 9 - Apresentação sumária dos itens que compõem o guia do professor.....	103

LISTA DE QUADROS E TABELA

Tabela 1 - Tempo das crianças em alguma mídia.....	21
Quadro 1 - As habilidades cognitivas em Filosofia para Crianças: principais tipos ..	29
Quadro 2 - Caracterização dos professores participantes da pesquisa	83
Quadro 3 - Primeiro bloco de questões: organização da sala de aula e envolvimento do aluno	106
Quadro 4 - Segundo bloco de questões: diálogo e investigação filosófica.....	107
Quadro 5 - Terceiro bloco de perguntas: fatores que facilitam ou dificultam o diálogo e a investigação	109
Quadro 6 - Quarto bloco de perguntas diálogo e investigação na mudança de paradigma	110
Quadro 7 - Quinto bloco de perguntas: as relações em sala de aula.....	111
Quadro 8 - Sexto bloco de perguntas: a ética no espaço escolar	113
Quadro 9 - Sétimo bloco de perguntas: desmotivação em relação ao diálogo em sala de aula.....	114
Quadro 10 - Cinco passos do método Lipmaniano	118

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	19
1 DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA.....	26
1.1 O diálogo e a investigação filosófica como forma de aprendizagem significativa.....	26
1.2 A Filosofia como aliada no método dialógico investigativo com crianças no ambiente escolar	27
1.3 A comunidade de investigação como prática inovadora.....	32
1.4 Ética e moral como princípio educativo na comunidade de investigação ...	40
1.5 O comprometimento da criança em uma investigação ética	47
2 O PROFESSOR E A PROPOSTA DE LIPMAN	52
2.1 O papel do docente no processo dialógico investigativo	52
2.2 A capacitação de professores na perspectiva de uma aprendizagem crítica e reflexiva.....	58
2.3 Os estágios para a preparação de monitores.....	61
3 O PAPEL DAS NOVELAS PROPOSTAS POR LIPMAN.....	66
3.1 A leitura e a escrita como busca de raciocínios na comunidade de investigação.....	72
3.2 Uma proposta de implementação centrada na aprendizagem do aluno	76
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	80
4.3 Local e participantes.....	82
4.4 Materiais e instrumentos	83
4.5.1 Coleta de dados.....	84
4.5.2 Procedimentos ou etapas da pesquisa	86
5 DELINEAMENTO DO PRODUTO EDUCACIONAL	87
5.1 Título do produto.....	89
5.2 Resumo do produto	89
5.3 Problema do produto	90
5.4 Público-alvo para utilizar a novela.....	91
5.5 Diagnóstico local.....	92
5.6 Contexto de ensino	93

5.7 Proposta de alteração do contexto.....	94
5.8 Metodologia de desenvolvimento do produto	95
5.8.1 Desenho do produto	99
5.9 Guia do produto educacional para os professores.....	102
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	105
6.1 Percepção dos professores	105
6.2 Percepção dos alunos	105
6.3 Aplicação do produto educacional.....	115
6.4 Avaliação do envolvimento e desempenho do aluno durante a aplicação do produto.....	117
CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXO I.....	131
APÊNDICE I.....	134
APÊNDICE II.....	135
APÊNDICE III.....	136
APÊNDICE IV.....	138
APÊNDICE V.....	140
APÊNDICE VI.....	142
APÊNDICE VII.....	144
APÊNDICE VIII.....	146

APRESENTAÇÃO

No sentido de escrever sobre as razões que me levaram a realizar esta pesquisa torna-se indispensável recordar e abordar concisamente o percurso que percorri como discente desde o ensino básico até o Ensino Superior, adentrando na docência como professor da Educação Básica.

Desde cedo, sempre fui dedicado aos estudos e aprendi a ler ainda na antiga 1ª série com uma professora leiga, que usava a cartilha como principal instrumento para alfabetizar seus alunos. Esse material foi utilizado durante anos por professores para alfabetizar crianças. Foi com esse conhecimento, ou seja, com o aprendizado da leitura e da escrita, que me senti mais leve e pronto para ir em busca de mais objetivos e aos poucos subir os degraus necessários para concluir o Ensino Fundamental.

Inicia-se o ano de 1998, ano em que adentro na terceira etapa da Educação Básica, ou seja, na primeira série do Ensino Médio. Porém, não se tratava de um Ensino Médio regular, mas do Magistério, ofertado pela rede municipal de ensino da cidade de Grajaú, no estado do Maranhão, que teve como objetivo formar professores para atuar como docentes na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse curso serviu como uma preparação para que eu viesse me tornar esse entusiasta da educação que hoje sou.

Foi também na primeira série do Ensino Médio que os meus objetivos se ampliaram, pois foi nesse momento que senti uma grande necessidade não apenas de estudar, mas também de trabalhar e conseguir meu espaço, pois esse era o sonho de boa parte dos jovens brasileiros que pertenciam àquela geração. Nesse momento de euforia, fui convidado para trabalhar em uma grande empresa e fiquei muito feliz. Porém, essa felicidade logo se transformou em ansiedade e dúvida, pois não tinha como conciliar os estudos com o trabalho.

Após alguns dias, tomei uma decisão que poderia ter mudado o rumo de toda a minha vida: desisti de estudar durante uma semana para trabalhar. No entanto, alguns professores e colegas me procuraram para me aconselhar e fazer com que eu retornasse à escola para dar continuidade a minha 1ª série do Ensino Médio. Durante dias refletindo sobre quais os novos episódios dessa história, tomei uma decisão, atendendo não só aos vários pedidos de amigos e professores, mas

principalmente ao pedido dos meus pais, ou seja, daqueles que sem dúvidas foram os pilares e continuam sendo os meus gatilhos mentais e também os maiores incentivadores para que eu continuasse lutando e alcançando os meus objetivos.

No final do ano 2000, lá estava eu, concluindo a 3ª série do Ensino Médio na modalidade magistério e com uma intensa vontade de aplicar em sala de aula tudo aquilo que aprendi e, assim, ter a oportunidade de conseguir aumentar as chances de ganhar o meu primeiro salário, e com um sabor mais que especial, pois poderia ser como professor da Educação Básica. A Educação Básica da qual eu por pouco eu desisti logo no início da sua terceira etapa.

Mas o melhor ainda estava por vir. Ao iniciar o ano letivo de 2001, lá estava eu arrumando a minha mochila para trilhar novos rumos, pois fui convidado para dar início a minha carreira como docente da Educação Básica em uma turma multisseriada, composta de alunos não apenas de 1ª a 4ª série, mas também da Educação Infantil em uma escola da zona rural no interior do estado do Maranhão.

Com maestria, ali exerci a função como professor contratado durante sete anos. Em 2007, fui aprovado pela primeira vez em um concurso público. Já concursado, mas sempre trabalhando na zona rural, durante anos me senti impossibilitado de dar continuidade aos meus estudos, mas foi também em 2007 que consegui economizar um pouco e dar início ao curso de licenciatura em Pedagogia em uma faculdade privada.

Após dois anos cursando Pedagogia, consegui passar em uma universidade pública e pude cursar uma segunda licenciatura, agora em Filosofia. Essa experiência não foi nada fácil, pois tinha um compromisso com aquelas instituições, que era concluir não apenas um curso superior, e sim dois.

Foi com vontade de vencer e crescer na vida e me tornar cada vez mais um profissional capacitado, adquirindo novas habilidades que, antes mesmo de concluir a licenciatura em Filosofia, ingressei e consegui concluir uma especialização em *Psicopedagogia com ênfase em Gestão e Supervisão Escolar*, e, no ano seguinte consegui mais uma proeza: dei início a duas especializações, uma em *Filosofia da Educação*, em uma faculdade privada e outra em *Educação, Pobreza e Desigualdade Social*, pela UFMA. Em 2016, concluí as especializações e um curso técnico em informática pela Universidade Estadual do Maranhão. Nessa

universidade, em 2020, concluí mais uma especialização, dessa vez em *Educação Especial/Educação Inclusiva*.

Jamais podemos esquecer também de algo que ficou marcado na minha vida. Lembra da cartilha que mencionei anteriormente, ou seja, aquela com a qual fui alfabetizado na 1ª série do Ensino Fundamental? mesmo não sendo mais indicada pelo Ministério da Educação (MEC) ela entra em cena novamente, pois foi com esse mesmo material que consegui alfabetizar meu filho mais velho, aos cinco anos, e minha filha mais nova, com apenas quatro anos. Além disso, consegui mais uma proeza, a de alfabetizar mais uma pessoa da família, um sobrinho com oito anos de idade.

Essa cartilha me fez despertar cada vez mais o interesse pela leitura, mesmo percebendo que estava faltando alguma dinamicidade naquele material e também na metodologia utilizada. Consegui observar que as pessoas que aprenderam a ler por meio daquele método tradicional não se sentiam motivados e por isso busquei por materiais que gerassem curiosidade não apenas no professor, mas no aluno. O interesse se ampliou ainda mais ao conhecer o programa de Lipman e algumas novelas que compõem a proposta. A partir desse interesse, desenvolvi o Produto Educacional desta pesquisa de mestrado, ou seja, uma novela interativa digital atrativa, que vem acompanhada de um guia do professor, para ajudar na orientação e manuseio da novela pelos alunos.

A escolha do tema desta pesquisa surgiu no ano de 2015 após ter alfabetizado meus filhos e meu sobrinho, mas também após um momento muito doloroso da minha vida, que foi o falecimento da minha querida mãe. Foi neste momento que olhando e conhecendo o Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da UFMA, que conheci a professora Dr.^a Rita de Cássia Oliveira que no ano seguinte seria a coordenadora do grupo de pesquisa ao qual eu iria participar.

Não demorou e logo entrei em contato com a professora Rita de Cássia. De início, os nossos contatos eram apenas por e-mail, mas logo essas conversas começaram a se ampliar, hora por meio do Messenger, hora pelo WhatsApp e foi em uma dessas trocas de mensagens que começamos a discutir sobre uma temática para aquilo que seria o meu projeto de pesquisa e também para que eu pudesse participar com mais segurança de uma seleção de mestrado, e ao longo das

conversas chegamos ao consenso que a temática do referido projeto seria *Diálogo e investigação filosófica com crianças: a proposta de Matthew Lipman*.

Mesmo após todas as dificuldades, consegui juntar forças para ingressar e participar, mesmo que em um curto período, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Filosofia na Educação Básica (Grupefeb) na UFMA. Esse grupo era coordenado pela professora Dra. Rita de Cássia Oliveira. Não foi fácil participar do Grupefeb, pois tinha que me deslocar do interior do Maranhão até a capital, São Luís, ou seja, 350 km. Mesmo assim, estava muito feliz, e a partir desse momento comecei a estudar e selecionar materiais a respeito da temática sugerida pela professora.

À medida que fui amadurecendo profissionalmente e academicamente, o desejo de cursar o mestrado foi tomando conta de mim. Realizei o processo seletivo de 2021, do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em momento muito delicado, pois o mundo estava passando pela pandemia de Covid-19. Não foi fácil, pois estávamos em uma situação de grande tumulto, incerteza e caos causados pela disseminação do vírus.

Mesmo assim, não tive dúvidas de que estava no caminho certo, pois a temática que me propus a estudar é pertinente. Durante a minha experiência como professor do ensino fundamental, pude perceber que é necessário que as crianças aprendam a dialogar e investigar de maneira mais inteligente, ou seja, filosoficamente, para se tornem adultos cada vez mais sábios em suas decisões e comunicações.

Ao ser aprovado no mestrado, não consegui conter a minha felicidade. Após um dia de comemoração, lá estava a notícia da aprovação estampada no blog mais famoso da cidade. A partir desse momento, minhas redes sociais “bombaram” de mensagens e fiquei durante dois dias respondendo e agradecendo a todas as pessoas que me parabenizaram por essa grande conquista. Nesse momento, estou registrando o resultado da minha pesquisa, que não se encerra, pois o conhecimento não finda aqui, mas se aprimora a todo instante.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é composta por obras de autores que analisam e discutem questões sobre diálogo e investigação filosófica com crianças de acordo com a proposta de Matthew Lipman, que identificam a influência dos meios pelos quais esse processo ocorre em sala de aula. Tais discussões se revelam como base para uma abordagem significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Podemos entender que o diálogo investigativo traz possibilidades em seus objetivos e em seus resultados, como afirma Lipman (1995, p. 336):

[u]m diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento [...]. Aqueles que se envolvem em um diálogo fazem-no de maneira colaborativa, como oficiais da justiça trabalhando juntos sobre o mesmo caso. [...] O objetivo dos oficiais de justiça é resolver o caso no menor tempo possível.

É no diálogo proposto por Lipman que os alunos encontram caminhos e passam a ter a devida consciência da importância das outras pessoas, bem como do seu elo com elas. Segundo Abreu (2021, p. 54), “[a] partir do reconhecimento da existência das outras pessoas, o mediador na comunidade de investigação deve compreender a importância da escuta atenta e do direcionamento da conversa para o diálogo investigativo.”

Sabe-se que, para se chegar a um ensino verdadeiramente eficaz, é necessário passar pelo processo de investigação, pois a aprendizagem é resultado de uma investigação da qual o professor participa apenas como coordenador ou facilitador, pois o foco não está mais na “aquisição de informações”, mas na percepção das conexões contidas entre os assuntos investigados.

Nessa visão, a contribuição das obras de autores como Lipman, Sharp e Oscanyan (1997), Kohan e Leal (1999), Kohan (1999), Silveira (2003), é indispensável. Esses autores buscam compreender questões, como o diálogo que acontece em uma comunidade de investigação e que se torna relevante, uma vez que o aluno precisa aprender a raciocinar e a praticar esse raciocínio.

Esse assunto deve ser discutido de maneira mais intensa entre professores e alunos do Ensino Fundamental. Questionar o porquê dessa temática, os motivos que fundamentam sua abordagem em sala de aula nessa etapa de ensino implicam a necessidade de refletir sobre o assunto. Aqui discutiremos as várias maneiras de se

trabalhar o diálogo, as formas de dialogar, assim como a investigação filosófica com alunos do Ensino Fundamental no espaço escolar.

Nessa perspectiva, recorremos ao pioneiro no assunto, o educador e filósofo Matthew Lipman, que, nos anos de 1960, se inquietava com situações envolvendo alunos que não tinham interesse pela leitura e não interagiam de maneira espontânea. Os alunos não faziam questionamentos ao professor sobre os conteúdos abordados no espaço escolar.

Dessa forma, como os alunos não tinham um rendimento esperado, Lipman começou pesquisar sobre a temática que culminou em um programa com o objetivo de ensinar de maneira mais efetiva e dinâmica, que recebeu o nome de “Filosofia para Crianças”, no qual são trabalhados o diálogo e a investigação como ponto crucial para formarmos seres com o pensamento cada vez mais sadio.

Vivemos e compartilhamos em uma sociedade capitalista e consumista, na qual a maioria das pessoas só visa o lucro, esquecendo-se da ética de que tanto o ser humano precisa. Essas pessoas, desde crianças, vivem alienadas e ao mesmo tempo corrompidas pela sociedade e seus meios de comunicação de massa que “bombardeiam” o público infantil por meio do poder de estratégias persuasivas e tantas outras que não cessam nos meios de comunicação.

De acordo com Pereira e Fidalgo (2019, p. 139),

[p]ara verificar a atualidade dos dados, foi realizada uma pesquisa com 104 crianças, no Colégio Luterano São Paulo, com crianças entre oito e dez anos. Nos dados da pesquisa mais de 80% das crianças já haviam comprado algum produto depois de ver alguma propaganda, e desses 80% cerca de 82% adquiriram brinquedos e jogos. Das crianças que não compraram o que queriam após ver uma propaganda, cerca de 52% se sentiram mal, tristes ou injustiçadas por não terem o que queriam, e das que adquiriram aquilo que queriam, cerca de 92% se sentiram melhor depois de comprar.

Percebe-se que a criança de hoje enxerga nos objetos uma necessidade de comprá-los. Elas entendem que, se não tiverem um determinado brinquedo, ou a roupa que o seu ídolo usa, ou se não puderem comer alguma guloseima que viu nas diversas mídias, ela não se sente realizada ou inserida nos grupos sociais aos quais fazem parte, ela sente como se fosse alguém totalmente diferente dos colegas. Acerca do uso de mídias por crianças, a Tabela 1 mostra alguns dados.

Tabela 1 - Tempo das crianças em alguma mídia

	Tempo por dia de uso de alguma mídia (horas)		Já adquiriu com a propaganda
Número total de crianças (104)	2 a 5	58%	SIM 80%
	4 a 5	15%	NÃO 20%
	Mais de 5	27%	

Fonte: Pereira e Fidalgo (2019, p. 139)

Na infância, o ser humano está em fase de desenvolvimento e ainda não sabe discernir o que é bom ou ruim, certo e errado, e ainda não consegue impor limites aos impulsos e desejos adquiridos por meio das mídias. Sendo assim, cabe aos adultos ensinar a criança a ter um pensamento mais reflexivo sobre todas essas coisas e a examinar criticamente aquilo que vê e ouve, seja nos meios midiáticos ou em qualquer ambiente ao qual está inserida.

O aluno não deve apenas pensar aquilo que outras pessoas pensam e sim pensar cada vez melhor. É assim que o aluno se tornará um ser crítico, não apenas no ambiente escolar, pois isso refletirá em todos os contextos em que ele está inserido.

De acordo com uma pesquisa realizada com alunos em uma turma do Ensino Fundamental de uma escola pública de Londrina/PR que buscou compreender a relação entre a Filosofia e a formação de conceitos na perspectiva de Matthew Lipman,

[a]pós a aplicação da proposta de Lipman, observou-se um espanto e interesse pela metodologia empregada em sala de aula, e o pedido de uma presença filosófica maior na escola, especialmente a continuidade da proposta. Em relação aos alunos, notaram-se vários progressos no decorrer da pesquisa. Antes das intervenções, os alunos apresentavam várias dificuldades. A principal identificada foi em relação à convivência: as crianças não sabiam ouvir uns aos outros, falar e fazer atividades com seus colegas como duplas ou grupos. A dificuldade se tornava maior quando era visada interação entre meninos e meninas. Com o avançar das atividades, as crianças começaram a participar mais das atividades que envolviam interação de uns com os outros, demonstrando menos medo e mais reciprocidade, além de um senso de respeito e pertencimento a um grupo (Alves; Muraro, 2020, p. 31).

Assim, o interesse pelo assunto abordado nesta pesquisa resultou de observações decorrentes da atuação profissional como professor de Filosofia em

uma escola do Ensino Fundamental. Procuramos, então, discutir a presença do diálogo e da investigação filosófica nessa etapa de ensino, considerando-se a Filosofia como uma grande responsável para que se possa formar seres cada vez mais críticos e reflexivos.

A principal contribuição da presente pesquisa diz respeito à experiência feita com crianças, onde o diálogo e a investigação filosófica no espaço escolar tornam-se ferramentas capazes de auxiliarem nos momentos desafiadores em que é necessário tomar um posicionamento diante dos problemas cotidianos.

Elias (2005) ressalta que a Filosofia, se trabalhada corretamente no ambiente escolar, estimula e incentiva o aluno a pensar filosoficamente por meio do desenvolvimento de habilidades cognitivas. Porém, tudo isso só será possível se transformarmos as salas de aula tradicionais em comunidades de investigação. Faz parte do processo filosófico não a mera investigação, mas a investigação dialógica.

Este estudo analisou as possíveis contribuições tanto do diálogo como da investigação filosófica no Ensino Fundamental de acordo com a proposta de Lipman, considerando as formas e limitações como são articuladas na prática docente em uma escola municipal localizada na zona urbana, pois atende alunos do Ensino Fundamental.

Aos poucos, a experiência vai sendo aprimorada e, durante esse processo, considera-se novos questionamentos sobre perspectivas mais abrangentes de contribuição da investigação filosófica no desenrolar do trabalho docente. Na experiência pedagógica proposta por nós, o conhecimento emancipa o cidadão, e provoca inúmeras discussões entre os educadores. A partir disso, é possível fazer sugestões pedagógicas que valorizem as diversas formas de dialogar e poder interpretar a realidade, assim como a investigação por meio do uso de novas metodologias para alcançar o conhecimento, retirando da prática docente as maneiras tradicionais trabalhadas durante décadas em sala de aula.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou responder às seguintes questões: quais são os meios pelos quais as crianças sentem-se motivadas ao ato de dialogar e investigar filosoficamente de acordo com a proposta de Matthew Lipman?; quais os possíveis entraves que dificultam tanto o diálogo como a investigação entre as crianças no Ensino Fundamental?"

Esperamos que, com os resultados deste estudo, a escola pesquisada possa se organizar cada vez melhor para fazer uso de metodologias eficazes na aplicabilidade do diálogo dentro de uma comunidade de investigação filosófica, constituída por alunos e professores do Ensino Fundamental, viabilizando ações que possam minimizar os entraves que dificultam esse diálogo.

A hipótese inicial desta investigação é a de que a capacidade encontrada nos conceitos filosóficos se refere à natureza intrinsecamente questionadora e reflexiva da Filosofia como disciplina, fazendo com que as discussões aconteçam efetivamente, tornando a investigação mais cooperativa e dinâmica para as crianças.

Além disso, as diversas áreas da Filosofia podem contribuir significativamente na formação de seres cada vez mais pensantes, investigativos e aptos a dialogarem com mais respeito e seriedade. A escola que trabalha as subdisciplinas da Filosofia, que não se restringe apenas aos livros didáticos, pode mudar a sua realidade.

Ainda convém lembrar que as escolas que adotam políticas de diálogo e investigação, que não se restringem à tendência tradicional, são as que geram impacto positivo na inovação do processo ensino aprendizagem, pois têm visão mais estratégica e abrangente de seu compromisso com as questões de interesse dos docentes assim como dos discentes.

Luckesi (2005, p. 2) relata que,

[n]a tendência tradicional, o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual.

Para que a aprendizagem se torne significativa, deve-se levar o aluno a aprender a aprender, fornecendo-lhe uma base cada vez mais sólida para que o aprendizado se torne contínuo, fazendo com que o aluno perceba que o aprendizado tem relação com a sua vida e valoriza sua cultura e a sua vivência nos diversos grupos sociais no qual está inserido.

Para tanto, as práticas do professor são definidas como um conjunto de ações intencionais que têm o intuito de promover a aprendizagem dos alunos. Para que isso aconteça, é preciso entender a importância de uma busca contínua de recursos que possam inovar a prática docente e ir ao encontro dos anseios dos alunos.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é verificar como o diálogo e a investigação, propostos por Lipman, podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem e como eles são articulados em sala de aula.

Os objetivos específicos são:

- 1) analisar os meios pedagógicos que desenvolvem habilidades de investigação em sala de aula;
- 2) investigar caminhos propostos no método de Lipman no que diz respeito a uma comunidade colaborativa na formulação de perguntas do tipo que levam à investigação;
- 3) criar uma novela filosófica interativa digital, assim como um guia voltado ao professor de 6º ano, tendo como objeto estudar a ética nas redes sociais e todo universo de fatores que interferem na construção da criança – o conceito de ética e o posicionamento ético frente à vida.

O último objetivo específico volta-se especificamente à elaboração do produto educacional, componente exigido no mestrado profissional. O produto educacional proposto neste trabalho tem o objetivo de facilitar a compreensão das crianças e de auxiliar os professores no processo dialógico investigativo assim como no desenvolvimento de uma postura ética.

O produto educacional, organizado no formato digital, servirá como instrumento de trabalho para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para interpretação de diversos textos, tendo vídeos, áudios e imagens como recursos que possibilitam o entendimento de cada um dos episódios da novela interativa digital, intitulada “Bya: um diálogo com os nativos digitais”.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo aborda sobre o diálogo e a investigação filosófica. No segundo capítulo, abordamos o professor e a proposta de Lipman, além do papel do docente no processo dialógico investigativo, da capacitação de professores e dos estágios para a preparação de monitores. O capítulo 3 apresenta o papel das novelas propostas por Lipman e a leitura e a escrita como busca de bons raciocínios na comunidade de investigação uma proposta de implementação centrada na aprendizagem do aluno.

O quarto capítulo se volta ao percurso metodológico da pesquisa. São apresentados os procedimentos éticos da pesquisa desde a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp até a assinatura dos termos e

autorizações da pesquisa. É nesta seção que apresentamos a metodologia, os participantes da pesquisa, o local pesquisado, os materiais e instrumentos, os procedimentos de coleta de dados, assim como as etapas da pesquisa.

O quinto capítulo apresenta todo o delineamento do produto educacional: o título do produto, o seu resumo, problema, o público para utilizar a novela, o diagnóstico local e o contexto de ensino, a proposta de alteração do contexto a metodologia de desenvolvimento do produto, o desenho do produto e o seu guia para professores e o seu objetivo geral e específicos.

Finalmente, o capítulo seis traz os resultados e discussões, a percepção inicial dos professores sobre a temática, a percepção dos alunos, a aplicação do produto educacional, a avaliação do envolvimento e do desempenho do aluno durante a aplicação do produto e ajustamentos finais do produto.

1 DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA

1.1 O diálogo e a investigação filosófica como forma de aprendizagem significativa

Ao enfatizar a função tanto do diálogo como da investigação no cenário escolar, considera-se que os alunos devem aprender que as nossas vidas podem trilhar diferentes caminhos, ou seja, tomar rumos diferentes de acordo com os ideais em que cada um acredita e resolve seguir. Sabe-se que o fazer escolar deve fazer com que os alunos se tornem adultos que vivem de acordo com os ideais que favorecem não apenas o individual, mas também o coletivo, o bem de todos.

Lipman e Sharp (2004) indicam que, para garantir que todos participem igualmente em um diálogo investigativo, o professor deve estar seguro em relação à pedagogia utilizada, para que as crianças possam confiar e acreditar no trabalho do professor, mesmo que ele não dê respostas prontas. Porém, é necessário que as crianças sigam a metodologia proposta pelo programa, que traz condições para a participação e consideração de todos os envolvidos no processo.

Sendo assim, constata-se como essa igualdade de participação dos alunos em um diálogo filosófico e investigativo ocorre no espaço escolar: a interação entre as crianças faz com que elas, ao participarem de um diálogo investigativo, percebam sua evolução de maneira significativa.

Por meio da investigação, busca-se tecer os pontos de vistas de maneira aberta elencando valores e práticas vivenciadas. A partir disso, é possível dialogar aberta e publicamente, levando em conta todos os pontos de vista a respeito dos fatos. A investigação deve ser ética e feita em um ambiente onde exista confiança mútua e imparcialidade. Dessa forma, seremos cada vez mais responsáveis e agiremos com a devida inteligência moral (Lipman; Sharp, 1999).

É importante que os alunos passem por cada uma das etapas para que alcancem a investigação. As novelas filosóficas, mencionadas na Introdução, mostram o que os personagens fazem, as suas investigações, para conseguir fazer suas descobertas. Sendo assim, o aluno constata-se que, quanto mais dialogar e investigar, algumas coisas que eram tidas como corretas passam a serem substituídas por outras que aparentam ser mais corretas.

Não se pode deixar que os alunos pensem que descobrir e inventar são sinônimos, pois essa diferenciação precisa ser discutida em sala de aula, para que percebam a importância de descobrir e que isso é possível por meio dos diversos diálogos que fazem parte do processo para se alcançar uma boa investigação e com ela chegar ao objetivo que é descobrir (Lipman; Sharp; Oscanyan, 1997).

As crianças nos fazem questionamentos diariamente – de como as coisas surgem ou acontecem – e isso é importante para o processo de investigação. A leitura faz parte desse processo, isto é, ao lermos, investigamos e ao mesmo tempo descobrimos algo novo, que se agrega a nossa experiência, servindo para enriquecer e tornar significativa a aprendizagem.

Como afirma Lipman (1997), temos conhecimento das coisas, mas esse conhecimento pode apenas recair sobre como essas coisas agem, pois descobrimos isso devido a certas experiências e vivências com tais coisas. Sabe-se que a mente da criança é verdadeira e não pode ficar estagnada e inalterável, define-se a mente da criança conforme o modo como ela age no momento da investigação e é estimulada por incontestáveis maneiras de investigação.

Ao participar ativamente de um diálogo em uma comunidade de investigação, as crianças ficam cada vez mais abertas a uma conversação filosófica sobre o mundo que as rodeiam. É preciso levar os alunos a adquirir um pensar excelente, tornando-os seres mais reflexivos, evitando desenvolver comportamentos antissociais. Para isso, o professor deve estabelecer alguns critérios e, quando o faz, o professor está criando um ambiente ético para investigação.

1.2 A Filosofia como aliada no método dialógico investigativo com crianças no ambiente escolar

Desde Sócrates, o fazer da Filosofia é representado por uma investigação que acontece por meio da interação dialógica, pois isso sempre foi de grande importância para a vida em sociedade. A Filosofia deve ser cultivada nas escolas, pois é por meio do trabalho autocorretivo desenvolvido em uma comunidade de investigação filosófica que os envolvidos verificam não apenas as causas, mas também as consequências de um diálogo sem as devidas reflexões.

Porém, Lipman (2014) alerta que a comunidade de investigação “não deve

ser uma mera imitação da dialética socrática, mas servir-se de instrumento para se pensar num método próprio de acordo com a realidade educacional atual” (p. 13).

É urgente e necessária uma mudança na prática docente, dado que as crianças, assim como os adolescentes, são “bombardeadas” por informações, verdadeiras ou não. O que é realmente urgente nas instituições escolares é sem dúvida uma reforma que venha ao encontro dos anseios desse público. Essa mudança deve servir não apenas para a vivência dentro do ambiente escolar, mas para todos os diversos grupos sociais.

O pensamento crítico e o comportamento racional, adquirido por meio de práticas filosóficas, de condutas obtidas por meio da Filosofia, ajudam alunos no desenvolvimento das demais disciplinas.

Lima, Neubauer e Mastella (2016, p. 105) afirmam que,

[o] ensino da Filosofia, por meio da metodologia proposta por Lipman, pode ajudar a construir um processo em que os alunos percebam que as demais disciplinas que estudam têm unidade e continuidade. Algo que sem este senso crítico que a Filosofia constrói, não é possível perceber.

Fica evidente que a Filosofia torna o processo de ensino e aprendizagem dinâmicos e atraentes para os alunos e para aqueles professores que renunciam a práticas tradicionais e participam de maneira efetiva do processo dialógico investigativo, tornando a busca da aprendizagem significativa.

É de extrema relevância que as escolas tenham em seus currículos dos anos iniciais do Ensino Fundamental a Filosofia como disciplina, pois é por meio dela que surgem as possibilidades do envolvimento da criança em uma investigação filosófica. Além disso, todas as matérias no Ensino Fundamental se tornam mais fáceis de aprender quando o aluno tem a Filosofia como base inspiradora, pois a Filosofia deve ser trabalhada de maneira aberta, e consequentemente a criticidade e a logicidade surgem espontaneamente.

Para que isso aconteça, a Filosofia deve ser ensinada de forma criativa, e por meio da investigação intelectual no interior de uma comunidade de investigação composta por professores e alunos.

A habilidade de pensar cada vez melhor, nas demais disciplinas, deve ser desenvolvida. A Filosofia pode ser uma grande responsável para que esse pensar não inicie apenas na universidade, mas que aconteça logo no Ensino Fundamental,

tornando o aluno cada vez mais preparado, não apenas na disciplina de Filosofia, mas também nas demais disciplinas.

No Quadro 1, apresentamos as habilidades de pensamento desenvolvidas por Matthew Lipman, segundo Kohan e Leal (1999), divididas em quatro categorias, quais sejam: de raciocínio, de questionamento e investigação, de formação de conceitos, e de tradução, ou interpretação.

Quadro 1 - As habilidades cognitivas em Filosofia para Crianças: principais tipos

Raciocínio	Questionamento e investigação	Formação de conceitos	Tradução/ interpretação
- Precisar o que for vago e ambíguo - Traçar inferências - Raciocinar por analogia - Pensar por meio de: regra de conversão hipóteses silogismo princípio de não-contradição - estandardização lógica de relações - Universalizar - Distinguir a verdade de validade - Detectar falácias	- Dar e pedir boas razões - Distinguir: razões de não-razões boas de más razões - Formar e confrontar hipóteses - Dar e pedir exemplos e contraexemplos - Levantar questão problematizar - Analisar a consistência - Antecipar e explorar consequências - Provar - Definir, aplicar e avaliar critérios - Detectar, justificar e questionar pressupostos - Ser sensível ao contexto - Autocorriger-se - Resistir a arbitrariedade - Criar e explorar alternativas - Potencializar a imaginação - buscar sentido	- Estabelecer relações - Traçar distinções - Precisar semelhanças - Definir conceitos filosóficos como: experiência poder bem razão justiça pessoa amizade realidade verdade	- Escutar os outros - Ser sensível à dimensão afetiva, inferir versões do mundo - Ser empático - Ser aberto intelectualmente - Respeitar os outros - Dialogar - Ser importante - Pôr ego em perspectiva - Ter autocontrole - Propiciar confiança - Não bloquear a investigação e o questionamento - Cuidar do crescimento dos outros

Fonte: Kohan e Leal (1999, p. 98).

No Quadro 1, estão agrupadas as ações, assim como as atitudes e os processos, que acontecem no conjunto de cada uma das habilidades de pensamento. Dessa forma, podemos constatar que cada uma das atividades de

pensamento pode alcançar os mais variados objetivos, pois cada uma das habilidades tem uma função importante no processo de investigação dentro da comunidade.

Sendo assim, todos aqueles que estudam Filosofia podem se tornar investigadores, mas, para isso, devem estar inseridos de maneira efetiva em uma comunidade de investigação. É por meio da Filosofia que a criança aprende a pensar filosoficamente, a pensar e autocorrigir-se sobre o seu modo de pensar e, assim, agir no meio em que vive. A Filosofia já se propõe a desenvolver um pensar autocorretivo e investigativo e é por isso que o estudante, com o passar do tempo, irá melhorar ainda mais a sua maneira de pensar, investigar e se autocorrigir.

Porém, a Filosofia despreza toda forma de inibição, pois trabalha o diálogo e a investigação. Isso torna a sala de aula um ambiente mais propício ao diálogo e à investigação para alcançar um aprender com criticidade, dialogicidade e flexibilidade.

A escola não pode esperar que as pessoas tenham atitudes morais sem antes ambientá-las socialmente por meio de procedimentos racionais, é assim que se produz a racionalidade do indivíduo (Lipman, 1990). Para que esse pensamento venha a fluir, é necessário que a escola esteja preparada para transformar as crianças em seres aptos a dialogar e a investigar filosoficamente, para que, no futuro, se tornem pessoas adultas que saibam refletir e, acima de tudo, agir com responsabilidade.

Por isso, é relevante que as habilidades de investigação, de raciocínio, de formação de conceitos e de tradução sejam trabalhadas no âmbito da disciplina de Filosofia, pois é ela a mais adequada. A Filosofia, por se comprometer com a investigação de problemas, pode impedir que essas habilidades sejam mal-empregadas no cotidiano das crianças.

A investigação filosófica compartilhada na sala de aula passa a ser um modo propício à aprendizagem. A sala de aula deve atender os interesses das crianças assim como dos adolescentes, quando isso não acontece, há uma sensação de dever não cumprido em todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ao iniciar uma investigação sobre um determinado assunto, mesmo que recém-descoberto, esse assunto é filosófico, pois mesmo nessa etapa inicial a criança vive admirada e começa a fazer especulações de como revê-los. A Filosofia

nos dá uma luz de como resolvermos assuntos polêmicos, mas discutíveis, ou seja, possíveis de investigação como: verdade, beleza, justiça, individualismo e virtude.

Muitas são as subdisciplinas da Filosofia que nos mostram por quais caminhos devemos trilhar, a lógica, por exemplo, não é empenhada em mostrar como pensamos, porém, nos disponibiliza meios pelos quais diferenciamos os pensamentos bons dos maus. Para Sanchez (2011, p. 6), “o ensino de certas habilidades de pensamento características da lógica, subdisciplina da Filosofia garantiriam o bom pensar, ou um pensar melhor, ou seja, o desenvolvimento do que ele caracteriza por pensamento de ordem superior”.

Nesse sentido, a educação contemporânea se torna, ao longo do tempo, cada vez mais frágil devido à exclusão das subdisciplinas da Filosofia do currículo escolar, ou seja, alguns assuntos, que no passado eram trabalhados nessas subdisciplinas, não constam no currículo escolar atualmente.

Existem diversos escritos filosóficos que despertam o interesse dos alunos. A partir desses textos, em sala de aula, é possível desenvolver habilidades intelectuais, e temáticas como filosofia amizade, honestidade, verdade – temas caros à Filosofia. Assuntos como esses são atraentes, fazem com que a discussão em sala de aula tome rumos diferentes das discussões aleatórias, como nas práticas tradicionais.

No entanto, parece muito difícil esse envolvimento do aluno no método de investigação proposto. Como fazer com que as crianças do Ensino Fundamental compreendam os diversos problemas apresentados durante a investigação? Será possível fazer com que o aluno se engaje em uma investigação mobilizando, nas disciplinas tradicionais, as habilidades cognitivas de raciocínio, de investigação, de formação de conceitos e de tradução, pois essas habilidades são condições necessárias para tal engajamento?

Vem se tornando cada vez mais necessário o envolvimento do aluno com a Filosofia, independentemente de sua faixa etária. A Filosofia, enquanto disciplina escolar, oferece aparatos para que o aluno possa raciocinar cada vez melhor, provocando o engajamento na investigação cognitiva e autocorretiva.

Assim, para Sanchez (2011), a proposta de Lipman é claramente normativa e determina o que e como deve ser o ensino de Filosofia, que deverá formar um futuro bom cidadão por meio do emprego de ferramentas lógicas na construção do

raciocínio.

É por meio desse desenvolvimento, com a disciplina e o fortalecimento do raciocínio, que é desenvolvido na criança uma posição cada vez mais crítica frente aos diversos problemas expostos, argumentados e dialogados nos diversos meios sociais.

A Filosofia, como disciplina acadêmica, busca incansavelmente envolver o aluno desde cedo em situações problemáticas, porém empáticas e agradáveis. Isso é possível por meio da transformação da sala de aula em uma comunidade de investigação dialógica. É o envolvimento da criança em uma comunidade que reforça a sua capacidade de investigação e, assim, aumenta gradativamente sua capacidade cognitiva.

É através do diálogo que podemos exercitar as habilidades cognitivas das crianças, e deve acontecer em um ambiente democrático e participativo, pois é um momento importante onde eles aprendem a se posicionar diante das mais variadas situações como ouvir, falar, visando o hábito de respeitar o outro, refletir, interpretar, argumentar, sendo que a partir daí ele aprenderá a ter liberdade para questionar e criticar sobre o que é certo ou errado, verdadeiro ou falso, positivo ou negativo, gerando assim uma maneira ideal de contribuição para a investigação filosófica na comunidade de investigação que é por meio do diálogo (Jesus, 2017, p. 26).

É sabido que a falta da experiência cognitiva tem a ver com o não envolvimento em experiências significativas, ou seja, a não participação em uma experiência coletiva, como na comunidade de investigação, pois é em ambientes de coletividade que o aluno tem experiências relevantes.

1.3 A comunidade de investigação como prática inovadora

Para encorajar as crianças, é necessário aplicar metodologias que as tornem curiosas e confiantes e que as façam se sentir fascinadas pelo aprender.

Diariamente, nos deparamos com pessoas despreparadas para o convívio social, que não aprenderam a conviver e respeitar mutuamente. Por esse motivo, as escolas devem criar possibilidades para que as crianças desde cedo possam experienciar uma vivência de respeito, com diálogo disciplinado, assim como uma investigação que proporcione cooperação entre os envolvidos.

Dessa maneira, formamos cidadãos por meio da comunidade de investigação,

livres de qualquer tipo de autoritarismo e manipulação. Ao contrário, a escola, por meio da criação das comunidades de investigação, formará seres críticos. Para que as pessoas se tornem racionais, é preciso ensiná-las a conviver em grupos. Isso será possível por meio da comunidade de investigação, pois é nela que se aprende a raciocinar, se tornam aptas a viverem nos diversos meios sociais. Se pretendemos que a escola forme pessoas reflexivas e racionais, é necessário torná-la um ambiente reflexivo e racional.

Como afirmam dos Santos e Gomes (2020), a comunidade de investigação é a essência do programa de Lipman, que tem a intenção de oferecer às crianças espaços de integração no diálogo filosófico, despertando a confiança para que possam acreditar em si mesmas, em suas capacidades, seus pensamentos e até mesmo em suas dúvidas.

O processo de ensino e aprendizagem acontece não apenas entre quatro paredes, mas em diversos ambientes sociais. Preparar o cidadão para o mundo é motivo de rompermos os muros do ambiente escolar.

Abordar as temáticas das disciplinas escolares por meio de discussões é algo típico da metodologia proposta pela comunidade de investigação, pois só assim as crianças poderão conhecer os diversos pontos de vista possíveis para determinada questão, diferentemente das aulas expositivas, que, na maioria das vezes, podem parecer proselitistas ou doutrinadoras, e afastar aquilo que a criança tem de melhor dentro de si, a vontade de participar das discussões em sala de aula.

Podemos exemplificar e comparar a comunidade de investigação com uma comida: se bem preparada, irá agradar o paladar dos degustadores; caso falte alguns ingredientes, como o sal e outros temperos, provavelmente todos se afastarão da comida, pois já não agradou o paladar das pessoas. Assim acontece com o cultivo da racionalidade em uma comunidade de investigação, caso falte algum ingrediente, como o diálogo, o respeito e a autocorreção.

Dessa forma, a comunidade de investigação se tornará importante na formação da racionalidade do seu público. Se as crianças aprenderem a raciocinar juntas e se não faltarem os “ingredientes”, elas aprenderão a eliminar ou lidar com suas inibições, que tanto atrapalham o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento social.

Para Fávero e Fávero (2023, p. 18),

[a] base da metodologia da Filosofia com crianças é a prática dialógica: é no diálogo e pelo diálogo que as crianças são encorajadas a construir seus pensamentos, a expor seus pontos de vista, a internalizar determinadas atitudes mentais (de interrogação, de escuta, de respeito mútuo, de autoconfiança, de autocorreção, entre outras). Entretanto, o diálogo não pode ser compreendido apenas como uma estratégia pedagógica, mas, sim, como um princípio educativo.

Sobre o mesmo assunto, Torres (2020) pondera:

A investigação ocorre quando a crença estabelecida é desconstruída pela dúvida e reconstruída em uma nova crença. A Comunidade de Investigação trabalha com o método autocorretivo, isso significa que a comunidade tem a capacidade de buscar, por meio da investigação, crenças mais adequadas para condução da experiência problemática (p. 46).

Westbrook *et al.* (2010) enxergam a comunidade de investigação como algo baseado na experiência. Na sociedade, em nossa formação como seres humanos, é indispensável o relacionamento em diversos meios sociais. Primeiro no âmbito privado, onde a criança se apropria culturalmente da maneira como a sua família convive, após isso, em meios mais amplos, na escola, a criança tem contato com diversas culturas e percepções de mundo.

É na comunidade de investigação que a criança desenvolve as habilidades de raciocínio, adquirindo competências como classificar, definir, formular questões, dar exemplos e contraexemplos, identificar similaridades e diferenças, construir e criticar analogias, comparar, contrastar e tirar inferências válidas (Lipman, 1990).

Porém, às vezes, as crianças são inibidas por adultos, que caracterizam o mundo real como algo que elas não podem conhecer, pois pode ser arriscado. Assim, as crianças acabam deixando de imaginar esse mundo. Mas quando transformamos a sala de aula em uma comunidade de investigação, essas inibições dão lugar ao diálogo, pois as crianças conversam naturalmente umas com as outras. Esse diálogo não acontece de qualquer forma, mas de maneira racional, visto que nesta comunidade são abordadas temáticas de uma forma dinâmica e que interessam a todos os participantes.

É sabido que as crianças gostam de participar do processo dialógico investigativo, partilhando suas experiências e descobertas. É nesse diálogo que podemos observar as próprias condições de aprendizagens das crianças, das habilidades, assim como dos comportamentos necessários para viver melhor no

meio social e as diferentes formas de vivê-lo.

As crianças que participam de uma comunidade de investigação filosófica não concordam com algo sem antes refletir. Em princípio, as crianças querem saber em qual circunstâncias tais afirmativas são verdadeiras ou falsas e é por meio da comunidade de investigação que elas aprimoram suas habilidades, suas maneiras de pensar sobre situações do cotidiano.

Quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma em uma comunidade de investigação, que tem compromisso com os procedimentos e técnicas que pressupõem uma abertura para a razão (dos Santos; Gomes, 2020).

A comunidade de investigação está apta a fazer com que as crianças aprendam a se envolver em atos mentais, atos verbais, assim como em raciocínio e em investigação. A preparação da criança para um pensar mais apurado do meio social pode acontecer de maneira efetiva quando ela criança está envolvida na investigação. A escola, ao adotar essa metodologia, está formando cidadãos informados e mais responsáveis, pois, ao socializar com os demais por meio do diálogo investigativo. Os alunos tendem a tornar suas concepções cada vez mais apuradas.

Quando a escola foca apenas na aprendizagem, ao invés do raciocínio, regredimos. O aluno retrocede ao ser passivo ao invés de ativo, apenas um receptor ao invés de tornar-se também um emissor. Para que tenhamos êxito em uma sala de aula, é necessário fazermos não apenas com que os alunos aprendam, mas fazê-los pensar filosoficamente. A aprendizagem sempre deve andar emparelhada com o bom pensar. É dessa forma que os alunos irão desenvolver a investigação crítica.

Quando as crianças aprendem a diferenciar os raciocínios seguros dos inseguros, estão fazendo uso da racionalidade por meio de critérios, de regras da lógica. Isso faz parte de uma investigação dialógica. A comunidade de investigação serve de espelho para os alunos, pois passam a avaliar as instituições das quais fazem parte. Essa comunidade vem facilitar o desenvolvimento dos papéis que cada um exerce dentro das instituições.

O programa de Lipman visa converter a sala de aula em uma comunidade de investigação, onde o diálogo e a cooperação fazem parte do processo democrático. Todos os envolvidos são ouvidos e aprendem uns com os outros, assim lapidam de

maneira gradativa a sua maneira de pensar, tanto individualmente como coletivamente.

Se a educação é algo importante, que se ocupa do destino do pensamento humano, então é necessário que ela deva “[...] ensinar às crianças ‘como’ pensar, e não em ‘quê’ pensar” (Daniel, 2000, p. 20).

Na sociedade, as pessoas com idade mais avançada tendem a insistir que as pessoas mais novas aceitem as suas maneiras de ser, pensar e agir que, na contemporaneidade, são chamadas de tradicionais. Para as crianças e adolescentes, que presenciam constantemente as mudanças causadas ao seu redor, esses comportamentos tradicionais são ultrapassados. Porém, essa mudança de paradigma não pode ser forçada, pois, se quisermos que os alunos pensem cada vez melhor, é necessário que a escola se aproprie de metodologias que tenham o propósito de mantê-los motivados e a experienciar momentos que induzam a falar e a escrever.

A representação significativa de uma experiência intelectual por meio do diálogo filosófico se torna exitosa, pois além de ser compartilhada, uma diversidade de alunos envolvidos, são transformados em uma comunidade de investigação, mesmo cada um tendo suas particularidades. É na comunidade que as conversações são realmente provocadas pelo espírito de investigação. E é neste mesmo ambiente que são também orientados por ideias lógicas e filosóficas.

É no desenrolar de uma investigação dialógica que os alunos descobrem a importância, assim como a necessidade de se tornarem cada vez mais racionais, e não provocadores de polêmicas. É por meio da racionalidade que se tornam seres pensantes, críticos não apenas dos outros, mas de si mesmos. Dessa forma, tornam-se responsáveis e conscientes do seu papel na sociedade.

O diálogo entre as crianças, se bem organizado e com a devida disciplina, faz com que elas melhorem suas habilidades de pensamento, pois é por meio dessa comunicação verbal que elas adquirem e começam a assimilar diversos atos mentais. Além disso, o diálogo das crianças traz benefícios, como a possibilidade não apenas de falar, mas de ser ouvido, já que essa é uma das características da comunidade de investigação.

Para Santos (1995, p. 74)

[o] conceito de sala de aula como comunidade de investigação é convertível no conceito de sala de aula democrática, cuja pedra de toque são a experiência, a reflexão e o diálogo, que potencializam ao máximo o valor de cada ser humano e permitem a continuidade entre escola e sociedade, entre educação e democracia.

A criança, assim como o jovem, sente-se bem quando se expressa livremente, e o adulto ouve aquilo que está sendo expresso por meio da fala. Isso faz com que ambos se sintam encorajados a participar do processo dialógico investigativo.

Nesse sentido, é oportuno trazer para a sala de aula atividades que são aceitas pelos alunos, o aprendizado por meio da participação torna o processo mais dinâmico e efetivo. Consequentemente, a criança melhora o seu raciocínio e passa a agir com respeito mútuo. Ao contrário, a escola não terá êxito em suas práticas ao tentar fazer com que seus alunos raciocinem de maneira brusca, ou seja, por meio de práticas que não causem empatia entre ela e o aluno.

Não temos dúvidas de que existem ambientes que são mais acolhedores que outros. É em ambientes assim que a criatividade da criança pode ser despertada mais facilmente. Assim, o bom pensar que a criança carrega consigo até a fase adulta depende das experiências adquiridas e da maneira como utilizou essas experiências no seu cotidiano. Mesmo sabendo que as crianças têm boas memórias no que se refere a símile, assim como em metáforas. Mesmo assim, não podem fazer pré-julgamentos de que a linguagem literal seja mais importante que a linguagem figurativa.

Desde os primórdios da educação, há diversas críticas a esse tema, seja a educação liberal ou progressista. Nenhuma das acusações feitas até aqui é mais grave do que dizer que a educação favorece atitudes acríticas em vez de críticas, que a educação está encarregada na formação de seres que não visam a transformação social.

Para que os alunos não sejam meros repetidores do que os outros pensam, é necessário implementar, desde cedo, a arte de pensar nas crianças, iniciando-as num tipo de pensamento progressivamente reflexivo, investigativo e crítico (Pedro; Libório, 2008).

A criança, desde muito cedo, pode desenvolver a sua criatividade por meio da capacidade de fazer mímica ou até mesmo de imitações de determinados

comportamentos. Porém, para desenvolver comportamentos filosóficos, é necessário que estejam envolvidas em uma comunidade de investigação. Dessa forma, a criança, ao invés de somente imitar comportamentos, se envolve com eles significativamente. O envolvimento da criança em diálogos filosóficos prepara o indivíduo não apenas para as situações vindouras, mas também para a sua vivência atual no meio social.

Não podemos tirar o direito da criança de raciocinar, pois sem raciocínio ela fica impossibilitada de investigar. A criança desde cedo apresenta uma mente fecunda, de modo que questiona o adulto constantemente, e esse questionamento pode ser muito bem trabalhado dentro da comunidade de investigação.

É sabido da importância de não menosprezarmos o expressar da criança, pois, dessa forma, a impediremos de fazer aquilo que ela faz com maior prazer, que é expressar-se conjuntamente. É por meio dessa expressão de maneira coletiva que se trabalhado corretamente pode desinibir a criança, fazendo com que internalize os comportamentos e o que está sendo ensinado com mais facilidade – “[a]s competências críticas do pensamento assumem-se, assim, como fundamentais neste processo contínuo e conjunto de construção do conhecimento” (Carvalho, 2014, p. 74).

O trabalho contínuo na comunidade de investigação trará resultados positivos, não apenas dentro da sala de aula, mas em outros grupos sociais, pois os reflexos de um bom trabalho irão além do ambiente escolar. Para isso, é necessário que a comunidade esteja comprometida com a transformação dos seus indivíduos, com a autocorreção e com a criatividade.

A proposta nos mostra que é por meio de uma discussão que a criança se envolve e se desenvolve; essa discussão pode acontecer por meio da comunidade de investigação filosófica. Para que a escola venha cumprir realmente o seu papel educacional, é necessário que ela, a princípio, desenvolva o seu papel no que se refere a leitura, a escrita, além de fazer com que as crianças aprendam a ouvir e a falar assim, como raciocinar cada vez melhor.

O aluno, ao discutir, melhora significativamente sua maneira de raciocinar assim como desenvolve as habilidades de investigação. Infelizmente, boa parte das nossas salas de aula ainda estão impregnadas por práticas tradicionais, onde o aluno que argumenta e expõe o seu pensamento é tido como perturbador.

Lipman e Sharp (1995) enfatizam que os alunos podem ser educados a viver melhor nos grupos sociais dos quais fazem parte, sendo mais tolerantes para com a diversidade que os cerca. Mas isso só será possível se participarem de uma comunidade de investigação comprometida, principalmente com a autocorreção, dialogando dentro da tradição filosófica. Esse diálogo terá característica de uma comunidade assim como também de uma responsabilidade e comprometimento de cada indivíduo.

Em uma comunidade de investigação, todos devem estar aptos a aceitar a metodologia assim como as ideias dos colegas de maneira ética, dando razões quando necessário. Já a rejeição é tida como não ética, pois todos são sabedores que devem compreender mutuamente, sabendo da importância da ideia de cada criança ao ser discutida em uma comunidade de investigação.

A comunidade de investigação está apta a trabalhar as diversas habilidades de raciocínio, de investigação, de formação de conceitos e de interpretação. Essas são exemplos de habilidades que podem ser adquiridas coletivamente. Não podemos admitir que as instituições escolares continuam submersas em uma educação tradicional, sendo que estas instituições são compostas por alunos que acompanham diariamente acontecimentos recorrentes do seu cotidiano, e por isso sentem a necessidade não apenas de inovações, mas de uma escola que dê significado para as suas vidas.

O raciocinar juntos, na comunidade de investigação, evita polemicas e é algo importante para toda a vida humana, pois somos seres que necessitamos do viver em sociedade, dialogando e buscando meios para vivermos cada vez melhor nos diversos grupos sociais aos quais fazemos parte.

Segundo Elias (2005, p. 16),

[o] diálogo é diferente da polêmica, pois os interlocutores não buscam fazer prevalecer, a qualquer custo, seus pontos de vista e sim, buscam juntos a construção coletiva de um conhecimento maior sobre o tema em discussão. Os pontos de vistas individuais são submetidos ao exame crítico dos parceiros da comunidade de investigação e se somam ao esclarecimento do tema.

O diálogo é um processo no qual os participantes se engajam em uma troca de ideias construtiva, onde o objetivo principal é aprimorar o entendimento coletivo sobre o assunto em discussão. Diferentemente da polêmica, no diálogo, os

interlocutores não estão focalizados em impor suas opiniões pessoais, mas sim em explorar diferentes perspectivas, identificar pontos de convergência e divergência, e trabalhar em conjunto para alcançar uma compreensão mais profunda.

Vivemos e compartilhamos conhecimentos e ideias dentro de uma sociedade injusta e às vezes irracional. Não podemos esperar que crianças se comportem de maneira correta, pois as instituições que as educam seguem as normas ditadas por uma minoria e acabam esquecendo de educar a grande massa. Assim, continuam educando não para a vida em sociedade, mas para o individualismo desumano e irracional.

Valoriza-se a oratória nos ambientes escolares, mas deve-se valorizar cada vez mais a arte de ouvir, pois assim a escola poderá atender e respeitar os anseios dos alunos.

A instituição que mais luta por transformações sociais significativas é a escola, uma vez que as práticas realizadas em seu cotidiano têm o poder de abolir ou fortalecer os vários tipos de irracionalidades praticadas no âmbito educacional. A educação deve ter as mesmas características do mundo em que queremos viver, e o currículo deve passar por uma transformação para assim produzir tal educação.

Seja em casa ou na escola a criança é vista como um ser frágil e aberto a múltiplas aprendizagens, como tal, deve ser inserida num contexto que vá garantir-lhe uma formação, emocional e intelectual adequada para que possa desenvolver-se bem, antes de tornar-se o homem ideal, adulto por excelência (Elias, 2005, p. 54)

Então, o modelo de sala de aula proposto é o de uma comunidade de investigação. Esse modelo se aproxima do ideal de mundo, ou seja, da sociedade que queremos, onde haja ética, e prevalece o respeito. Consequentemente, as crianças acabam praticando os mesmos comportamentos nos diversos meios sociais que frequentam.

A comunidade de investigação irá beneficiar não apenas os seres envolvidos, mas a sociedade em geral, uma vez que esse ser crítico, reflexivo e dialógico que faz parte de uma comunidade, atingirá diretamente a sociedade da qual faz parte.

1.4 Ética e moral como princípio educativo na comunidade de investigação

As pessoas que não conhecem a metodologia da sala de aula transformada

em uma comunidade de investigação podem desprezá-la, pois acabam observando-a como uma simples conversa e não percebem que essa conversa melhora a maneira de pensar e transforma as mais simples conversas em diálogos cada vez mais críticos e reflexivos por meio do aprimoramento das habilidades de raciocínio tornando a conversa em um diálogo mais disciplinado.

Conduzir as crianças para uma educação de valor significa educá-las em um contexto em que a cooperação e o dever social sejam vistos acima de tudo. Sabe-se que a competição, assim como o individualismo, torna os seres humanos cada vez mais distantes da razão que busca a Filosofia, dos pressupostos éticos de que tanto necessita. Sendo assim, “a democracia como investigação implica na união dos critérios de racionalidade e consenso conforme praticados na comunidade de investigação e são exigências maiores do que ter apenas cidadãos individuais pensativos” (Lipman, 1995, p. 356).

É de fundamental importância que saibamos que apenas cultivar as habilidades de pensamento seja o suficiente para que as crianças continuem a investigar sobre os valores. É necessário que o meio em que estejam inseridas considere importante não só raciocinar, mas raciocinar cada vez melhor. Para que isso aconteça de maneira exitosa, é necessário raciocinar em grupo sobre os problemas que os rodeiam, dessa forma a formação de conceitos sobre eles tomarão rumos diferentes.

As crianças que fazem parte de uma comunidade de investigação, aos poucos aprendem e internalizam habilidades. O diálogo é fundamental para que as comunidades de investigação se tornem cada vez mais justa. A maneira como dialogamos pode mudar o nosso comportamento e o comportamento das pessoas à nossa volta. Sendo assim, abandonamos alguns valores e nos agarramos a outros que sejam úteis não apenas para nós, mas para a comunidade.

Em uma sala de aula onde se pretende trabalhar a investigação ética, ou seja, a comunidade de investigação é de fundamental importância que seja proporcionado um contexto que respeite o ritmo de cada aluno e o tempo necessário para a realização de deliberações. O ambiente deverá, portanto, passar por um clima não opressivo e onde se possa tranquilamente tomar decisões ou simplesmente, não as tomar. Segundo Brito (2020, p. 60), “[u]ma vez propiciado o ambiente adequado à investigação é igualmente possível relacionar a capacidade de desenvolver um

melhor juízo com a frequência com que se o coloca em prática”.

A ética é considerada um dos principais ramos da Filosofia, trata-se da conduta moral. Para que a escola possa gerar uma empatia entre ela e seu corpo discente é necessário que aproveite os impulsos da criança, ou seja, daquilo que gostam de praticar e assim aprendam a praticar cada vez melhor no ambiente escolar.

Por meio da comunidade de investigação, a escola pode evitar a competitividade e focar na coletividade, fazendo com que cada um colabore de acordo com o seu grau de percepção, e perceba o mundo de maneira cada vez mais inteligente.

Para evitar que os alunos caiam no mecanicismo, é necessário superar a formação para a mera individualidade do aluno em favor de uma educação que o conduza a perceber sua condição de singularidade e de particularidade. Esse é o pressuposto para que o aluno se eleve de sua condição individual para uma visão de pertencimento à coletividade, à comunidade, ao gênero humano (Fávero; Centenaro, 2017, p. 56).

Em qualquer disciplina escolar, pode-se investigar valores e organizar a sala de aula enquanto uma comunidade de investigação de valores. Por meio dela, os alunos poderão aprimorar suas habilidades, melhorando seus raciocínios e participando de uma mútua e importante troca de ideias. É por meio da comunidade que a criança molda o seu caráter, gerando uma mudança significativa, não apenas na escola, mas também na sociedade em que está inserida.

Os indivíduos pertencentes a uma comunidade de investigação passam a agir de maneira mais justa na sociedade. Esse conjunto de hábitos aprendidos na comunidade mostra o quanto esse ambiente é importante na formação do caráter da criança. Daí a importância do trabalho na comunidade, significativo para a formação do caráter da criança.

Na perspectiva de Muraro e Sousa (2019), a comunidade de investigação pode levar o aluno a pensar de maneira equilibrada e adquirir hábitos que extrapolam a sala de aula e que estimularão as demais experiências em sociedade, sempre num processo crescente e ininterrupto.

É dentro da comunidade de investigação que as crianças internalizam as regras e aprendem a ouvir melhor umas às outras e se tornam mais preparadas,

tanto no que se refere aos seus respectivos pontos de vista como dos colegas.

Dessa forma, verifica-se que o modelo de comunidade de investigação deverá ser adotado em todo o Ensino Fundamental e médio, pois é por meio dessa prática contínua que reforçamos e garantimos a continuidade dos hábitos aprendidos na comunidade de investigação. A melhor maneira para raciocinarmos é por meio do envolvimento em grupos, pois assim evitaremos alguns atos injustos e violentos, tornando seres cada vez mais aptos a viverem em uma sociedade de maneira cada vez mais harmônica.

Sanchez (2011, p. 37) afirma que

[e]nvolvendo as crianças em diálogos filosóficos nas comunidades de investigação, já se estaria desde cedo fazendo com que elas vivenciem um 'modelo' que vale pela própria democracia, com que elas se acostumem às regras democráticas da deliberação e do respeito ao próximo.

O melhor meio de incentivar as crianças a pensar melhor, é sem dúvida por meio do diálogo proposto pela comunidade de investigação, pois é dentro da comunidade que o diálogo acontece de maneira disciplinada. Aqui, o professor deve ser cauteloso, pois as crianças gostam de expor as experiências sobre valores e suas vivências pessoais. Porém, tudo isso deve servir como um ponto de partida e não como ponto final da investigação.

Se pretendemos ter uma educação voltada para os valores, devemos fazer da sala de aula um meio por meio do qual as crianças podem investigar dialogicamente tornando esse ambiente cada vez mais cooperativo e decente entre os seus membros. Um ambiente em que todos venham familiarizar-se, não apenas com os seus respectivos pontos de vista, mas com as opiniões dos outros.

É a partir dessa vivência que o aluno começa a refletir de maneira crítica sobre o seu ponto de vista e constata-se que pode ser ruim nas assimilações de certas disciplinas. Mas ele verifica também que pode superar sua maneira de ver e agir na sociedade, se tornando cada vez mais crítico e experiente por meio de diálogos.

A Filosofia seria capaz de problematizar a realidade, contribuindo inclusive para a problematização dos diferentes conteúdos as outras disciplinas e construindo uma ponte de "sentidos" capaz de unificar o currículo escolar. Ela seria, mais ainda, capaz de transformar o modo de vida das pessoas, por fazê-las capazes de pensar melhor, de investigarem com espírito crítico

e criativo, de serem mais razoáveis e de serem mais cuidadosas em suas relações sociais e intelectuais (Sanchez, 2018, p. 36).

Fala-se em seres racionais, mas se realmente queremos que as crianças se tornem adultos mais responsáveis e racionais no que se refere aos valores, as escolas devem ensiná-las como investigar os valores, fazer com que elas descubram por si mesmas o que tem realmente valor para as suas vidas, e que tal valor venha surgir por meio de uma investigação mais refletida. É por meio da investigação que os procedimentos são internalizados e, dessa forma, contribuem de maneira cada vez mais significativa tanto para o desenvolvimento como para a racionalidade das pessoas envolvidas.

As famílias estão se sentindo cada vez mais impotentes em relação à transmissão de valores, pois as gerações mais novas preferem acreditar em sua geração. E isso nos mostra que as gerações mais velhas se sentem inseguras em relação à educação de valores a serem transmitidas, e dessa forma delegam à escola a fazer aquilo que era o papel da família, ou seja, a instrução moral dos seus filhos.

A combinação da educação de valores nas famílias e a participação em comunidades de investigação dialógica pode ajudar a promover o desenvolvimento moral, intelectual e social das crianças, capacitando-as a se tornarem cidadãos responsáveis e éticos. Nesse sentido, a escola se torna uma das principais instituições de apoio para as famílias.

Algumas pessoas podem se questionar se a instituição escolar estaria apta a trabalhar na transformação dos seus discentes, para que eles se tornem cidadãos cada vez melhores. Porém, a escola ainda não está totalmente preparada para fornecer os princípios morais, que é algo pessoal e de responsabilidade dos pais.

A escola não quer carregar consigo acusação de estar sendo omissa na preparação de valores e muito menos ser acusada de uma doutrinação para com seus discentes.

Se os professores adotam quaisquer princípios éticos particulares e os impõem a seus alunos, ficam sujeitos à acusação de doutrinação. Por outro lado, se os professores se recusam a adotar esses princípios ou se os questionam abertamente, ficam sujeitos à acusação de que estão ensinando as crianças a acreditarem que os valores são meramente relativos ou subjetivos. Em suma, a escola não quer ser acusada de doutrinação, seja por algum sistema absoluto de valores, seja por uma

abordagem relativista de valores (Lipman, 1990, p. 92–93).

Constata-se que as escolas têm razão de se preocuparem. Estão sempre prontas para ajudar seus alunos a se tornarem cidadãos cada vez melhores. Porém são conhecedoras de que ainda não estão totalmente prontas para suprir a necessidade que as crianças têm dos valores pessoais, de responsabilidade dos familiares.

Se torna cada vez mais notório que as barbáries podem diminuir de maneira significativa se as pessoas, desde pequenas, começarem a dialogar e raciocinar de maneira mais inteligente, juntas, para que, a partir desse raciocínio socializado, alcancem uma democracia viável para todos os seres humanos.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

[c]onforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais (Brasil, 2018, p. 9).

Para que as crianças façam cada vez mais uso da razão, é necessário fazermos com que reflitam e que a internalizem. O cultivo dessa racionalidade deve acontecer em uma comunidade de investigação, ou seja, dentro de uma sala de aula transformada em uma comunidade de raciocínios.

Se não podemos ensinar as crianças a raciocinar, podemos envolvê-las, por meio de ferramentas e procedimentos, em uma investigação ética, dessa forma estarão envolvidas em práticas cada vez mais racionais. É por meio do envolvimento na investigação dialógica que a criança irá aprimorar suas habilidades.

É por meio do envolvimento do aluno em um diálogo disciplinado e raciocinando que ele é desafiado a pensar de maneira mais racional e desenvolver suas habilidades cognitivas. Dessa forma, ele é treinado a pensar de maneira crítica e a ouvir cuidadosamente as outras pessoas assim como valorizando e levando em conta os pontos de vista dos outros.

Se chegássemos diante de uma comunidade de investigação madura, poderíamos encontrar

[c]rianças ouvindo e construindo as ideias uns dos outros; dando e

analisando razões; apoiando argumentos; ajudando uns aos outros a formular perguntas e ampliar pontos de vista; apoiando a hipótese de alguém com um exemplo, desafiando os outros com um exemplo contrário; criando tempo e espaço para vozes tímidas se expressarem e para vozes agressivas se tornarem mais reflexivas e atenciosas; e mostrando, de várias maneiras, que eles estão preocupados com a estrutura e o procedimento da investigação quanto com seu conteúdo (Splitter; Sharp, 2001, p. 32).

Os alunos que aprendem por meio de uma comunidade de investigação quando adultos se tornam mais éticas, pois aprendem a viver com mais seriedade. Essas pessoas, quando adultas, se preocupam não apenas como cada uma irá viver individualmente, mas coletivamente.

Uma parcela significativa de pais deseja que os filhos se tornem capazes de possuir, de adquirir aquilo o melhor para as suas vidas. No entanto, será que aquilo que eles buscam e gostam é realmente o melhor para eles? É necessário que os alunos aprendam a agir e conviver uns com os outros de maneira cada vez mais ética.

As crianças tendem a não gostar da maneira como são impostos os valores pelos adultos, mas podemos fazer com que aprendam por si só. A partir dessa descoberta, podem fazer uso desses valores, que não foram impostos por adultos, mas trata-se de uma descoberta por meio da investigação dialógica e cooperativa.

Como informa Silva (2012), nos últimos anos, vários estudos demonstraram que as crianças devem ser vistas como indivíduos com características e pensamentos próprios, cabendo ao adulto apenas auxiliá-las a compreenderem a si mesmas e ao mundo que as cercam.

Nesse sentido, a escola deve encorajar as crianças desde cedo a pensar filosoficamente sobre o que é importante não apenas para si, mas para a coletividade. É por meio dessa coletividade organizada que a escola formará cidadãos cada vez mais responsáveis e reflexivos.

Quando a escola se organiza para encorajar as crianças, a sala de aula toma rumos diferentes. Aquelas crianças que se envolvem em um diálogo são mais comprometidas com a reflexão, seja em sala de aula ou em qualquer meio social. A internalização do diálogo por cada um dos alunos colabora com o seu agir não apenas coletivamente, mas individualmente.

Para Carvalho (2014), na comunidade de investigação, a corresponsabilização pelo conhecimento produzido traduz-se na internalização dos

procedimentos daí decorrentes e na sua transposição para a esfera da ação. É esse o pleno significado da natureza filosófica, integrada e prática da concepção do pensamento crítico.

A criança irá descobrir sobre o jeito correto de ser, pensar e agir a partir do seu envolvimento na comunidade de investigação. É por meio da comunidade que a criança irá aprimorar o seu modo de ser e de ver o mundo a sua volta.

1.5 O comprometimento da criança em uma investigação ética

A proposta de uma investigação dialógica e organizada nos fez pensar que as crianças não apenas podem, mas devem, fazer Filosofia. De acordo com cada faixa etária, a criança se engaja em uma investigação ética e, aos poucos, vai se desprendendo dos diversos tipos de falácias que lhe são apresentadas diariamente e que podem corrompê-las, pois muitas dessas falácias têm o objetivo apenas de doutrinar.

Os alunos fazem coisas que, ao pensamento adulto, parecem impossíveis. Eles expressam questionamentos metafísicos, questionamentos que, aos olhos filosóficos, dão início a uma investigação filosófica acerca da natureza, constituição e estruturas básicas da realidade que as cercam e assim deixam o adulto cada vez mais perplexo. Alguns exemplos:

1) Perguntas sobre a origem do universo: os alunos desde perguntam de onde viemos e como o mundo começou. Essas perguntas desafiam as noções estabelecidas pelos adultos e podem levar a reflexões filosóficas sobre a existência e a natureza da realidade.

2) Pensamento criativo e imaginativo: os alunos têm uma capacidade incrível de pensar de forma criativa e imaginativa. Podem criar histórias e cenários completamente fora da realidade cotidiana, levantando questões sobre a natureza da ficção e da imaginação.

3) Questões sobre a moralidade e a justiça: os alunos fazem perguntas sobre o certo e o errado, a justiça e a igualdade. Podem questionar por que algumas ações são consideradas boas e outras más, levando a discussões filosóficas sobre ética e moralidade.

4) Reflexões sobre a vida e a morte: frequentemente, os alunos

expressam curiosidade sobre a vida e a morte. Elas podem se perguntar sobre o significado da vida e o que acontece depois que morremos, explorando questões existenciais e metafísicas.

Como afirma Gaarder (2012), para as crianças, o mundo é algo novo, desperta admiração. Entretanto, nem todos os adultos enxergam o mundo dessa forma, vivenciando-o como algo absolutamente normal.

O modelo de educação vigente tem demonstrado suas fragilidades em relação ao desenvolvimento da criança por ter adotado práticas que provocam apatia e um certo desespero da criança para com as metodologias pedagógicas e os respectivos materiais utilizados no seu desenvolvimento. Seria mais produtivo para o avanço das crianças se a escola oportunizasse o engajamento em diálogos racionais ao invés de apenas expor aquilo que o adulto pensa de forma impositiva.

A investigação ética proposta logo no início da escolaridade da criança exige que os professores produzam materiais a partir de teorias filosóficas já existentes, não esquecendo da capacidade da criança de engajar-se em uma comunidade. Para isso, basta que o professor esteja preparado para que isso possa acontecer. Desde a infância a criança carrega consigo algumas características advindas do meio social do qual está inserida, e algumas dessas características devem ser examinadas como problemáticas em vez de acolhidas como corretas.

Segundo Theobaldo (2009), a investigação ética na comunidade de investigação possui uma íntima conexão com a formação para a cidadania soberana e democrática, já que todos os esforços implementados na comunidade de investigação visam atingir a autonomia cognitiva e moral para a atuação nos espaços sociais de maneira reflexiva e solidária.

Conforme os avanços na sociedade moderna, mudou-se a maneira de como as famílias vivem e convivem, uma dessas mudanças é o distanciamento entre pais e filhos, que se esquecem da necessidade de se adaptarem a uma nova maneira de viver e conviver em uma sociedade. Isto se deve, em grande parte, ao excesso de trabalho dos pais.

Alguns pais percebem o distanciamento como algo diferente daquilo que presenciaram quando crianças, pois trabalhavam em comunidades, até mesmo quando eram crianças. Porém, a contemporaneidade vem fazendo com que essa realidade se distancie cada vez mais das famílias.

Sendo assim, vemos, na comunidade de investigação, um meio de fazer com que os futuros adultos possam não apenas investigar e pensar melhor, mas fazer da comunidade um ambiente de transformação social. O que é aprendido e internalizado por meio dela pode servir de alimento ético e alimentar os diversos grupos sociais dos quais as crianças fazem parte, pois é a falta deste fator ético que vem tornando não apenas a sala de aula, mas a sociedade, cada vez mais monótona.

Bini (2001) ressalta que a prática filosófica da reflexão, do questionamento, da análise, da investigação, da autocorreção por meio da discussão bem organizada pode ter seu começo na escola e ampliar-se a outros campos de convivência, a comunidade, a vida social. Com o passar do tempo, cada pessoa internaliza a comunidade, tornando-se capaz de autocorrigir seus pensamentos.

Surge, então, a possibilidade de edificar a comunidade de trabalho por meio da comunidade de investigação na qual a participação mútua de crianças e adultos acontece não de maneira vertical, e sim horizontal. A estrutura de uma comunidade de investigação se fortalece quando as crianças envolvidas passam a internalizar algumas situações que são características de uma comunidade, como: distinção de um argumento bom de um ruim, exigência e coerência tanto nas suas argumentações como na dos outros, autocorreção e aprendizagem do pensar melhor e a reflexão crítica por meio da comunidade.

É na sala de aula convertida em uma comunidade de investigação que surgirão seres capazes de se autocriticar e se autocorrigir por meio do diálogo filosófico. Desde a infância, as crianças têm a necessidade de se expressar livremente, pois é nessa fase que a admiração surge com mais frequência, é aí que começam as indagações.

Para Castilho e Muraro (2017), a criança precisa ouvir e se pronunciar. É contrastando opiniões que trabalham a autocrítica e a autocorreção. Elas começam, pouco a pouco a entender as diferentes visões sobre um mesmo ponto. Por isso, converter a sala de aula em uma comunidade de investigação se mostra uma maneira de proporcionar aos alunos momentos de opiniões divergentes, de reformulação de pensamento, de respeito ao próximo e de aprendizado para a vida.

É de suma importância que as crianças aprendam como dialogar de maneira ética, pois só assim se tornarão adultos mais preocupados com o bem-estar de

todos e não apenas em olhar só para as suas opiniões, interesses e necessidades próprias, desprezando assim as necessidades alheias. Ao contrário, formaremos pessoas apáticas não apenas em relação ao conteúdo abordado, mas também umas para com as outras.

Se, à criança, não é dada a oportunidade de pensar e discutir tanto os fins como os meios e suas inter-relações, elas provavelmente se tornarão céticas a respeito de tudo, exceto de seu próprio bem-estar. Nesse sentido, os adultos não tardarão em condená-las como “pequenos relativistas estúpidos”.

A participação em uma comunidade de investigação faz com que os alunos venham a desenvolver uma percepção mais aguçada, passando a perceber os pontos de vista dos outros. Dessa forma, eles levam em conta uma visão diferenciada na construção da sua própria percepção de mundo, isso faz com que o diálogo permaneça sempre dinâmico e aberto propiciando a participação de todos os envolvidos.

Os alunos podem ser educados e preparados para uma percepção mais proveitosa no que se refere ao uso da racionalidade. Assim, eles aprendem a viver de maneira mais racional, tornando-se seres cada vez mais tolerantes para com a diversidade que os cercam.

Como afirma Lipman (1997), em uma comunidade, ou seja, em um ambiente que fomenta a discussão, as crianças devem saber que suas palavras podem causar efeitos positivos ou negativos sobre os outros participantes. Elas devem saber que cada um pensa e interpreta de maneira diferente. Mesmo assim, devem agir com respeito, observando os diferentes tipos de registros e interpretações feitas por seus colegas a respeito dos seus comentários – isso leva ao êxito da comunidade de investigação.

Porém, isso só acontecerá se desde cedo fizermos com que os alunos participem ativamente de uma comunidade de investigação comprometida em trabalhar com a autocorreção e o diálogo com os participantes de maneira ética. Esse diálogo terá característica não apenas da comunidade, mas também do comprometimento dos envolvidos no processo.

Verificou-se que, durante as aulas ministradas no Ensino Fundamental, a maneira como os alunos dialogam e investigam um assunto são diversificados. Lucca (2015) afirma que, ao compreender o quanto é importante a fala, o diálogo

entre as crianças, é de se lamentar que muitas vezes o educador tenha dificuldade de deixar esse processo transcorrer de forma natural. É algo tão simples para as crianças, e nós, adultos, temos dificuldade de aceitar o que muitas vezes seria a solução dos problemas. Se nos espelhássemos nas crianças e usássemos mais o diálogo, teríamos menos conflitos e problemas.

Isso leva a certas divergências e conflitos e torna o ambiente escolar propício às agressões, ao bullying, que é um comportamento agressivo e repetitivo. Nele, uma criança sempre será a dominadora e a outra, a dominada. Assim fica a sala de aula quando não levamos a sério o diálogo e a investigação filosófica e ética.

Para que as crianças se sintam estimuladas e participem das aulas e do processo educativo de maneira cada vez mais eficaz, o professor deve priorizar o diálogo ético e harmonioso, se desprendendo de metodologias ultrapassadas, que, durante décadas, tornaram o processo de aprendizagem mais enfadonho, pois o tradicionalismo tem como suas principais ferramentas de trabalho o papel e a caneta.

2 O PROFESSOR E A PROPOSTA DE LIPMAN

2.1 O papel do docente no processo dialógico investigativo

É relevante que, no atual cenário educacional, os docentes usem de metodologias atrativas, que despertem o interesse dos alunos, de forma a transformar o processo de ensino e aprendizagem. Neste trabalho, propomos que essa transformação deve ocorrer por meio de metodologias cada vez mais dinâmicas com o intuito de fazer com que os alunos dialoguem e transformem a sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica.

Nessa perspectiva, vislumbramos a importância do diálogo e da investigação filosófica, que levam os alunos e os professores de Filosofia, e de outras disciplinas, a reflexões sobre uma participação mais dinâmica em sala de aula.

Não basta somente falar como funciona a Filosofia, é necessário que os alunos aprendam Filosofia. É necessário que o professor tenha consciência de que precisa oportunizar essa prática, precisa incentivar o questionamento, o pensar e oportunizar abertura ao diálogo. É nesses momentos de prática que os alunos reconhecem o verdadeiro valor da Filosofia, e é a comunidade que pode propiciar momentos como esse (Lucca, 2015).

Diante disso, enfatiza-se que o estudo dessa temática é de grande relevância. Constatou-se que é por meio da investigação que as crianças irão aprimorando seus conhecimentos, além disso o diálogo é peça fundamental para que elas aprendam e inovem seus conhecimentos, tornando-os mais eficazes.

Sendo assim, esta pesquisa visa proporcionar aos professores uma atuação mais eficaz diante das situações do cotidiano no ambiente escolar. Para os alunos, ela também pode ser relevante pois nos propomos a enfatizar temáticas que envolvem a Filosofia, a vida no meio social, que podem atrair os alunos do Ensino Fundamental.

Além disso, é proposto aos docentes de Filosofia preparação por meio dos cursos que trilhem as mesmas metodologias propostas pelo programa, e assim os professores possam vivenciar aquilo que seus alunos também vivenciam. Os temas filosóficos tendem a atrair as crianças naturalmente.

Pode-se concluir que temos a necessidade, não apenas de formar, mas formar democraticamente os protagonistas do processo educacional, o professor e, conseqüentemente, o aluno (de Araújo, 2020).

Os educadores contemporâneos devem estar aptos às orientações de seus educandos, renunciando a algo que esteve enraizado durante décadas na educação, que foi a transmissão de conteúdo. Assim, o professor orientará na busca pelo conhecimento, e nas formas como esse conhecimento deve ser assimilado para que de fato se torne significativo para o aluno.

O professor deve buscar meios, ou seja, melhorar a sua prática, aplicando novas metodologias de ensino, fazendo com que o aluno venha se tornar um ser cada vez mais ativo, e não apenas um ser passivo, como na pedagogia tradicional. Dessa forma, o professor tem a missão de propiciar meios que visem criar sujeitos capazes de transformar o mundo em vivem.

É necessário que gestores e professores, juntos, repensem as maneiras de educar e conduzam as crianças a boas relações sociais. Assim, as crianças terão mais oportunidade para fazer julgamentos e escolhas inteligentes e coerentes às suas necessidades e construção de novos conceitos e significados (de Souza, 2013).

A escola, deve se tornar um lugar propício à prática dos questionamentos filosóficos, pois é nesse ambiente que professor e aluno se envolvem e participam simultaneamente de comunidade de investigação, onde abordam assuntos relevantes para a vida em sociedade. Os assuntos a serem abordados fazem parte da própria Filosofia, que é de natureza interdisciplinar, e por isso deve se tornar o núcleo dos currículos de toda a Educação Básica.

Como afirma Freire (1985, p. 28), “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.”

Fica evidente a necessidade da empatia entre os envolvidos em uma comunidade de investigação. Ao colocar-se no lugar do outro, entendendo suas dificuldades e respeitando-as, consegue-se êxito em uma comunidade.

Se pretendemos que as crianças se afastem de concepções sobre um determinado assunto, nós, adultos, devemos mostrar as razões desse afastamento. Do mesmo modo, não podemos esquecer de discutir de maneira franca os motivos

que elas têm para que nós como adultos adotemos suas ideias (Lipman; Sharp, 1997).

O professor não deve se preocupar apenas em dar respostas, mas devem fazer com que as crianças formulem questionamentos e encontrem respostas por conta própria. Sabe-se que elas podem aceitar nossas ideias, mas isso depende da maneira como isso é repassado a elas.

A descoberta de algo para as crianças é bastante interessante e grandioso, pois o que elas querem realmente é participar da investigação, e através dela vivenciar e partilhar novas experiências. As crianças muitas vezes são questionadas sobre seu conhecimento, mas isso não significa que elas não possam aprender ou assimilar as coisas com facilidade. É aí que entram as estratégias do professor, para que as crianças aprendam certas habilidades e aos poucos dialoguem e investiguem de maneira correta.

Entre os quatro tipos de habilidades propostos pelo programa de Lipman, está a habilidade de investigação:

[p]ara que as crianças resolvam problemas postos pela sociedade a qual estão inseridas, devem não apenas observar como também, identificar problemas, levantar questionamentos, formular hipóteses, estimar, prever, verificar, medir, constatar, descrever, analisar, generalizar adequadamente, concluir, sintetizar, assim como, ser capaz de comportamento autocorretivo, sendo assim estará buscando o caminho e não apenas esperando a resposta pronta e acabada (Silveira, 2003, p. 7-8).

É por meio do diálogo e da investigação que a criança consegue aprimorar suas habilidades e investigar, buscando e descobrindo caminhos e não respostas prontas para chegar à realidade. A criança só participa de coração aberto de uma investigação se as discussões forem abertas, ao contrário, o planejamento do professor falhará. Nessas discussões deve-se deixar óbvio que a razão sempre prevalecerá em todos os momentos das conversas, e que o conversar seja acompanhado de bons raciocínios.

O adulto não pode podar a criança quando ela questiona, pois ela pode se sentir inferior quando não recebe resposta satisfatória. Isso atrapalha o processo educativo, que pode vir a ocorrer em uma comunidade de investigação, através do qual ela dialoga e se torna um ser cada vez mais reflexivo (Lipman; Sharp, 2004).

O professor é o maior responsável pelo sucesso da prática filosófica em sala

de aula, pois ele não pode apenas trabalhar como se fosse um orador e fazer o da sala de aula um palco para esbanjar a sua oratória. Ele deve fazer com que as crianças interajam por meio do diálogo, pois, assim como nos adultos, as falas das crianças revelam as suas diversas maneiras de pensar e se expressar. A escola tem papel fundamental no que se refere ao incentivo à comunicação e à escuta de maneira ativa do outro em sala de aula.

Parcerias entre escolas e universidades, por meio de projetos de extensão e de grupos de pesquisas, podem promover discussões sobre as diversas formas de ensinar, isso irá se aprimorando por meio do diálogo entre as instituições.

É necessário que o Estado ofereça formações aos professores que fortaleçam o fundamento do professor como mediador do processo de ensino aprendizagem, e não apenas como reprodutor de teoria que na maioria das vezes não tem relação com as diversas realidades existentes na escola.

Para que a educação contribua com a formação crítica dos alunos é preciso que antes de qualquer coisa seja promovida uma formação docente que perpassa a aquisição de teorias, e sim, desenvolva tanto no professor quanto nos alunos um 'conhecimento poderoso (Young, 2007, p. 1294).

Entende-se que a comunidade de investigação torna o ambiente escolar propício ao aprendizado da criança, mas a utilização de outros materiais além de livro didático, ainda é uma barreira para os professores. Essa barreira surgiu devido à herança da educação tradicional, impregnada em boa parte da sociedade. Mas não é apenas durante o processo de ensino e aprendizagem que isso fica explícito. Boa parte dos professores ainda sente dificuldades em relação aos cursos de capacitação e às metodologias – sabemos que ambos deveriam andar emparelhadas durante todo o processo de ensino aprendizagem.

Os professores contemporâneos devem conhecer cada vez mais as suas respectivas disciplinas, tal como aprender todas as etapas da metodologia que organiza e assim facilita o processo de ensino e aprendizagem. Esses professores devem aprender as mesmas metodologias a serem ensinadas a seus alunos em sala de aula. E é por meio desse conhecimento adquirido e aplicado em sala de aula que podemos transformar a realidade.

A comunidade de investigação, na medida em que cresce no desenvolvimento das habilidades cognitivas, possibilita aos alunos e ao professor

pensar o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da comunidade de investigação. Isso significa que a comunidade ganha autonomia e faz com que as discussões fluam de maneira natural, pois os integrantes internalizam a metodologia e os procedimentos da investigação dialógico-filosófica (Lima, 2018).

Se o professor, de uma certa forma, cria uma apatia para com uma metodologia que está aprendendo da mesma maneira, essa apatia tende a transparecer ao seu trabalho com alunos em sala de aula. O professor deve ser formado com amor, deve-se procurar meios para que esse profissional aprenda a gostar cada vez mais da disciplina que leciona, pois assim se tornará cada vez mais apto a ensinar.

Quase sempre o professor encontra barreiras em sala de aula, e uma delas é fazer com que as crianças se envolvam nas aulas de maneira que o respeito e a ética venham sempre prevalecer, e a sala de aula se torne um ambiente cada vez mais harmonioso. Isto é possível graças ao trabalho interdisciplinar coordenado pela Filosofia, que busca não só o seu desenvolvimento, mas de todas as outras disciplinas, fazendo com que determinados problemas educacionais enfrentados diariamente por professores e alunos possam ser solucionados por meio da Filosofia, ou seja, da comunidade de investigação filosófica.

Os alunos apresentam comportamentos éticos que indicam se estão experienciando uma comunidade de investigação filosófica. O professor deve fazer com que comportamentos como esse permaneça ao longo das aulas, identificando quando o aluno:

[a]ceita, com boa vontade, a correção feita pelos colegas; [é] capaz de ouvir atentamente os outros; [é] capaz de considerar, seriamente, as ideias dos demais; [é] capaz de construir sobre as ideias dos colegas; [é] capaz de desenvolver suas próprias ideias sem medo de rejeição ou de humilhação; [é] aberto a novas ideias; [é] capaz de detectar pressuposições; [d]emonstra preocupação com a consistência ao apresentar um ponto de vista; [f]az perguntas relevantes; verbaliza relações entre meios e fins; [m]ostra respeito pelas pessoas da comunidade; [m]ostra sensibilidade ao contexto ao discutir conduta moral; [d]iscute questões com objetividade; [e]xige critérios (Sharp, 1995, p.7).

O professor tem papel fundamental no processo de formação ético da criança. Se esse profissional, junto à escola, não desenvolver bem o seu papel, as diversas instituições sociais, das quais as crianças participam quando adultas, desmoronarão,

pois falhamos na preparação de cidadãos mais críticos, autônomos e mais reflexivos para com a sua maneira de agir.

Na educação tradicional, o professor era tido como o único detentor do conhecimento, e o aluno apenas como um ser passivo em uma sala de aula enfileirada, tendo os exercícios apenas como uma forma de memorização. Esse modelo de educação usado até hoje por boa parte dos profissionais não tem surtido efeito na sociedade moderna, pois vivemos em constante transformação. Além disso, esse modelo não atrai o público-alvo, mas causa a apatia.

Algumas metodologias usadas pelo professor têm sido insuficientes, não geram empatia entre o aluno e o conteúdo abordado pelo professor. Dessa forma, causam uma desmotivação ao invés de motivação no que se refere a observação, a experimentação e o diálogo. É evidente a importância não apenas do processo, mas também da valorização e inovação da prática pedagógica, que, se trabalhada de forma atraente e eficiente, fará com que os alunos se sintam motivados com as aulas.

Para que o aluno aprenda de forma ativa e dinâmica e seja atraído por um diálogo promissor, é necessário que o professor fique atento para que suas aulas não sejam transformadas em momentos de reflexão superficial sobre assuntos que não tenham como ser levados a uma posterior discussão filosófica. Desse modo, o professor deve ser habilidoso, tanto para encontrar uma maneira de elevar os exemplos cotidianos dos alunos a um patamar filosófico, quanto para descartar ideias incoerentes, sem desestimular os alunos a se expressarem (Silva, 2007).

Para que as crianças entrem no Ensino Fundamental motivadas, é necessário que o professor continue, ano após ano, reforçando constantemente a sua metodologia. Muitas vezes, o que vemos é a criança que ingressa no primeiro ano do Ensino Fundamental não tendo uma adaptação inicial, isso acaba gerando uma apatia da criança para com a escola.

Deve-se valorizar as crianças para que elas aprendam a valorizar umas às outras. Elas podem perceber, se de fato estão sendo ouvidas ou não. Caso percebam que não, farão o mesmo com os adultos. Os pais, assim como os professores, devem dar atenção às crianças, ao contrário, as crianças acabam pensando que elas não têm importância para esses adultos. É aqui que entra a organização da sala de aula em forma de comunidade de investigação.

Quando nos referimos à comunidade de investigação como um meio apropriado para fazer com que as crianças desenvolvam um pensar melhor, ou seja, a racionalidade. Aqui o professor intervém, fazendo com que a criança exponha o seu próprio pensamento e não apenas exponha pensamentos já pré-estabelecidos pelo adulto.

2.2 A capacitação de professores na perspectiva de uma aprendizagem crítica e reflexiva

A educação tem seus pontos fracos e, na Filosofia do Ensino Fundamental, essas fragilidades parecem estar relacionadas com a formação de professores. A cada ano, está surgindo uma gama de materiais que podem deixar as aulas de Filosofia para crianças cada vez mais dinâmicas, mas também podemos nos basear nos escritos filosóficos já existentes. Isso exige do professor certa dinamicidade na reestruturação desses materiais, adequando-os a uma escrita que possa ser mais compreensiva às crianças de acordo com a sua faixa etária.

Lipman nos traz uma variedade de histórias adequadas a quase todas as faixas etárias, nesse sentido, Gonçalves e Azevedo (2006) dizem que é por meio de histórias onde predomine o diálogo que se deve iniciar os trabalhos filosóficos. Assim sendo, mesmo a diversidade que podemos encontrar na sala de aula não irá privilegiar um aluno em relação ao outro, visto que se encontram no mesmo ponto de partida.

É exigido do professor uma formação que o torne apto a examinar ideias, comprometendo-se com a investigação dialógica, respeitando as crianças que estão sob sua responsabilidade. A metodologia empregada na formação de uma grande parte dos professores na contemporaneidade não tem seu foco voltado para essas características. Por esse motivo, a prática do professor não envolve o aluno como em uma sala de aula convertida em uma comunidade de investigação filosófica.

Os professores mais receptivos à comunidade de investigação são aqueles que prezam por discussões racionais de forma aberta com as crianças. É por meio dessa metodologia aplicada na sala de aula que a criança participa cada vez mais de maneira desinibida.

É evidente a necessidade de uma mudança na formação dos professores, e

essa mudança deve focalizar principalmente aqueles que ensinam para uma memorização, para que eles possam privilegiar uma metodologia que foque no pensamento ativo e cauteloso.

É durante o processo de formação de professores que surge também o problema da facilitação da linguagem técnica da Filosofia, uma espécie de tradução. Um dos problemas centrais na tradução é a dificuldade de capturar com precisão o significado exato de uma palavra, frase ou conceito. A Filosofia muitas vezes envolve termos técnicos e nuances específicas que podem ser difíceis de entender. Scherer e Ehrhardt (2012) afirmam que a linguagem é uma forma de haver o entendimento para haver a aprendizagem. Sem esse entendimento não há como compreender uma realidade, um conteúdo, uma história e até mesmo um fato. A compreensão do que está sendo dito é fundante do ato de aprender.

Uma das principais razões para o difícil entendimento de palavras em um livro didático é a linguagem utilizada. Alguns desses materiais adotam uma linguagem formal, repleta de terminologias técnicas e vocabulário complexo, que pode ser inacessível para alunos que ainda estão desenvolvendo suas habilidades linguísticas.

Por esse motivo, o trabalho de Lipman também se baseia em estratégias de diálogo e investigação filosófica, o que pode exigir adaptações para se adequarem a diferentes contextos culturais. Na formação de professores, ainda vemos os formadores fazendo uso de linguagem bastante técnica, de difícil entendimento para os professores que estão em formação. Esses últimos, por sua vez, aplicarão essa linguagem em sala de aula para os alunos, dificultando ainda mais a aprendizagem.

Segundo Scherer e Ehrhardt (2012), o professor propõe situações, temas que desencadeiam associações, adequações mentais para o entendimento do conteúdo. Porém, o aluno não recebe as coisas de maneira passiva. É no processo dialógico que o aprender acontece, o conteúdo é apresentado e se relaciona com o repertório que o aluno já tem, atribuindo significados e reorganizar esse repertório.

Com algumas orientações sobre como adaptar a linguagem técnica ao linguajar da criança, os professores acabam incumbidos de tal responsabilidade. Essa linguagem chega até as crianças, em sala de aula, e elas precisam “traduzi-la”. Isso dificulta a compreensão da criança, que traduz para sua própria linguagem para entender o que está tentando ensiná-lo.

É necessária e possível uma revisão dos métodos conservadores e ultrapassados, como é o caso das aulas expositivas. Não podemos continuar culpando o professor como o grande responsável por essa adaptação da linguagem do currículo para uma linguagem a qual o aluno tenha acesso.

Constata-se que existe uma preocupação do poder público, seja ele, federal, estadual ou municipal, em organizar a estrutura física das escolas e a preparação dos profissionais ficam sempre em último plano. Nesse sentido, a proposta de Lipman vem no intuito de preparar os professores em relação à metodologia que aplicarão aos seus alunos em sala de aula.

Lipman (1995) afirma que, para concretizar sua proposta, faz-se necessário que o professor também tenha uma formação voltada para a reflexão e o pensar, para que possa respeitar as crianças e os jovens que serão ensinados por eles. O autor defende que os professores estejam dispostos a examinar suas ideias e comprometer-se com a investigação dialógica.

No decorrer da história da educação, verifica-se que os professores tinham conhecimento de boa parte do conteúdo de sua disciplina, porém não sabiam como colocá-lo em prática em sala de aula. Com o passar do tempo, isso se inverteu, e professores habilitados para o desenvolvimento de novos métodos de ensino, mas não conhecem suas respectivas disciplinas.

Não será fácil, mas também não será impossível, que os professores não apenas saibam, mas também se envolvam com as suas respectivas disciplinas de maneira que possam não apenas ensiná-las, mas ensiná-las bem. Para que isso aconteça de maneira eficiente, é necessário que o professor se sinta habilitado a trabalhar a metodologia instrucional, fazendo a junção do método com o conteúdo no processo educacional.

Na maioria das vezes, a escola não dá oportunidade ao aluno de pensar e de falar e acaba inserindo ou ditando métodos que privam a liberdade de expressão. Um dos fatores preponderantes é a inclusão de materiais didáticos prontos, quem ditam como se deve pensar ou trabalhar com determinado assunto ou situação, não dando abertura para questionamento com o professor, sendo que o próprio professor já foi imposto a ensinar daquela maneira opressora (Jesus, 2017).

O sistema educacional está organizado mais para remediar do que para avançar, fazendo das crianças suas principais vítimas. Sendo assim, podemos

observar que os professores ainda encontram muitas barreiras para avançar no processo de ensino-aprendizagem.

Por esse motivo, sugere-se que os professores sejam preparados por uma metodologia que venha condizer com aquilo que ele aplique em sala de aula, pois ao contrário essa preparação não tornará o processo de ensino-aprendizagem menos enfadonho.

2.3 Os estágios para a preparação de monitores

De acordo com a metodologia da comunidade de investigação, são propostos quatro estágios para a formação de monitores, pois são eles que preparam os professores de Filosofia do Ensino Fundamental e Médio. Esse profissional irá formar aqueles professores que têm interesse de colocar em prática o programa de Lipman.

No que se refere aos monitores, Evangelista (2003, p. 120) afirma que eles “[...] serão os formadores daqueles que irão dar as aulas para os alunos. Preferivelmente, os monitores devem ser filósofos que passaram por uma formação básica e específica junto ao programa como um todo”.

Vejamos mais detalhadamente cada um desses quatro estágios para a formação de monitores.

Primeiro estágio: esta etapa é classificada como preparo de monitores, nesse estágio, busca-se por professores com vasto conhecimento em Filosofia.

Futuros monitores frequentam uma oficina de dez dias na qual conhecem o currículo e têm a possibilidade de conduzir sessões individuais e discutir assuntos relevantes detalhadamente. Exemplos de tais assuntos são educação moral, a relação da Filosofia para crianças com a Filosofia tradicional, o ensino de raciocínio e os procedimentos para trabalhar efetivamente nas escolas, incluindo o uso de testes de raciocínio e as relações a serem estabelecidas com os coordenadores escolares (Lipman, 1990, p.177).

Nesse momento, esse profissional ainda não está totalmente preparado e por isso participa de mais uma oficina durante quatro semanas, acompanhado de um monitor já experiente. É dessa forma que o profissional vai adquirir a experiência necessária para o trabalho com crianças. Só após todo esse processo é que o futuro monitor passará por uma fase de treinamento avançado, e poderá exercer a função

de monitor de forma mais autônoma.

Segundo estágio: esse é o momento em que os professores serão capacitados, se dará início a um estágio de exploração do currículo. Propõe-se uma oficina para a formação dos profissionais, composta por 15 ou 20 professores e um monitor. Matthew Lipman ainda menciona que certas oficinas exigem um pouco mais de dedicação e duram cerca de cinco dias e por isso são necessários dois monitores para o seu desenvolvimento.

É aqui que se dá início ao processo para introduzir os futuros professores nos seus respectivos grupos de investigação, isso se dá sob a forma de seminários. Esses seminários oferecem uma imersão na prática de Filosofia para Crianças. O material utilizado é composto por novelas e manuais do programa de Lipman, além de textos teóricos produzidos por seus colaboradores. Essas novelas são compostas por episódio que, por sua vez, são divididos em episódios.

É nesse estágio que os professores vivenciam as mesmas experiências que os alunos também irão experienciar em sala de aula, dando início a leitura em voz alta de um episódio, ouvindo a linguagem de cada um dos textos e ouvindo uns aos outros. Dessa forma, os professores compartilharão não apenas suas experiências, mas também se tornarão integrantes de uma comunidade de investigação da mesma forma em que seus futuros alunos farão.

A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos mais extensos do que antes será um dos seus resultados naturais (Westbrook *et al.*, 2010, p. 37).

É essa participação ativa do aluno por meio do expressar-se verbalmente em voz alta que ele aprende a pensar e se expressar criticamente sobre diversos problemas postos pela sociedade. Essa é também uma maneira de desprender as crianças de pensamentos arcaicos, levando-as ao encontro de pensamentos cada vez mais críticos e reflexivos.

Logo após a leitura compartilhada do episódio, o monitor pede para que o grupo sugira os assuntos a serem discutidos. Porém, para os alunos mais velhos, o professor pode fazer questionamentos do tipo: o que os deixa mais abismados nesse episódio? Dessa forma, chamaremos a atenção do aluno para determinados

problemas, não apenas para as situações óbvias.

O questionamento muda de acordo com a faixa etária, com alunos mais jovens, por exemplo, o professor pode questionar: “o que é mais interessante nesse episódio?” Isto permitirá que tanto perguntas como comentários possam surgir de forma mais espontânea.

De acordo com Assunção (2010), é com esses questionamentos que pretende se tirar partido da capacidade de raciocínio e de questionamento, bem presente nas crianças e nos jovens, dando-lhe um sentido, conferindo-lhes uma forma, isto é, possibilitando o desenvolvimento do espírito crítico, do pensamento lógico, autônomo, do pensar claro e bem, inculcando este mesmo como um hábito.

Já com crianças muito pequenas, esses questionamentos podem não gerar efeitos positivos, pois elas ainda não têm o hábito de se expressar por meio de solicitação e sim de maneira espontânea. Sendo assim, se torna menos intimidador questionarmos o que as crianças mais gostam em determinada parte do texto. E a partir dessa indagação o professor propõe um debate.

O professor anotar os comentários dos alunos no quadro. É de suma importância a identificação da criança ou professor que contribuiu pelo seu respectivo nome, assim demonstramos uma certa consideração pelos envolvidos na comunidade de investigação. Assim, além dos alunos verbalizarem os seus pontos de vista também fazem anotações daquilo que gostariam que fossem discutidos. O papel do professor é fazer com que os alunos se mantenham ativos transformando suas leituras em discussões, pois é assim que o processo dialógico entre alunos se fortalecerá.

Cabe ao professor a tarefa de encontrar soluções que possibilitem o desenvolvimento da mente do aluno através do trabalho do pensar por meio do diálogo. Nesse sentido, urge a necessidade de serem trabalhadas estratégias que levem os alunos a pensar, que os ensinam e estimulam a fazê-lo de suas leituras discussões que sejam produtivas. E, para que tal seja passível de realização, as estratégias devem não só guiar a aplicação de conteúdos que promovam o diálogo e o pensar, mas também garantir a existência de um método que complemente os conteúdos. A metodologia deverá, portanto, seguir uma proposta que além de prática venha de encontro aos anseios do aluno (Assunção, 2010).

É durante essa segunda etapa que o professor deve ficar atento ao guia do

professor, selecionando um determinado conjunto de exercícios e planos de discussão que julga ser mais viável para a discussão. De acordo com a discussão o coordenador pode inserir o exercício que julgar necessário, é assim que a discussão ganha rumos cada vez mais filosóficos.

Terceiro estágio: trata-se do estágio modelador, nesse momento, não se pode afirmar que os professores tenham internalizado toda a prática presenciada nas oficinas, e certamente irão expor algumas dificuldades ao aplicar em sala de aula. Quando isso acontece, é devido ao pouco conhecimento que se tem da disciplina e por esse motivo o seu conhecimento diverge daquele apresentado pelo monitor.

É nesse estágio em que “os monitores devem entrar efetivamente nas salas de aulas dos professores em formação, assumir a lição do dia, e demonstrar ao professor, com seus próprios alunos, como o monitor trata a matéria.” (Lipman, 1990, p. 180). Sendo assim, os monitores frequentam as salas de aulas dos professores em treinamento e irão atuar de forma prática com os alunos. Cantalice e Cirino (2020)

Não é tarefa fácil fazer com que o professor reconheça a sua importância ou até mesmo que o seu conhecimento ainda se encontra limitado. Isso dificulta não apenas o processo de ensino e aprendizagem, mas também o envolvimento do aluno nos diálogos e na investigação filosófica.

A metodologia aplicada pelos monitores aos professores pode na maioria das vezes parecer difícil de ser aplicada em sala de aula pelos professores, porém, é de fundamental importância que caso essa dificuldade prevaleça o monitor deve participar de maneira que aplique a tarefa referente àquele dia fazendo com que o professor perceba de maneira clara como aquilo que presenciou nas oficinas pode ser abordado em sala de aula em forma de uma comunidade de investigação.

Quarto estágio: o estágio de observação. Logo após seis semanas consecutivas de formação, os futuros monitores retornam à classe com a finalidade de observar e avaliar como o professor está progredindo com os trabalhos em sala de aula, pois a má execução do programa deixa de atingir completamente os objetivos propostos. Conforme dos Santos *et al.* (2013), esse estágio acontece seis semanas mais tarde, onde os monitores voltam à sala de aula para observar e avaliar (oral, escrita ou em ambas) o professor no que diz respeito ao progresso e

execução do programa.

Observa-se que existem semelhanças entre a preparação de monitores com a preparação de professores, porém surgem algumas diferenças, pois os monitores já têm certas habilidades com a Filosofia enquanto os professores possuem pouco, e na grande maioria das vezes a experiência que tiveram foi frustrante e não influenciou na sua formação.

A formação de professores para a implementação de diálogos filosóficos nas salas de aula, envolve a leitura de histórias ou a apresentação de dilemas morais para as crianças, seguidos de discussões filosóficas em grupo. Tendo o seu foco na formação do pensamento crítico e da ética nas crianças, é possível a valorização do uso de narrativas envolventes, incluindo novelas, como ferramentas para promover a reflexão e a discussão filosófica entre os alunos.

3 O PAPEL DAS NOVELAS PROPOSTAS POR LIPMAN

De acordo com o programa de Matthew Lipman, as novelas filosóficas são histórias ficcionais escritas especificamente para serem usadas como ferramentas de ensino da Filosofia para crianças. Lipman desenvolveu uma série de romances filosóficos chamados novelas filosóficas para crianças, ou novelas de investigação, que são destinadas a envolver os alunos em questões filosóficas por meio de narrativas envolventes.

As novelas filosóficas são escritas especialmente para o uso didático em Filosofia. As questões filosóficas são abordadas nas novelas, que cuidadosamente utilizam linguagem acessível para a faixa etária a qual cada uma se destina, de acordo com um currículo elaborado por Lipman. Basicamente, cada novela traz à tona um campo de estudo da Filosofia, sem que isso signifique ignorar as demais áreas do conhecimento (Reis, 2008, p. 12).

Essas novelas são projetadas para estimular o pensamento crítico e o diálogo filosófico entre os alunos. Cada história apresenta personagens que enfrentam dilemas e questões filosóficas complexas, convidando os alunos a refletirem sobre tópicos como ética, conhecimento, liberdade, justiça, verdade, entre outros.

As novelas de Matthew Lipman são concebidas como recursos educacionais que ajudam a introduzir os alunos ao pensamento filosófico de uma forma acessível e envolvente. Elas incentivam os estudantes a explorar diferentes perspectivas, a formular perguntas e a desenvolver habilidades argumentativas, contribuindo para o desenvolvimento de suas capacidades de raciocínio crítico e ético.

A empatia dos alunos para com o professor e com o conteúdo, inicia a partir do momento em que eles adquirem a prática de argumentar sobre os conteúdos escolhidos por eles e que acharem importantes. É por esse motivo que a metodologia de Lipman permite e até prefere que a escolha dos temas filosóficos a serem discutidos se dê por intermédio dos próprios alunos. Assim, ele se concentra naquilo que realmente é do seu interesse, ou seja, os temas com que os alunos que mais se identificam (Sanchez, 2011).

Tudo isso vem acontecer devido ao seu envolvimento no processo dialógico de maneira mais prazerosa. Ao contrário, a escola formará futuros adultos distantes das principais discussões para o bom andamento da sociedade.

Se pretendemos fazer com que as crianças se tornem cada vez mais reflexivas, é necessário um currículo engajador. Propomos, neste trabalho, que a criança trilhe caminhos baseando-se nos personagens fictícios presentes nas novelas de Lipman. Assim, elas terão a oportunidade de refletir sobre seus atos e o mundo que as cerca. É assim que a criatividade da criança surge de maneira que ela não somente pense, mas pense melhor.

Nesse sentido, durante o diálogo filosófico, as crianças sentem-se ansiosas para se expressarem, isso mostra que as histórias estão surtindo efeito. Essas histórias, se bem desenvolvidas, são como a gamificação: quando aplicada na sala de aula, podem tornar as crianças mais autônomas, concentradas, favorecendo a adaptação e tornando o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso, além de melhorar os resultados dos alunos de maneira significativa por meio do diálogo e da investigação.

As crianças já carregam consigo a curiosidade, algo que faz parte da sua vivência. Assim, passam a questionar, desde cedo, e em todos os grupos sociais de que fazem parte, mas na comunidade de investigação isso só é permitido porque os temas trabalhados são flexíveis em suas definições.

Nas novelas filosóficas, foram introduzidas diversas “iscas”, que são os conceitos filosóficos que servem para atrair a atenção das crianças, provocando discussões e debates a respeito do tema em questão. Ao iniciar a leitura, os alunos se revezam para ler em voz alta, isso faz com que eles falem e escutem, “[a] Filosofia, portanto, é bastante benéfica para as pessoas que procuram formular conceitos que possam efetivamente representar aspectos de sua experiência de vida” (Lipman, 1994, p. 52).

A metodologia empregada na aplicação da novela proposta é a da comunidade de investigação, que funciona da seguinte forma:

1. A princípio, as crianças formarão um círculo juntamente com o professor, pois isso impede que fiquem invisíveis, dessa forma perceberão que o professor irá orientá-los e ouvi-los e não impor sua maneira de pensar e agir.
2. A partir desse momento o professor solicita que as crianças se alternem na leitura em voz alta de um episódio da novela, onde será discutido em sala de aula.
3. O professor escreve no quadro as temáticas, ou seja, os episódios escolhidos por cada aluno para serem discutidas.

4. Em seguida, será selecionada pela classe as mais pertinentes, dando início a discussão. Todos os alunos participam, falando o que pensam das temáticas em discussão e dos pontos de vista expressos pelos colegas.

5. O professor passa a ser apenas o coordenador da discussão, mas sempre atento ao comportamento, assim como o desenvolvimento do aluno ao argumentar de maneira lógica. Pois é por meio do diálogo assim como da investigação que os alunos se tornam mais cooperativos em uma comunidade de investigação.

A formação de conceitos é uma etapa importante na estruturação das nossas vivências. A Filosofia serve à sociedade assim como à educação, como base no campo do conhecimento. É por meio da formação de conceitos que se forma a sociedade, ou seja, a identidade cultural surge por meio deles. A educação faz a mediação para que os indivíduos se apropriem desses conceitos de maneira cada vez mais inovadora e desenvolvam sua convivência em sociedade.

Tais conceitos prestam-se prontamente ao diálogo com os alunos, encontrando-se rapidamente engajados num cabo-de-guerra sobre as várias interpretações dos conceitos sob observação. Essas capacidades de os conceitos filosóficos gerarem linhas competitivas de discussão e um senso de investigação cognitiva e cooperativa é o que faz com que pareçam tão significativos e dinâmicos às crianças (Lipman, 1990, p. 110).

As novelas são trabalhadas por meio da comunidade de investigação, e, diferentemente dos livros didáticos, fazem com que os leitores moldem o seu comportamento. O livro didático é criado apenas como uma sequência de conteúdo a ser trabalhado durante todo o ano letivo, esquecendo do primordial, que é provocar uma empatia entre o seu conteúdo e as crianças.

O livro didático diferentemente das novelas propostas, se tornou algo produzido apenas para satisfazer a necessidade adulta, e por isso criou-se uma apatia da criança para com este material. A criança tende a valorizar o material que seja contextualizado, ou seja, uma história que seja atrativa, inspiradora.

Como aponta Neto (2015), no período em que predominava a pedagogia liberal tradicional, o livro didático era bastante valorizado. Nesse contexto, ele servia de instrumento para a transmissão dos conteúdos que eram trabalhados de forma linear, descontextualizada, fragmentada, acrítica, dando ao saber escolar um teor de conhecimento acabado.

Em uma pesquisa realizada em uma escola maranhense, que fez uma

proposta metodológica de ensino de Filosofia para crianças com base em Matthew Lipman, Lima (2018, p.13) afirma que

[m]uitos docentes daquela escola no seu fazer pedagógico com crianças não as incentivam a dialogarem, não as ajudam a superarem suas dificuldades em assimilar determinado conteúdo e de auxiliá-las em desenvolver um pensamento crítico, a questionar e fazer perguntas. Dessa forma, acredito que a proposta filosófica de ensino para crianças de Matthew Lipman permitirá aos professores incentivarem o exercício do pensar por meio da Filosofia.

Para que as novelas e a comunidade de investigação tenham êxito, é necessário que o professor esteja empenhado em empregar a metodologia corretamente para que a criança não tenha dificuldades na assimilação e interpretação do conteúdo. É necessário que o professor, por meio de sua prática, apresente um conteúdo de forma dinâmica para que o aluno possa se sentir motivado em busca do conhecimento.

Em geral, os alunos tendem a ser influenciados por histórias que lhe chamem atenção, principalmente quando elas são compostas por personagens que, na sua maneira de ver, são considerados heróis ou heroínas. Guedes *et al.* (2012) afirmam que as novelas têm papel fundamental na reconstrução dos significados e por isso são determinantes na proposta de Lipman. É por via das novelas filosóficas, a partir das vivências das personagens, que se reconstrói, de forma significativa, o conhecimento que os alunos têm de si e do mundo.

Por isso a importância de valorizarmos a inclusão, nas novelas filosóficas, de personagens que, de certa forma, irão servir de exemplo. Porém, para que os alunos desenvolvam um pensamento ético é necessário que estejam engajadas em uma comunidade de investigação ética.

O aluno, desde o início de sua escolaridade, deve aprender a conviver em sociedade, para que isso aconteça, é necessário que ela aprenda a ter regras, limites e critérios. É por meio desses critérios que os alunos, ao passo que irão aprendendo, se tornam pessoas mais criteriosas e aprendem também a avaliar cada vez melhor as diversas instituições presentes na sociedade.

A comunidade de investigação é o principal ambiente na formação de critérios, assim como na organização de boas maneiras para poder conviver e avaliar as instituições sociais. Mas é preciso que os conteúdos filosóficos sejam

revistos e reorganizados em uma sequência. Por meio dessa reorganização, ele poderá proporcionar um aprendizado cada vez mais efetivo tanto para crianças como para adolescentes. Essa mudança deve ser pensada em prol do fortalecimento dos laços familiares, assim como da percepção e entendimento das gerações.

Na comunidade de investigação, à medida que as personagens da novela vão se envolvendo, ou seja, cooperando de maneira organizada e inteligente uns com os outros, o aprendizado dos alunos passa a acontecer de maneira mais efetiva e dinâmica. É por meio desse envolvimento que cada um dos membros da comunidade irá interagir gradativamente com a novela, que servirá de exemplo para as crianças que leem a história em sala de aula, pois estão fazendo parte de uma comunidade de investigação filosófica.

Existe uma barreira entre os textos secundários e a criança, isso acontece devido à herança advinda da educação tradicional. Os textos secundários são aqueles cujo objetivo é de esclarecer ao leitor, e os textos ditos principais que são aqueles conhecidos como textos dos diálogos dos autores. Esses últimos, quando utilizados pela criança, fomentam a motivação e a participação. Pode-se dizer que a substituição de textos secundários pelos originais seria como fazer uso de estratégias fazendo com que a luz solar chegasse até o centro da caverna (Lipman, 1990).

A transição da linguagem de textos primários para uma linguagem mais acessível, a linguagem dos textos secundários, sempre irá causar uma certa estranheza para o público envolvido, mas quando essa transição é organizada de maneira que esse público se sinta confortável e se envolva nesse novo modo de ver e refletir sobre o mundo que os cercam, as coisas tendem a acontecer com mais espontaneidade e envolvimento, pois o aprendizado tende a acontecer com mais facilidade. Essa transição, na comunidade de investigação, acontece com mais facilidade e envolvimento de todas as crianças.

As novelas filosóficas nos guiam de maneira clara e objetiva, nos levando a um diálogo que acontece de acordo com o que os personagens apresentam em cada uma das novelas e assim as discussões serão muito mais produtivas. Steinhorst (2021), quando as salas de aula são transformadas em comunidades de investigação, plurais e democráticas, nas quais o aluno desenvolve seu

pensamento, por meio da leitura de novelas filosóficas e do diálogo direcionado, estará desenvolvendo suas habilidades de pensamento e não apenas decorando por meio de uma simples transmissão de conhecimentos.

Sabe-se que a leitura é fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que ela acaba se inspirando nos personagens da história que leu, podendo melhorar a sua postura e até mesmo suas atitudes.

É de suma importância que o professor pense em conteúdos que deixem a criança admirada, pois essa admiração é o que faz com que a criança se debruce sobre o filosofar proposto pela comunidade de investigação. Essa admiração só será possível se elaborarmos ou trabalharmos materiais que venham abordar aquilo que elas sintam atraídas, e não aquilo que os adultos pensam que elas se sentem atraídas e admiradas.

As novelas filosóficas, utilizadas em uma comunidade de investigação, têm suas vantagens, uma delas é a sua contribuição em melhorar as habilidades de pensamento, nos mostrando as diversas nuances que podemos encontrar no pensamento, assim como na fala. Outra vantagem significativa é que essas novelas dão possibilidades de fazer com que os alunos se tornem pessoas que pensam e falam, assim como os personagens fictícios que cada criança pode se identificar.

É por meio de atividades escolares a partir das novelas que se fomenta a discussão de questões inerentes à reflexão filosófica, trata-se de questões existenciais que podem ser analisadas pela própria experiência vital, isto é, a associação entre ficção narrativa e realidade (Steinhorst, 2021).

As novelas, por meio de seus exercícios, propiciam aos alunos um diálogo que acontece de maneira que se expressam relaxadamente sem a presença de formalidades. O objetivo dos modelos propostos não é ser imitado pelos alunos, mas mostrar o que é possível fazer por meio desses modelos. Esses são exemplos de escrita, mas não podemos esquecer que os alunos podem sugerir outros exemplos, sendo que não seja necessário que eles sejam semelhantes mesmo pertencendo ao mesmo gênero textual.

As crianças estão sempre em busca de respostas para tudo aquilo que lhes causa curiosidade. Isso acontece quando elas se deparam com as novelas filosóficas propostas por Lipman, pois mesmo essas histórias não causando o resultado esperado pela criança, de início, já causou uma certa admiração que faz

com que a criança se mantenha empolgada até o desenrolar da história.

3.1 A leitura e a escrita como busca de raciocínios na comunidade de investigação

Mesmo que o guia do professor, inicialmente, estimule o aluno a escrever, é possível fortalecer ainda mais o desenvolvimento do processo educativo adicionando-se alguns exercícios escritos e de autoria do próprio professor. Ele deve também ficar atento ao processo de leitura, fala e escrita, sabendo que sempre devem estar interligados.

Tanto a leitura como a escrita podem fazer com que a criança venha a desenvolver raciocínios interessantes. Sendo assim, tanto o diálogo como a investigação que acontecem dentro da comunidade podem melhorar a leitura e a escrita da língua de maneira significativa. As histórias tendem a fazer com que a leitura e a escrita sejam vistas como resultados naturais decorrentes dos diálogos provocados pelos personagens que servem de modelos para os leitores.

É nos diálogos que as crianças vão desenvolvendo o seu senso crítico, isso faz com que elas aprendam a fazer julgamentos e a verificarem a qualidade desse mesmo julgamento. É por meio desse senso crítico que elas se tornam cada vez mais conscientes daquilo que fazem.

O professor supõe, frequentemente, que seus alunos não têm nenhuma dificuldade ao ler um determinado texto ou tarefa. No entanto, não é realmente isso que acontece. Constantemente, os alunos sentem muita dificuldade no que se refere à compreensão de alguns termos, termos usados na linguagem científica. Assim, ao invés de facilitar o processo de aprendizagem, o tornam mais confuso.

Frequentemente, os alunos se deparam com situações desse tipo, pois os livros didáticos e paradidáticos apresentam esses termos com frequência em seus escritos. Porém, o que presenciamos é que além desses termos técnicos essas obras apresentam algo distante da realidade da criança, isso significa que, em vez de remover as barreiras conceituais à escrita e motivar as crianças, afasta a possibilidade de tornar-se futuros leitores.

Por diversas vezes, é necessário que o professor reescreva os textos do livro didático, pois, da forma como aparecem nos manuais, sua compreensão é

dificultada, uma tarefa árdua e desmotivadora, principalmente para quem está apenas se iniciando na prática da leitura (Mendonça, 2008).

Sendo assim, os escritos didáticos devem não apenas se adaptarem a realidade do aluno, mas também apresentar a estes leitores uma certa criatividade em seus escritos, visto que esses escritos irão ser experimentados pelos leitores que terão preferências por materiais que apresentem em sua estrutura uma certa dinamicidade.

Os materiais, como livros e textos, não devem inibir os alunos, isso dificulta a entrada no mundo intelectual. Para que os alunos venham a pensar por si próprios, é necessário que o professor crie oportunidades envolvendo-os em experiências prazerosas, por meio de textos que façam o aluno se envolver espontânea e prazerosamente.

O pensar não surge na criança de qualquer maneira, pois ela precisa se sentir empolgada com o surgimento de novas ideias ao se envolver nos diálogos. Tanto a fala como a escrita são formas de pensamento que irão fazer com que a criança se envolva dialogicamente em uma comunidade de investigação, visto que são também atividades que podem estar aperfeiçoando cada vez mais as habilidades de pensamento.

Lipman recorre aos ensinamentos de Sócrates (Maiêutica), mostrando que a Filosofia possui um gigantesco tesouro pedagógico capaz de fundamentar a educação nos princípios da reflexão. Sócrates nunca estabeleceu qual era a idade para se 'fazer' Filosofia, pois, segundo o filósofo ateniense, fazer Filosofia não tem a ver com idade, tem a ver com a habilidade em refletir sobre aquilo que se considera importante (Tibério, 2020, p. 74).

Lipman faz uso dos ensinamentos de Sócrates, especialmente a técnica da maiêutica, para destacar o valor pedagógico da Filosofia na educação. A maiêutica socrática é um método de questionamento e diálogo que visa estimular a reflexão e o pensamento crítico dos indivíduos.

Para que os alunos se sintam motivados não só a dialogar, mas também a escrever, é necessário envolvê-los em um diálogo de maneira espontânea e dinâmica, para que se sintam incentivados a demonstrar aquilo que pensam por meio da fala e da escrita.

Dentro de cada manual, os professores têm os planos de discussão específicos como principal meio para orientar os alunos nos respectivos diálogos,

pois esses planos têm possibilidades de explorar questões problemáticas sobre as principais ideias de maneira mais específica. Assim, essas questões auxiliarão os estudantes a supor sobre algo que não está visivelmente, fornecendo exemplos a respeito de algo que está sendo questionado.

Segundo Costa (2011), as novelas, que fazem parte da metodologia de Lipman, foram elaboradas para tornar o ensino de Filosofia acessível aos alunos, buscando dar um impulso maior ao desenvolvimento investigativo. Cabe ao professor trabalhar as atividades propostas disponíveis no manual do professor, compostas por exercícios, “planos de discussão e de perguntas planejadas, de modo a suscitar novas perguntas em vez de preparar o caminho para respostas explícitas” (Lipman, 1990, p. 170).

As discussões, se relevantes e interessantes, aproximam os alunos de questões que ainda não aparecem explicitamente em uma discussão. Essas discussões aumentam significativamente o interesse do aluno, fazendo com que se expressem por si próprio com o passar do tempo.

Sabe-se que, quando os alunos falam simultaneamente, alguns podem não conseguir se expressar, mas essa será a oportunidade de o professor buscar estratégias que criem possibilidades de os alunos expressarem os seus pensamentos por meio da escrita. Assim, estarão se expressando e ao mesmo tempo conseguindo desempenhar o hábito de escrever e com isso a autoestima do aluno melhora, pois percebe que não apenas se expressou, mas também melhorou significativamente a sua escrita.

A conversação tem um papel relevante, pois é a grande mediadora na comunidade de investigação. É por meio das discussões orais que os alunos se expressam espontaneamente, não se preocupando com as formalidades presentes em alguns textos. Uma das maneiras de encorajamento dos alunos para com a escrita é que aconteça de maneira gradativa, na qual os alunos mantêm seus estilos de conversação, e aos poucos irão adentrando às formalidades exigidas pela escrita. Assim, o processo de escrita gera menos impacto para o aluno, pois ocorre de maneira natural e gradativa.

Como aponta Murari (2019), é fundamental que saibamos diferenciar diálogo de conversação: enquanto a conversação é descomprometida e sem finalidade, o diálogo é guiado por regras que lhe garantem validade e exatidão. O diálogo

investigativo é, no fundo, um filosofar. Portanto, trata-se de uma tarefa que apresenta um rigor metodológico e um compromisso com a verdade. Nas palavras de Tibério (2020), o recurso didático que Lipman propõe são obras escritas de forma simples e que possibilitam discussões sobre vários temas filosóficos. Para cada faixa etária, o autor propõe um material diferente, para que o aluno consiga progredir de acordo com a faixa etária em que se encontra.

A primeira coisa a ser feita é tornar a sala de aula um ambiente racional, estimulador, incitador, em que os alunos tenham possibilidades de gerar discussões de maneira independente e livre das amarras de uma educação tradicional, propondo temáticas de seu interesse. Assim, passarão de seres passivos a seres ativos, se envolvendo cada vez mais no processo de ensino e aprendizagem.

O diálogo provocado em uma comunidade de investigação traz aos seus participantes algo importante, que é combinar as diversas formas de estimular o aluno, que enxergam, na participação, o ápice de toda discussão. Quando esse aluno para e reflete sobre a temática discutida, percebe-se que boa parte da discussão girou em torno da sua ideia.

O aluno identifica que o seu ponto de vista deverá ser aprimorado. Dessa forma, constata-se que limitações, assim como as frustrações em sala de aula, podem representar um meio de motivar os alunos ao processo de escrita, pois o aluno vê a necessidade de transcrever os seus pensamentos antes de expressá-los.

Como descrito por da Silva e Velasco (2020), a autonomia do pensar, almejada pelo programa Filosofia para Crianças, de Lipman, faz com que o aluno alcance também uma autonomia de escrita. Este conhecimento de Filosofia diz respeito à competência de elaborar de modo próprio, por escrito, aquilo que foi refletido e aprendido a partir das leituras, dos diálogos, das pesquisas e das exposições do professor. Trata-se de expressar, por meio da palavra escrita, as ideias que foram criadas no discurso oral (particular ou coletivo).

O professor tem o papel de transformar a sala de aula em um espaço onde a criança percebe, por meio dos diálogos, que é necessário continuar e se expressar cada vez melhor. O processo de encorajamento do aluno deve se dar por meio da escrita daquilo que foi falado, pois isso ajudará na reflexão de como suas ideias abordadas foram construídas, e reformuladas por meio da discussão.

Devemos encorajar os alunos a praticarem suas escritas por meio de suas

próprias linguagens e não seguir apenas modelos pré-estabelecidos, como acontece na maioria dos estabelecimentos educacionais. O que eles já sabem sobre leitura e sobre escrita também são saberes fundamentais a serem considerados nesse processo. Vivemos num mundo de escrita e nossos alunos já chegam com alguns conhecimentos sobre a língua que vivenciam em seu cotidiano. Esses conhecimentos precisam ser valorizados e considerados ao se ensinar a ler e a escrever, tendo em vista os grupos socioculturais aos quais os alunos pertencem (Gomes; Monteiro, 2005, p.24).

Esse encorajamento faz com que os alunos se expressem de maneira mais consciente, pois não farão uso de tudo aquilo que propõe a estrutura dos textos tradicionais.

É de suma importância o engajamento dos alunos, quando o professor percebe o envolvimento em uma discussão, está em seu ponto mais alto, está visivelmente demonstrado que todos estão gostando da discussão. É nesse momento que alguns alunos estão com ideias para serem expressas, porém não terão a coragem de expressar durante a conversação. Aqui, o professor pode abordar questões trazendo exercícios para a discussão onde os mesmos podem ser lidos em voz alta.

3.2 Uma proposta de implementação centrada na aprendizagem do aluno

É indiscutível a importância do currículo durante todo o processo educacional, sendo que ele é a base da prática pedagógica. Na proposta de Lipman não é diferente, apenas é exigido um currículo bem elaborado e que possa atender às necessidades dos alunos e às expectativas de professores bem treinados. Assim, acreditamos que as crianças poderão se envolver ativamente em uma investigação filosófica, adquirindo cada vez mais comportamentos críticos e reflexivos.

O programa proposto por Lipman é elaborado a partir de estágios compostos pelos seguintes elementos:

1º - Um currículo para crianças: um currículo composto pelos principais temas da história da Filosofia, porém escritos em uma linguagem mais acessível para os alunos. Deve ser elaborado de acordo com a faixa etária, e o nível escolar das crianças envolvidas.

Como descrito por Cirino *et al.* (2018), as novelas filosóficas são direcionadas aos alunos de acordo com suas faixas etárias, onde elas são adequadas ao nível de desenvolvimento nos quais os alunos estão inseridos. Apresentam linguagem e conteúdos apropriados para suas experiências e personagens que retratam o seu dia a dia.

Sendo assim, devem ser destinados às crianças textos que apresentam as falas das personagens, diálogos compostos por crianças da mesma faixa etária. O autor esclarece que é necessário a elaboração de novelas filosóficas que realmente façam com que as crianças se sintam envolvidas.

2º – Uma metodologia pedagógica: se queremos conduzir as crianças pelos caminhos dos comportamentos filosóficos, devemos perceber que elas têm fortes tendências à conversação. É por meio de discussões que as crianças passarão a refletir e se autocorrigir dentro da comunidade de investigação.

A discussão objetiva estimula um diálogo que seja filosófico e a construção desse diálogo deve ir se afunilando na medida em que os temas irão sendo discutidos pelos alunos. Os alunos também começam a pensar de maneira mais cuidadosa com a verdade e a autocorreção, ou seja, faz com que o sujeito reconheça e assuma seus próprios erros dentro da comunidade (Costa; Abreu, 2020).

As aulas expositivas se tornaram monótonas para as crianças. O professor deve despertar no aluno uma consciência crítica, tornando uma sala de aula, e consequentemente, uma sociedade mais justa e igualitária. O professor deve se preparar para não doutrinar as crianças, deve fazer com que elas se sintam cada vez mais aptas a participar ativamente nos diálogos de maneira que o respeito prevaleça acima de tudo. Dessa forma, elas serão conduzidas ao debate de modo que a investigação dialógica siga na direção proposta.

3º – Materiais instrucionais para professores: aqui faz-se uma crítica à maneira tradicional, ainda presente na sala de aula, de se ensinar Filosofia para crianças. O que se vê é uma educação que se distancia cada vez mais dos textos primários destinados aos alunos, textos que podem gerar interesse e engajamento, tornando os alunos mais observadores.

Outro instrumento que o autor diz estar distante da prática docente é o guia do professor, material que, se bem utilizado, se torna indispensável no processo de

ensino e aprendizagem, tornando as aulas mais eficaz, pois as orientações nele contidas são fundamentais para o bom andamento investigação filosófica.

Na visão de Silva (2012), cada história que segue a metodologia de Lipman vem acompanhada de seu respectivo guia para professor. O guia é composto por exercícios e planos de discussão que são fundamentados nas ideias apresentadas em cada novela e objetivam auxiliar o planejamento das aulas dos professores. Os exercícios e planos de discussão, onde as crianças irão responder de forma oral ou escrita.

Os alunos da Educação Básica, assim como aqueles que já se encontram nos cursos superiores, necessitam de textos primários. Os professores precisam tanto estarem munidos de exercícios como de planos, que levem os alunos às discussões de maneira empática. Por esse motivo, percebe-se que todos os programas de Lipman apresentam diálogos entre os personagens, pois é por meio desses diálogos que os alunos aprendem com mais facilidade.

Além disso, os programas também trazem como principal ferramenta o manual para o professor, onde no mesmo se encontram elementos como: exercícios e planos de discussão sobre todos os episódios que compõem cada um dos capítulos das respectivas novelas.

4º – O preparo de monitores: apenas estão aptos os profissionais que tenham uma formação sólida em Filosofia para monitorar professores. Esses profissionais participam de seminários que tem duração de 10 dias, pois mesmo tendo um vasto conhecimento em Filosofia precisam de treinamentos. É nesse seminário que os monitores usam as habilidades necessárias para repassarem aos professores, pois abordam o currículo por meio do diálogo, assim como os professores abordarão em sala de aula com seus respectivos alunos.

5º - O preparo de professores coordenadores: como acontece no ambiente escolar, é exigido desses profissionais cinco horas semanais, sendo que metade deve ser por meio das discussões e apresentações em seminários e a outra metade deve ser composta por prática, onde o treinamento completo requer um total de vinte e oito semanas. Para continuar o programa é recomendado que é de fundamental importância continuar a preparação por mais um ano consecutivo.

6º - Os benefícios da pesquisa educacional: deve-se saber quais os reais aspectos no que se refere o envolvimento da criança com a Filosofia, ou seja, seus

comportamentos nos grupos sociais aos quais fazem parte, engajamento na comunidade de investigação, a maneira como se expressa e convive nessa mesma comunidade. Além disso, deve-se saber até que ponto a Filosofia chama a atenção dos alunos.

A criatividade da criança pode ser demonstrada por meio da sua participação em sala de aula. É nesse ambiente transformado em comunidade que ela pode se sentir cada vez mais envolvida em uma comunidade de investigação, onde o diálogo filosófico será mantido por meio das novelas filosóficas. Sendo assim, as crianças tendem a se sentir atraídas pela Filosofia.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1 Procedimentos éticos

O projeto da presente pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (CEP/Unesp), submetido para avaliação em 8 de outubro de 2021 e aprovado sob o parecer nº 5.101.388 em reunião ordinária no dia 11 de novembro de 2021 (ANEXO I).

Com o intuito de solicitar e executar a pesquisa na escola, foram necessárias conversas com o secretário municipal de educação da cidade onde está localizada a escola pesquisada, no estado do Maranhão (MA), e com o diretor da escola, que atende os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Após a leitura do projeto, ambos autorizaram a execução da pesquisa (APÊNDICES I e II).

Com o projeto de pesquisa aprovado pelo CEP/Unesp, foram realizadas reuniões com os pais e responsáveis dos alunos que participaram da pesquisa. Foram mostradas tanto as etapas como a importância da pesquisa para as crianças do 6º ano. Nessa ocasião, os pais e responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE IV).

Na sequência, foram necessárias diversas reuniões e conversas com os alunos para explicar sobre a pesquisa e sua importância. Nessa oportunidade, foram coletadas as assinaturas dos alunos no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE V).

Para explicar os objetivos da pesquisa, também nos reunimos com os professores da escola pesquisada, para que eles conhecessem o real significado e importância da pesquisa não apenas para os alunos, mas também para os professores do 6º ano de forma geral. Eles também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE III).

Os participantes desta pesquisa se propuseram a contribuir pois perceberam sua real relevância para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, e a possibilidade de ela ajudar a tornar o espaço escolar mais dialógico por meio da comunidade de investigação filosófica.

4.2 Metodologia

A pesquisa foi realizada numa escola da rede municipal de uma cidade do estado do Maranhão-MA. Trata-se de uma análise qualitativa com características de pesquisa participante com o objetivo de compreender como o diálogo e a investigação filosófica propostos por Lipman podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Minayo (2012), a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e tem todos os requisitos e instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico. Já a pesquisa participante, como ressaltam Soares e Ferreira (2006, p. 96), pressupõe “[...] necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa”. Esse tipo de pesquisa é de grande importância, pois se caracteriza pela familiaridade entre o pesquisador e o sujeito, sendo que eles procuram solucionar, ou compreender, uma problemática estabelecida por meio de ações diretas.

Sendo assim, procedemos a uma revisão bibliográfica para compreendermos e nos aprofundarmos na proposta do norte-americano Matthew Lipman acerca do ensino de Filosofia para crianças. Nesse momento, enfatizamos o diálogo e a investigação filosófica com crianças, bem como o envolvimento delas em uma comunidade de investigação no ambiente escolar.

A pesquisa bibliográfica desenvolvida é também fundamentada e feita tendo como base materiais como livros, artigos científicos, pesquisas publicadas em meio físico e eletrônico (Bastos; Ferreira, 2016).

Por meio da pesquisa bibliográfica, abordamos temas como a filosofia, o diálogo e a investigação filosófica, conforme já mencionado. Além disso, abordamos a ética como elemento primordial para convivência em grupo.

Após a pesquisa bibliográfica, foi realizada uma entrevista de Grupo Focal (Gatti, 2005; Minayo, 2009) com alunos e professores, com o objetivo de compreendermos as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, é possível aperfeiçoá-lo e torná-lo mais dinâmico.

Para a construção do Produto Educacional, elaborado na plataforma “Book Creator”, alguns textos foram produzidos em forma de diálogos entre os

personagens, também, foram criados vídeos e imagens na versão gratuita do programa “Animaker”, além de outras imagens de autoria própria que foram significativas na ilustração do produto. Outro fator primordial na construção do produto foram os diversos áudios de autoria própria em parceria com familiares. O referido material será oferecido aos professores e alunos por meio de um link de acesso à novela produzida, além do guia do professor, que ficarão disponíveis após a finalização da pesquisa.

A seguir, os links para acesso ao produto destinado ao aluno e ao Guia do Professor.

Link de acesso ao Produto Educacional (aluno):

https://read.bookcreator.com/TzA4Wpt5BMR93Hb5BhjEHoVlv5d2/47C_Dp_ZR96OhjJ4Sv-Wcq

Link de acesso ao guia (professor):

<https://read.bookcreator.com/TzA4Wpt5BMR93Hb5BhjEHoVlv5d2/W5VkOdKuTPaHGnuoCsblXA/u9vCE0rgR7W8PEQx3egJ-Q>

Ao final da pesquisa, será realizada uma reunião com professores e alunos para relato dos resultados, bem como para apresentação e entrega do link de acesso à novela e ao guia de orientação do professor no manuseio e utilização do produto.

4.3 Local e participantes

A escola municipal do Ensino Fundamental pesquisada está localizada em uma cidade do Estado do Maranhão e atende alunos do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

Dos 64 alunos matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental, 42 participaram deste estudo. Alguns alunos desejavam participar, mas, por não termos conseguido encontrar com seus pais ou responsáveis para assinar o TCLE, isso não foi possível. Sendo assim, o público que participou da pesquisa foram 22 alunos do 6º ano “A” e 20 alunos do 6º ano “B” do Ensino Fundamental – ambas as turmas funcionam no turno vespertino – totalizando 42 crianças com onze anos de idade.

Também fizeram parte da pesquisa sete professores, que têm entre 35 e 60 anos de idade, cinco deles são do gênero feminino e dois do gênero masculino. Vejamos essas e mais informações no Quadro 2.

Quadro 2 - Caracterização dos professores participantes da pesquisa

Prof.	Gênero	Licenciatura	Especialização	Tempo de experiência	Disciplina que leciona
P1	Feminino	História	Didática do Ensino de História	12 anos	História
P2	Feminino	Ciências	Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	20 anos	Ciências
P3	Feminino	Letras	Não tem	30 anos	Arte
P4	Feminino	Letras	Gramática, produção e revisão de textos	24 anos	Inglês
P5	Feminino	Pedagogia	Psicopedagogia com ênfase em Gestão e Supervisão Escolar	15 anos	Geografia
P6	Masculino	Matemática	Não tem	30 anos	Ensino Religioso Ed. Física
P7	Masculino	Química/ incompleto	Não tem	2 anos	Matemática

Fonte: Elaborado pelo autor

Todos os professores que participaram da pesquisa lecionam nas turmas do 6º ano “A” e “B” do Ensino Fundamental. A maior parte desses professores não trabalha com a disciplina de Filosofia, mas é possível trabalhar com os conteúdos de qualquer disciplina de forma interdisciplinar, fazendo com que as diversas disciplinas dialoguem entre si.

Os professores participantes lecionam as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Inglês, Filosofia, Ensino Religioso, Arte e Educação Física. Os professores, mesmo tendo conhecimentos advindos de suas formações, relatam certas dificuldades em suas práticas.

Com os resultados obtidos, objetiva-se a estruturação de conteúdos e materiais com mais relevância para o processo de ensino e aprendizagem, como elaboração de textos em formatos de diálogos, de vídeo, de áudios e de imagens, bem como o envolvimento do aluno no diálogo por meio da comunidade de investigação filosófica proposta por Lipman.

4.4 Materiais e instrumentos

No percurso desta pesquisa, foram realizadas entrevistas de Grupo Focal com os 22 alunos do 6º ano “A” e com os 20 alunos do 6º ano “B” (APÊNDICE VI). Também fizeram parte da pesquisa sete professores de ambas as turmas

pesquisadas. Essas entrevistas foram realizadas de forma presencial com grupos de no máximo 12 alunos. Já com os professores, foi realizada apenas uma entrevista de Grupo Focal com os sete professores (APÊNDICES VII). Para os registros daquilo que foi observado durante as entrevistas de Grupo Focal, foi necessária uma câmera profissional, cadernos para anotações, celular; além de notebook.

A entrevista de Grupo Focal aplicada aos alunos continha sete blocos, somando um total de 32 questões. Aos professores, foram aplicados sete blocos de questões, totalizando 31.

O primeiro bloco de questões se referia especificamente a informações pessoais. Os demais blocos abordaram questões em torno da prática do diálogo e da investigação filosófica, o comportamento ético e o andamento do processo de ensino e aprendizagem. A reflexão sobre esses aspectos leva a descobertas das barreiras na transformação da sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica, conforme proposta por Lipman.

Além disso, em entrevistas de Grupo Focal, os alunos narraram como foi o manuseio e as diferentes situações apresentadas no produto, na novela filosófica interativa digital, tendo como principal norteador o guia de orientações do produto. Dessa forma, os alunos puderam se expressar sobre como eles perceberam tais afirmativas, dando suas opiniões em relação ao produto educacional. A partir disso, se conscientizaram sobre o quanto eles avançaram.

O Grupo Focal como método de pesquisa ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade (Gondim, 2002). Para Bastos e Ferreira (2016), a entrevista é um diálogo que possibilita ao entrevistador obter informações diretamente do entrevistado, no caso da pesquisa científica, informações que podem ser relevantes para um determinado estudo. O entrevistado faz o seu depoimento a partir de um panorama criado pelo pesquisador, com uma história de vida e especificidade diversa.

4.5 Procedimentos

4.5.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados, foram feitas entrevista de Grupo focal com os alunos

do 6º ano A e B do Ensino Fundamental e com os professores. As entrevistas aconteceram presencialmente. O 6º ano A se dividiu em dois grupos, sendo um com 10 e outro com 12 alunos, e os alunos do 6º ano B se dividiu em dois grupos, com 10 alunos cada, para facilitar a interação de cada grupo. Já com os professores, foi organizado apenas um grupo de sete professores.

As conversas e interações por meio de Grupo Focal com os alunos aconteceram no mês de fevereiro de 2023 e a duração de cada uma foi de aproximadamente uma hora. Todos os Grupos Focais foram filmados com o celular ou com uma câmera fotográfica profissional.

Todos os encontros do Grupo Focal foram realizados na sala de Atendimento Educacional especializado (AEE) da escola, pois todas as entrevistas aconteceram no horário letivo em que tanto os alunos como os professores estariam em sala de aula. Foram quatro encontros com os alunos e apenas um com os professores, todos realizados no período da tarde, com duração de uma hora cada.

Os encontros com os alunos foram mediados pelo pesquisador, que estimulava o grupo por meio de questões norteadoras, organizados em blocos, conforme já mencionado. Trata-se de questões sobre organização da sala de aula; diálogo e investigação filosófica; motivação para um diálogo e uma investigação; interferência do diálogo e da investigação filosófica na mudança de paradigma no ambiente escolar; relações em sala de aula; ética no espaço escolar; desmotivação em relação ao diálogo; e investigação em sala de aula.

Os dados dos Grupos Focais foram gravados com o consentimento dos participantes, em seguida foram transcritos. Os professores participantes da pesquisa foram identificados com a letra “P”, seguida de um numeral para especificar cada participante. Já os alunos participantes da pesquisa foram identificados com a letra “A”, seguida de um número específico que representa cada aluno participante.

No mês de abril uma professora aplicou a novela interativa digital nas duas turmas, tendo sempre o Guia do Professor como orientador para aplicação. Após a leitura e aplicação, eram feitas perguntas aos alunos usando o Plano de Discussão assim como os exercícios propostos no Guia do Professor. É por meio desses instrumentos que o professor percebe tanto o grau de dificuldade na compreensão e interpretação dos textos assim como facilitará a transformação da sala de aula em

uma comunidade de investigação ética.

Com base nas informações analisadas e contextualizadas em um diálogo reflexivo em consonância com as teorias dos pesquisadores da área, estamos buscando estimular novas possibilidades para alunos e professores do Ensino Fundamental no desenvolvimento de novos meios a serem incluídos na prática em sala de aula.

Sendo assim, propõe-se um melhor envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, e que essas inovações possam fazer parte do cotidiano das escolas e dessa forma facilitar o entendimento dos alunos em cada uma das atividades proposta pelo professor. Com isso, visa-se a superação dos alunos do Ensino Fundamental no que diz respeito à participação de maneira efetiva nas discussões assim como também nas investigações nas diversas situações existentes no cotidiano escolar, apresentadas por meio dos diálogos presentes em cada um dos capítulos que compõem a referida novela.

4.5.2 Etapas da pesquisa

A princípio, realizou-se leituras de suporte teórico e metodológico de obras que abordam a metodologia de Matthew Lipman; em seguida, foram elaborados e aplicados os instrumentos de coleta de dados – a entrevista de Grupo Focal; a partir da aplicação dos Grupos Focais, foram estruturados e analisados os dados coletados.

Em seguida, passamos à elaboração do produto – a construção de uma novela filosófica interativa digital destinada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental que facilitasse tanto o diálogo quanto a investigação de maneira ética no processo de ensino aprendizagem – e desta dissertação.

Finalmente, foi elaborado um guia, para os professores do 6º ano do Ensino Fundamental, para orientar a aplicação da novela interativa digital em sala de aula. Esse documento serve para o desenvolvimento da aprendizagem por meio da comunidade de investigação.

5 DELINEAMENTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional apresentado neste estudo é um requisito do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Unesp. Ele parte da proposta de Matthew Lipman, pois o autor propõe um programa pautado na Comunidade de investigação filosófica, onde se tem as novelas filosóficas como principal instrumento para se trabalhar com os alunos por meio da comunidade, ou seja, transformando a sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica.

Trata-se de uma novela interativa digital contendo textos, imagens, áudios e vídeos, que visam a facilitar a compreensão da história. A novela aborda temáticas envolvendo a ética na disciplina de Filosofia de maneira interdisciplinar e tem como objetivo a superação de problemas por parte dos alunos, a postura ética nas redes sociais e tudo aquilo que pode interferir na formação da criança e de sua concepção de ética na sua vivência nos diversos meios sociais.

As crianças na faixa etária dos 11 anos são apegadas às tecnologias (Dino; Costa, 2021)¹. Por esse motivo, a novela é composta por quatro capítulos, que são compostos por dois episódios construídos em forma de diálogos em redes sociais, como WhatsApp, Messenger, Instagram e Tik Tok.

As três redes sociais, WhatsApp, TikTok e Instagram, têm políticas de idade mínima de 13 anos para criação de conta. Todavia, há uma porcentagem significativa das crianças nessa faixa etária que têm perfil no WhatsApp (54%), no TikTok (42%) e Instagram (23%) (Silva, 2022).

O uso do Instagram, WhatsApp, TikTok e Messenger por crianças é uma realidade presente em nossa sociedade atual. Embora essas plataformas possam oferecer benefícios em termos de interação social e compartilhamento de conteúdo, é essencial que os pais, educadores e responsáveis estejam atentos aos possíveis impactos negativos. A conscientização sobre privacidade, segurança e uso equilibrado das mídias sociais deve ser uma prioridade na educação das crianças, visando promover um ambiente saudável e seguro para o seu desenvolvimento.

¹ Em relação ao uso das tecnologias entre crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, observa-se também a tendência crescente de uso do telefone celular para acesso à Internet. As proporções de uso do dispositivo saltaram de 53% em 2013 para 95% em 2019. Em contrapartida, observa-se o uso cada vez menor do computador para acesso à rede na faixa etária considerada, proporção que passou de 90% em 2013 para 38% em 2019 (Dino; Costa, 2021, p. 33)

Os vídeos, assim como os áudios, apresentados no final de cada um dos episódios que compõem a novela englobam os conteúdos dos respectivos episódios. Eles retratam como tudo aconteceu em cada episódio, só que de uma maneira mais dinâmica, consideramos que essas ferramentas possam auxiliar e incentivar os alunos. O aluno também perceberá que boa parte dos áudios e vídeos tem a participação de crianças que podem ter mesma faixa etária que eles. Isso prende a atenção do aluno, fazendo com que entendam o conteúdo de maneira mais dinâmica e atraente, e passam de passivos a protagonistas, ou seja, o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento.

Portanto, o produto educacional elaborado a partir desta pesquisa se torna relevante para o aprendizado sobre a postura ética principalmente dentro das redes sociais. Ele visa ser intuitivo e dinâmico além de envolver situações cotidianas do aluno. Também foi criado um guia aos professores com o intuito de orientar o trabalho no que se refere à aplicação do produto de uma maneira mais dinâmica, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o produto criado aborda temáticas que envolvam a ética não apenas na disciplina de Filosofia, mas de forma interdisciplinar, quanto às relações sociais, nos diálogos e investigações filosóficas visando a superação dos alunos. A novela propõe o raciocínio por meio da leitura e da comunicação e expressão pessoal. É por meio do envolvimento dos alunos com a história que eles se sentirão mais estimulados, melhorando suas habilidades de pensamento, proporcionando a cada criança um pensamento filosófico a respeito daquilo que se sentem mais atraídos. Mas isso só será possível por meio de uma investigação dialógica e cooperativa, uma metodologia esforçada em provocar na criança um estado de admiração, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem vá de encontro aos anseios das crianças, e não apenas aos anseios do professor.

A novela interativa digital tem um enredo que foi cautelosamente pensado para as crianças do 6º ano do Ensino Fundamental de forma que tanto a escrita como os vídeos, os áudios, os personagens assim como todo o *design* e estrutura do produto foram ajustados pensando em seu público-alvo. Ao ler a novela, o aluno percebe que ela traz temáticas do seu interesse, abordando por meio dos diálogos presentes em algumas redes sociais, fazendo com que os alunos se sintam excitados a mergulhar nas histórias de maneira que a ética sempre prevalecerá.

Esteticamente, a novela foi pensada para que as crianças entendam mais facilmente aquilo que os personagens querem transmitir. Além disso, as experiências observadas são também discutidas.

5.1 Título do produto

BYA: Um diálogo com os nativos digitais (FIGURA 1).

Figura 1 - Capa da novela, com título



Fonte: Elaborado pelo autor na plataforma Book Creator

5.2 Resumo do produto

O Produto Educacional desenvolvido neste estudo consiste em uma novela interativa digital, uma história cujos personagens são crianças na faixa etária de 11 anos que aparecem envolvidas em situações problemáticas. Essas situações as obrigam a trabalharem suas habilidades cognitivas, passando a se comportarem de maneira mais racional e civilizada. Os personagens da novela servem de modelos a serem seguidos pelos alunos, que têm a mesma faixa etária. A novela interativa digital poderá ser acessada por meio de um link gerado no site do Book Creator, que pode ser acessado tanto por meio do celular como de um computador.

As imagens da capa do referido produto foram criadas no “Zepeto”, um aplicativo de celular. Já os personagens da novela foram criados na versão gratuita da plataforma “Animaker”, onde também foram criados todos os vídeos animados. Outras imagens que aparecem na ilustração da novela foram de autoria do autor, criadas no computador. Ao observar os personagens, as crianças passam a imitá-

los, e, aos poucos, internalizam suas atitudes cognitivas, éticas e sociais. Isso faz com que elas se tornem mais racionais, agindo de maneira onde a ética sempre prevalecerá.

A referida novela foi organizada em formato de *ebook* elaborado na plataforma Book Creator, e conta com cinco personagens principais que dialogam entre si. O diálogo entre os personagens algumas vezes acontece de maneira ética, mas em determinados momentos esse diálogo toma rumos diferentes, é quando alguns personagens faltam com o devido respeito e são até mesmo preconceituosos com o colega. Durante as discussões, são disponibilizados vídeos e textos que demonstram como os diálogos acontecem entre os personagens. Além disso, a novela apresenta diálogos e comportamentos que acontecem nas redes sociais, como WhatsApp, Messenger, Instagram e Tik Tok. Essa novela filosófica é digital e interativa e terá como público-alvo os alunos do 6º ano “A” e “B” do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada na zona urbana de um município no estado do Maranhão-MA.

A novela tem 68 páginas que buscam analisar as formas de dialogar e investigar filosoficamente sobre os diversos problemas éticos de maneira ética. Ela busca contribuir, nos contextos em que for aplicada, para a transformação do perfil do cidadão, transformando-o em um novo sujeito. Assim, o produto educacional deste estudo busca ser capaz de influenciar no processo de ensino e aprendizagem por meio do diálogo assim como da investigação no ambiente escolar, fomentando, no aluno do 6º ano do Ensino Fundamental, a curiosidade e o estímulo sem perder a postura ética. A partir disso, o ensino e aprendizagem segue por trilhas não-tradicionais, pautadas pelo diálogo e pela investigação de temas.

Também acompanha a novela interativa digital um guia de orientação, também digital, para que os professores possam compreender como usar o material em suas salas de aula.

5.3 Problema do produto

Para o desenvolvimento do produto educacional, partimos da seguinte questão norteadora: como desenvolver uma novela interativa digital para alunos do

6º ano do Ensino Fundamental capaz de trabalhar com a postura ética adequada nas discussões a partir do diálogo e de investigações filosóficas em sala de aula?

Constata-se que os ensino de conteúdos prontos e acabados, a imposição de maneiras de pensar e agir aos alunos vêm causando um certo empobrecimento da dinâmica de sala de aula, assim como entristecimento dos alunos, que pode ser resultado da relação entre o educador e o educando em que o primeiro se coloca como a única autoridade sobre o assunto que está sendo trabalhado (Mouta; Brandão, 2019).

5.4 Público-alvo para utilizar a novela

A novela é composta de histórias que podem ser apresentadas e discutidas com alunos com a faixa etária de 11 anos. Os usuários desse produto podem ser todos os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, que residem na zona urbana ou rural. Eles vivem encantados pela dinamicidade oferecida pelas tecnologias, principalmente com as redes sociais, e isso pode ser uma motivação para os alunos, visto que a novela que propomos neste trabalho é interativa e digital.

O objetivo da novela, do produto educacional, é fazer com que os alunos aprendam a se comportar de maneira que a ética não só nos diálogos recorrentes em sala de aula, mas também nas redes sociais. Além disso, a dinamicidade existente nas ferramentas digitais faz com que o diálogo venha fluir frequentemente, gerando um prazer em dialogar por meio delas. Por esse motivo, a escola deve cumprir o seu papel não apenas de acompanhar, mas também inovar as suas práticas de acordo com os anseios dos alunos, pois assim se tornará cada vez mais atrativa.

Enquanto outras instituições sociais avançam, a escola também avança, mas de maneira lenta. Porém, ela não pode impedir que os alunos acessem as redes sociais, devemos educar os alunos a usarem de forma criteriosa, correta e com responsabilidade (Sousa *et al.*, 2016).

Por isso, há uma necessidade de se inovar a prática docente, inserindo ferramentas digitais na prática do professor, uma vez que os alunos do Ensino Fundamental são “bombardeados” diariamente pelos meios de comunicação de massa que oferecem produtos cada vez mais atraentes. Dessa forma, os meios de

comunicação fazem com que os indivíduos, as crianças, se sintam cada vez mais envolvidos pelos mais diversos produtos.

Esse é um dos motivos pelos quais nossos alunos, desde cedo, estão se distanciando das metodologias propostas pelos professores, pois se deparam diariamente com uma diversidade de inovações que passaram a fazer parte do seu cotidiano. Sendo assim, é necessário que o professor inove com urgência, não apenas a sua metodologia, mas também os meios utilizados.

Além disso, mesmo aqueles que residem na zona rural, todos os alunos aos quais o produto se destina têm acesso a internet, além disso, o envolvimento do aluno com algo tem a ver com a sua idade, com as suas características, pois eles são tecnológicos e apegados com as redes sociais. Além de tudo, esses alunos gostam de novas experiências, algo que lhe chama atenção, gerando dessa forma mais aprendizado, tornando o aluno protagonista do processo de aprendizagem.

Sendo assim, o desenvolvimento do produto foi algo possível e gratificante, pois o público-alvo já tem uma certa atração pelas inovações que foram disponibilizadas na novela, ou seja, no produto digital e interativo.

Os alunos do 6º ano estão em uma fase de apego às novas tecnologias, em especial às redes sociais, e o professor precisa inovar à sua maneira de transmitir esse conhecimento, pois fora do ambiente escolar esses alunos se deparam diariamente com algo novo e atrativo. Isso exige uma transformação urgente em sala de aula. Ao contrário, boa parte desses alunos se sentirão desmotivados, podendo aumentar o número de reprovados e até mesmo evadidos no decorrer do ano letivo.

5.5 Diagnóstico local

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal que atende aos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental localizada na Mesorregião Centro Maranhense, Microrregião do Médio Mearim de uma cidade do estado do Maranhão. A escola é composta por seis salas de aula, sendo que seis turmas funcionam no turno matutino e seis no turno vespertino. Essa escola recebe alunos da zona urbana e da zona rural, há grande concentração de alunos e alta procura por matrículas – alguns pais desejam que os filhos estudem nessa escola, além de se tratar de uma instituição estruturalmente aconchegante. No momento da realização

desta pesquisa, a escola se mudou, há apenas cinco anos, um local completamente novo e está passando por uma grande ampliação.

Mesmo a escola sendo localizada em um bairro distante do centro da cidade, dos grandes supermercados, farmácias, praças e escolas particulares, ela fica em um bairro acessível, de fácil localização e de grande circulação de pessoas e veículos, às margens de uma BR e próxima de diversas localidades rurais.

A escola atende alunos de seis a 10 anos (Ensino Fundamental I) e alunos a partir de 11 anos (Ensino Fundamental II), e auxilia alunos com variadas deficiências. Por atender uma diversidade de alunos, os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem se sentem à vontade para participar das atividades propostas.

A Equipe Gestora é a mesma para os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental. A escola acolhe e auxilia seus discentes, seja ele aluno do centro urbano ou do campo, dessa forma, a participação dos alunos nas atividades torna-se cada vez mais efetiva.

5.6 Contexto de ensino

Os usuários do produto educacional são ingressantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o que, para eles, aumenta o grau de dificuldade da etapa de escolarização que se inicia. Sendo assim, o produto foi criado para esse público, pois não podemos persistir com a ideia de que é o aluno que se afasta da escola, mas a escola que se distancia da realidade do aluno.

Boa parte dos professores pesquisados, apesar de terem cursado uma graduação ou até mesmo especialização, ainda trabalham e organizam a sala de aula de maneira tradicional, ou seja, em fileiras, ao contrário do que propõe Lipman. Além disso, não é dada ao aluno a oportunidade de ver e trabalhar a tecnologia vivenciada por eles fora do ambiente escolar.

Quando se fala do aluno com essa faixa etária, ou seja, os ingressantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a dificuldade pode ser agravada ainda mais devido a exclusão dos aparatos tecnológicos da sala de aula, pois a falta dessa dinamicidade pode causar dificuldades na comunicação, interação social, levando-os a um desânimo. Devido a essas dificuldades, a compreensão e interpretação do

conteúdo trabalhado boa parte dos alunos não avançam ficando prejudicados por falta de práticas que possam proporcionar uma aprendizagem mais significativa.

5.7 Proposta de alteração do contexto

A novela irá ajudar os discentes em situações vivenciadas na formação das habilidades em um processo dialógico investigativo que venha possibilitar uma formação com mais atitudes e mais participação. O produto educacional por nós elaborado provocará uma aprendizagem que, além de significativa, é dinâmica, e acontece por meio da comunidade de investigação.

O uso de imagens, áudios, vídeos e textos em forma de diálogos por meio das redes sociais auxilia e motiva os alunos a ir ao encontro de novas descobertas por meio das conversas, tendo os personagens como exemplos que podem ser seguidos. Tudo isso é bem planejado e orientado por meio do Guia do Professor, que também é um material dinâmico.

A metodologia proposta pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, pois trabalha a compreensão e interpretação além de outras temáticas que são de fundamental importância para a aprendizagem de ambas as disciplinas do Ensino Fundamental. Esse foi o motivo pelo qual foi produzido o guia aos professores, para que eles possam, não apenas trabalhar esse guia, mas produzir outros a partir de novas ideias surgidas no decorrer das atividades e assim a compreensão ocorra com mais frequência.

Sabe-se que, no cotidiano, os professores, assim como os alunos, fazem uso de recursos disponíveis na internet, como vídeos e as diversas redes sociais. O uso desses recursos na novela tem o objetivo de facilitar o entendimento e o engajamento das crianças nas aulas. No caso deste estudo, todos os alunos pesquisados tinham acesso à internet e às redes sociais.

Atualmente, o público-alvo de nosso produto educacional usa intensamente as ferramentas tecnológicas, principalmente as que oportunizam diversão e interação com outras pessoas. Essas ferramentas podem facilitar o uso do produto, tornando-o intuitivo. Sendo assim, o produto é de fácil acesso e manuseio por parte do aluno assim como do professor; quando necessário, o aluno poderá manusear o produto de forma independente.

A ideia é que a novela provoque a interação em sala de aula, sendo que os episódios apresentados na novela motivam e engajam as crianças para se interessarem e se envolverem nos assuntos relacionados a postura ética dos mesmo perante os diálogos, que serão apresentados por meio das redes sociais como: o WhatsApp, Messenger/Facebook, Instagram e TiK Tok.

Os envolvidos no processo de escolarização da criança poderão perceber desde cedo que será possível aprender com aquilo que as tecnologias nos oferecem, ou seja, envolver no processo de ensino e aprendizagem algo que é atrativo e que prende a atenção da criança.

5.8 Metodologia de desenvolvimento do produto

Na construção do produto educacional, utilizamos a metodologia do *Design Thinking*, por meio das etapas seguintes:

Etapas 1 – compreensão e definição do problema e seus protagonistas: para se organizar os conhecimentos prévios no contexto a ser trabalhado. Nessa etapa, nos reunimos com amigos e pessoas que tinham um certo conhecimento para com o público-alvo, para discutirmos sobre o problema. Envolvemos outras pessoas da área de educação que contribuiriam com o desenvolvimento de ideias e que também ajudaram na percepção do problema.

Etapas 2 – elaboração do Mapa de Empatia. É aqui que respondemos os seguintes questionamentos:

a) Com quem quero ter empatia?

- Pessoas que queremos compreender melhor;
- Sua situação;
- Seu papel;

b) O que precisa fazer?

- O que precisa fazer de diferente;
- Que decisões precisa tomar;
- Como saber se foi bem-sucedido;

c) O que vê?

- No meio familiar;
- Em outros ambientes;

- Amigos;
- O que o mercado oferece;
- O que está lendo e assistindo;
- d) O que diz?
 - O que fala;
 - O que podemos imaginar falando;
- e) O que faz?
 - Atitude em público;
 - Aparência;
 - Comportamento observado;
- f) O que escuta?
 - O que os amigos dizem;
 - O que os pais dizem;
 - O que os influenciadores dizem;
- g) O que sente e pensa?
 - Dores (medos, frustrações, obstáculos);
 - Ganhos (desejos, necessidades, sonhos);
 - Outros pensamentos e sentimentos que motivam seu comportamento.

Etapas 3 - idealização do produto: construção de ideias do produto em grupo, categorizando e avaliando a pertinência das propostas dadas por cada um dos participantes. Aqui, cada pessoa que participa do grupo pode opinar, dando sugestão de como pode ser o produto.

Nesse momento, surgem várias ideias, que podem ser selecionadas as melhores, partindo-se das categorias que foram analisadas de acordo com o tempo, aplicabilidade, inovação e facilidade de desenvolvimento do produto em cada sugestão.

Etapas 4 – prototipagem. Transformamos a ideia em algo aplicável, ou seja, construir um esboço da solução, tornando possível a visualização da ideia para prática. Mas nunca se pode esquecer que se trata apenas de um esboço, e não de um produto finalizado, e por isso deve ser melhorado.

Etapas 5 – teste. Apresentamos o protótipo criado aos alunos, buscando um *feedback*. Essa etapa é de grande importância, servindo para melhorar as ideias assim como as soluções, e para ter um aprendizado mais sólido sobre o usuário do

produto. Sendo assim, focamos nas seguintes questões:

- ter paciência, deixar o usuário observar e manusear bem o produto para que possa opinar sobre ele, pois poderão surgir diferentes visões do produto;
- o aluno poder listar as vantagens e desvantagens do produto;
- observar as reações de cada aluno ao manusear o produto;
- não impor ao aluno uma forma de interpretação;

Tanto a novela destinada ao aluno como o Guia do Professor foram elaborados no formato digital. A novela contém textos, imagens, vídeos e áudios, possibilitando a orientação e o entendimento do aluno na sala de aula, transformada em uma comunidade de investigação filosófica, proporcionando a interação com os colegas e entre eles e o professor. O formato digital foi pensado pelo fato de fazer com que tanto alunos como professores percebam que é possível inovar e tornar o ambiente escolar mais atrativo e dinâmico, pois isso ficará cada vez mais óbvio com a explanação da aula por meio de data show e com a ajuda de aparelhos de celulares, pois constatou-se que grande parte dos alunos possuem. A forma digital foi aplicada para facilitar as alterações antes da finalização da pesquisa.

A elaboração da novela foi realizada na Plataforma Book Creator, sendo uma parte das imagens e vídeos desenvolvidos em um programa por nome Animaker, outra parte das imagens foram construídas no aplicativo “Zepeto” e outras são de autoria do autor por meio de um computador.

A novela é composta por quatro capítulos, cada um dos capítulos é composto por dois episódios. Além disso, ao final de cada episódio, há o “como tudo aconteceu” que narra todo o episódio, hora por meio de diálogos nas redes sociais, hora por meio de vídeos e áudios. Já no final de cada capítulo, são apresentados vídeos que são recadinhos das redes sociais, WhatsApp, Messenger, Instagram e Tik Tok.

No Guia do Professor, cada episódio é composto por orientações ao professor, um exercício, um plano de discussão, além de um “momento de construção” sobre as ideias abordadas na temática referente ao episódio. O momento de construção é uma sugestão para que ao final de toda a novela a turma possa construir um *e-book* por meio de todo conhecimento adquirido por meio das discussões.

A novela, assim como o guia, foi elaborada no formato de *e-book*, que o aluno deve passar de uma página para outra por meio de um “clique” que faz o efeito *flipbook*, de folhear livro. Além disso, as imagens, vídeos foram desenvolvidas em aplicativos e sites, cujas as suas versões são gratuitas.

O produto digital tem sua dinamicidade até mesmo em suas respectivas páginas, pois além de seguir a metodologia do programa proposto por Lipman, cada capítulo tem as suas páginas em cores diferentes. Cada episódio aborda uma temática vivenciada no cotidiano das crianças, principalmente nas redes sociais.

Para a utilização da novela, transforma-se a sala de aula em uma comunidade de investigação para prepararmos os alunos enquanto pessoas que podem viver melhor socialmente e cognitivamente por meio do diálogo, construindo uma sociedade cada vez mais democrática.

É um compromisso com a liberdade, com o debate aberto, com o pluralismo, com o autogoverno e com a democracia. A razão prática, a investigação reflexiva e o juízo prático ponderado na praxis política comum pressupõem que as pessoas na sociedade tenham um senso de diálogo e de investigação em comunidade e facilidade com as habilidades dessa investigação. Só na medida em que os indivíduos têm a experiência de dialogar com os outros iguais, de participar da investigação pública partilhada é que são capazes de, eventualmente, desempenhar um papel ativo na formação de uma sociedade democrática [...] (Sharp, 1995, p. 37 *apud* Sofiste, 2010, p. 76).

Na novela, são trabalhados diálogos por meio de personagens que servirão de exemplos para as crianças, pois as discussões em sala de aula têm início com a leitura, visualização das imagens que tem como complemento os vídeos e áudios presentes em cada episódio. É por meio desses recursos que a compreensão e interpretação de cada diálogo acontece de maneira cada vez mais dinâmica. Tanto a novela como o guia serão oferecidos via link, para que os alunos e professores acessem sempre que necessitarem de leituras ou informações nele contidas.

A versão final da novela interativa digital foi realizada pelo autor pesquisador na plataforma Book Creator, a construção desse produto não teve nenhum custo, pois todos os programas utilizados para a sua criação foram utilizados apenas na sua versão gratuita.

5.8.1 Desenho do produto

A novela “Bya: um diálogo com os nativos digitais” objetiva auxiliar as crianças do 6º ano do Ensino Fundamental a compreender os episódios por meios de uma dinamicidade proposta por meio de ferramentas compostas por textos em forma de diálogos, imagens, vídeos e áudios, que podem facilitar a compreensão e interpretação de cada um dos capítulos. Após cada episódio são apresentados “o como tudo aconteceu” que hora são apresentados por meio de diálogos em redes sociais como: WhatsApp, Instagram e Messenger e em outros momentos são apresentados por meio de vídeos e áudios. Todos esses aparatos tecnológicos são correspondentes aos episódios trabalhados com os alunos e assim facilitar o ensino-aprendizagem de cada diálogo lido.

Como demonstração, a seguir, serão apresentadas figuras que ilustram os episódios um e dois que compõem o capítulo um.

Logo após a leitura do título e a observação de todas as imagens presentes na capa da novela, o aluno clica na seta ao lado para prosseguir para a próxima página, como demonstrado na Figura 2.

Figura 2 - Primeiro efeito *flipbook* da novela (efeito de folhear livro)

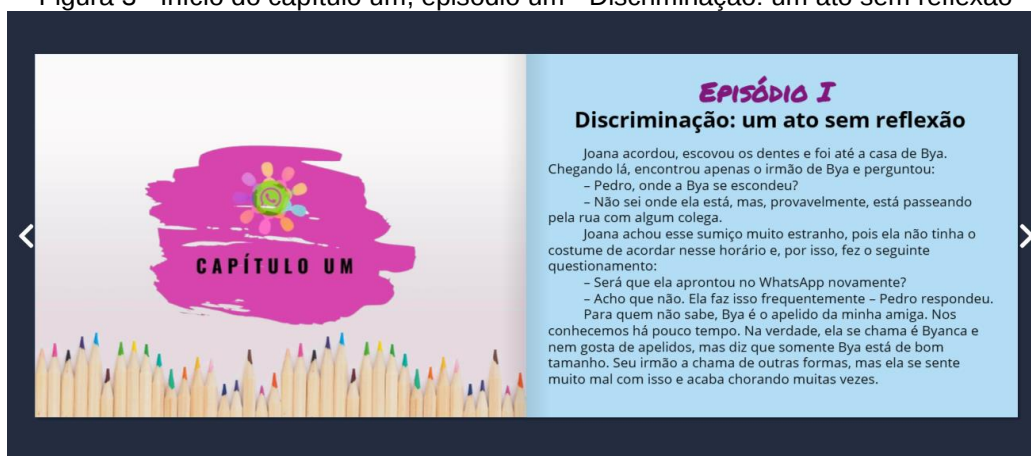


Fonte: Elaborado pelo autor

Inicia-se o primeiro episódio do capítulo um, que aborda a discriminação, onde os personagens dão início a um diálogo que acaba adentrando no WhatsApp. Após a observação da imagem e a leitura do diálogo, o aluno clica na seta ao lado,

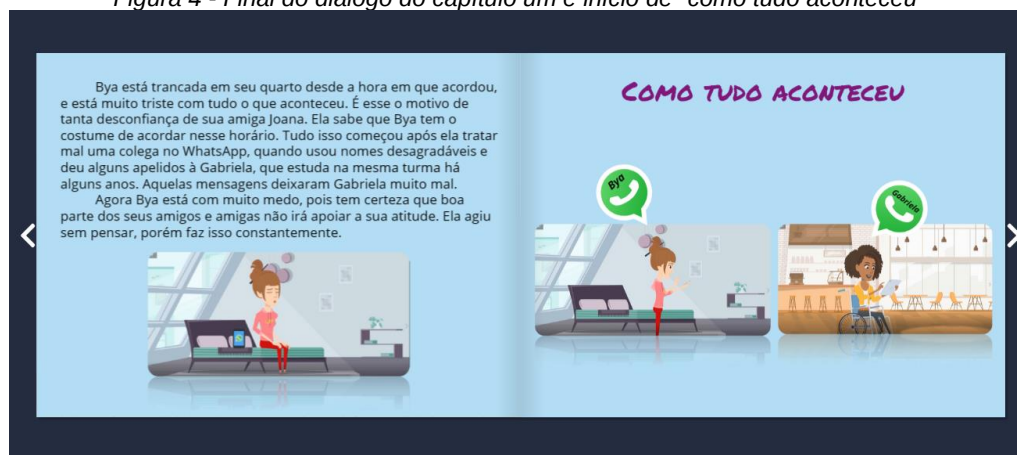
seja para prosseguir ou para retornar à página anterior, como se visualiza na Figura 3.

Figura 3 - Início do capítulo um, episódio um - Discriminação: um ato sem reflexão



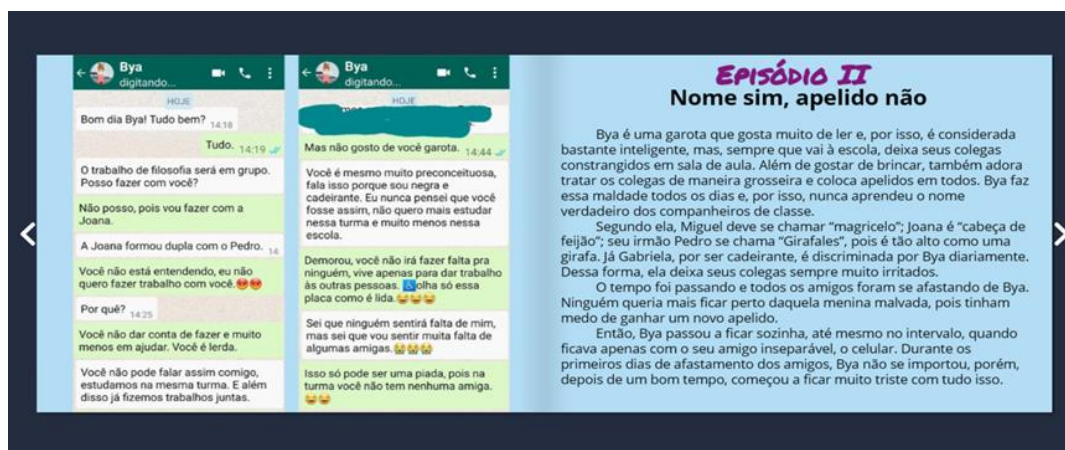
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 4 - Final do diálogo do capítulo um e início de "como tudo aconteceu"



Fonte: Elaborado pelo autor

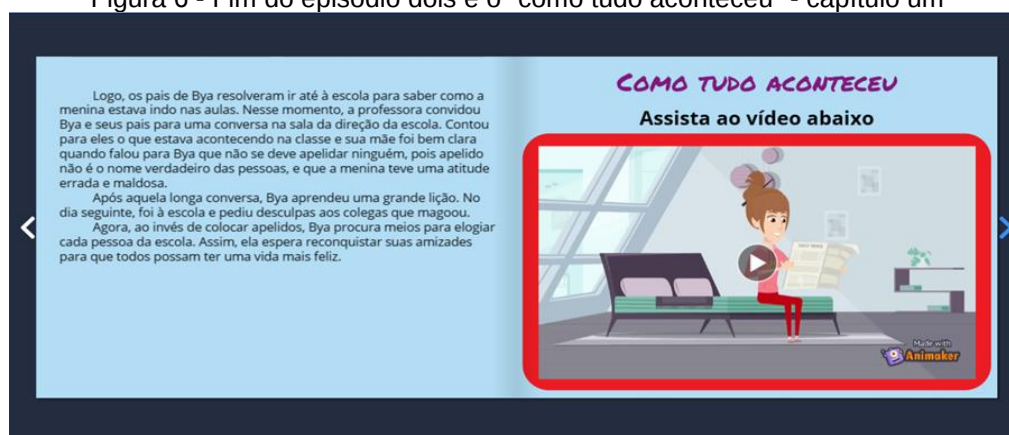
Figura 5 - Capítulo um - final de "como tudo aconteceu" episódio um, e início do episódio dois – Nome sim, apelido não



Fonte: Elaborado pelo autor

O episódio dois referentes ao capítulo um, aborda a importância do nome verdadeiro de cada um. Consta-se, no entanto, que boa parte da violência, seja ela física ou psicológicas praticadas no ambiente escolar, são decorrentes de apelidos entre crianças e adolescentes (Vieira, 2010). Como o primeiro capítulo é composto por um diálogo no WhatsApp, encerra-se o capítulo com um vídeo com um recadinho do mesmo para as crianças.

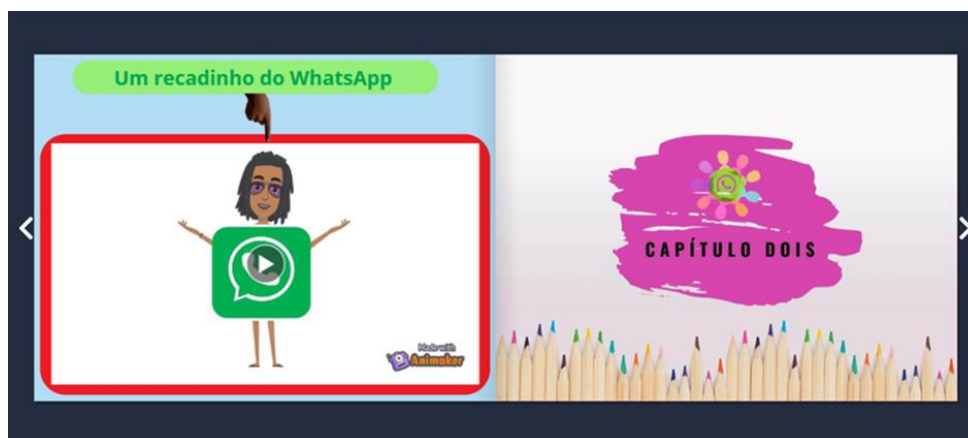
Figura 6 - Fim do episódio dois e o "como tudo aconteceu" - capítulo um



Fonte: Elaborado pelo autor

Como representado na Figura 6, o "como tudo aconteceu" referente ao episódio dois do primeiro capítulo da novela interativa é um vídeo feito por meio da plataforma Animaker em sua versão gratuita. O intuito do vídeo é facilitar o entendimento do aluno no que se refere ao diálogo do referido episódio.

Figura 7 - Final do capítulo um - Um recadinho do WhatsApp



Fonte: Elaborado pelo autor

O vídeo representado na Figura 7, “um recadinho do WhatsApp”, tem o intuito de fazer com que os alunos, ao assistirem ao vídeo, reflitam sobre ele e sobre a rede social de maneira ética.

5.9 Guia do produto educacional para os professores

O guia destinado aos professores tem o mesmo formato da novela destinada aos alunos e deve favorecer e orientar na utilização da novela interativa digital, facilitando sua aplicação no ensino e interpretação de cada episódio. Aqui faremos uma breve apresentação do material, como mostra a Figura 9, que contém um sumário em que constam o plano de discussão, os exercícios, assim como todas as orientações necessárias ao professor para a aplicação da novela.

A proposta segue basicamente a mesma metodologia proposta por Lipman, que acontece da seguinte forma:

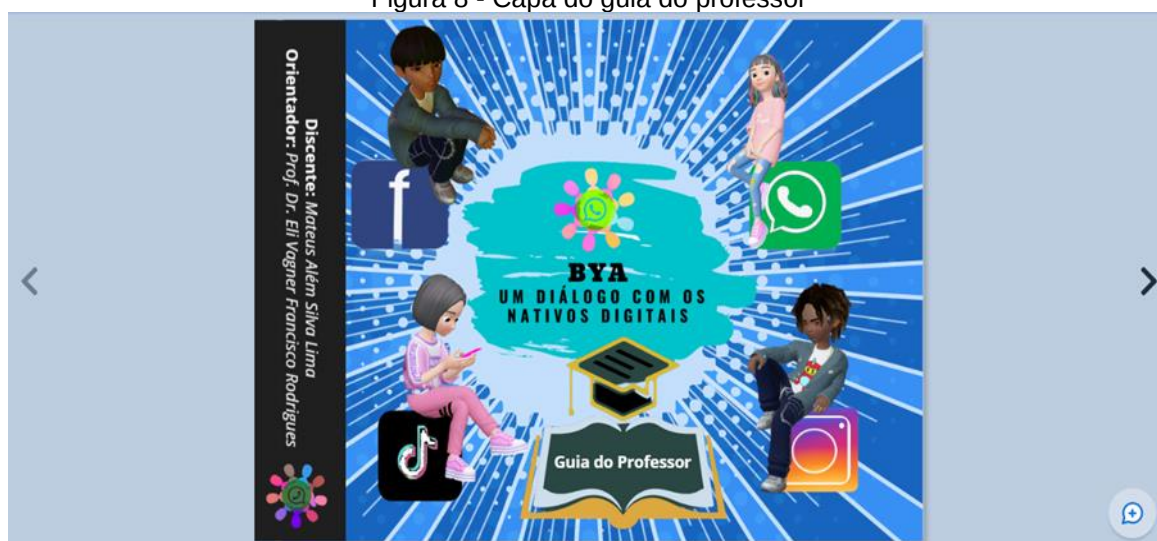
1. Organizados em círculo, os alunos irão se revezando em uma leitura em voz alta de um episódio da novela.
2. Após a leitura, com o auxílio do professor, as crianças escolhem um episódio, ou seja, a temática que mais lhes interessam.
3. O debate é iniciado, com todos organizados em forma de uma comunidade de investigação.
4. Nesse momento, todos devem ser estimulados a expor as suas ideias, de maneira livre e a se posicionarem sobre as opiniões uns dos outros, sempre procurando se justificar sobre suas concordâncias ou discordâncias. Isso acontecerá sempre de maneira organizada e disciplinada. A proposta tem o diálogo como

principal ferramenta de aprendizagem.

5. O professor coordena e facilita nas discussões. Porém o professor nunca pode ser a principal fonte de informação, isso serve para evitar que os alunos recorram sempre a ele nos momentos de dúvidas, levando os mesmos a hábitos de troca entre professor e aluno, e dessa forma não seria mais uma comunidade de investigação.

Para cada episódio da novela, o Guia do Professor tem uma respectiva orientação. O professor encontra, no guia, uma breve exposição que serve de orientação para o uso do documento. Além disso, o guia é composto de orientações metodológicas e sugestões de exercícios para cada um dos episódios a serem desenvolvidos com os alunos. Todos os exercícios vêm acompanhados de planos de discussão que indicam, as questões filosóficas mais importantes de serem discutidas.

Figura 8 - Capa do guia do professor



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 9 - Apresentação sumária dos itens que compõem o guia do professor

SUMÁRIO

Orientações ao professor.....	5	CAPÍTULO TRÊS.....	28
Orientações ao professor.....	6	Apresentação do episódio I e II.....	29
Introdução.....	5	Episódio I - Amizade.....	30
CAPÍTULO UM.....	6	Exercício: Amizade.....	33
Apresentação do episódio I e II.....	7	Plano de discussão: Amizade.....	36
Episódio I-<i>Discriminação: um ato sem reflexão</i>.....	8	Momento de construção.....	39
Exercício: Discriminação.....	10	Episódio II - Ser justo.....	40
Plano de discussão: Discriminação.....	11	Exercício - Ser justo.....	42
Momento de construção.....	12	Plano de discussão - Ser justo.....	44
Episódio II - Nome sim, apelido não.....	13	Momento de construção.....	46
Exercício - Nome sim, apelido não.....	14	CAPÍTULO QUATRO.....	47
Plano de discussão - Nome sim, apelido não.....	15	Apresentação do episódio I e II.....	48
Momento de construção.....	16	Episódio I - O processo de investigação.....	49
CAPÍTULO DOIS.....	17	Exercício - O processo de investigação.....	50
Apresentação do episódio I e II.....	18	Plano de discussão-O processo de investigação.....	51
Episódio I - Conclusões precipitadas.....	19	Outras sugestões.....	52
Exercício - Conclusões precipitadas.....	20	Momento de construção.....	53
Plano de discussão - Conclusões precipitadas.....	21	Episódio II - Pensar e descobrir.....	54
Momento de construção.....	22	Exercício - Pensar e descobrir.....	56
Episódio II - A verdade.....	23	Plano de discussão - Pensar e descobrir.....	57
Exercício - A verdade.....	25	Momento de construção.....	58
Plano de discussão - A verdade.....	26		
Momento de construção.....	27		

Fonte: Elaborado pelo autor

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta sessão, serão apresentadas as informações coletadas por meio das interações de Grupo Focal com alunos e professores, bem como as respostas dos alunos à aplicação da novela interativa digital. As questões dos Grupos Focais foram organizadas em sete blocos, tendo sido destinadas a professores e alunos do Ensino Fundamental.

6.1 Percepção dos professores

Sete professores participantes dos Grupos Focais, cujo objetivo foi o de compreender a dificuldade encontrada pelos sujeitos com relação ao diálogo, à investigação filosófica e à ética, melhorando o processo de ensino-aprendizagem assim como o comportamento dos alunos.

6.2 Percepção dos alunos

No primeiro bloco de questões voltadas aos alunos, foram coletadas informações as informações constantes no Quadro 3.

Quadro 3 - Primeiro bloco de questões: organização da sala de aula e envolvimento do aluno

PRIMEIRO BLOCO DE PERGUNTAS	
Sobre a organização da sala de aula e o envolvimento do aluno	
Questão 1: Ficariam mais à vontade em uma sala de aula organizada em círculo ou em fileiras?	
Aluno	Resposta
A1	<i>Em círculo ficaria muito bom, pois facilita o trabalho do professor, a visão e a compreensão de cada aluno.</i>
A5	<i>Acho que seria bom em círculo, os alunos iriam atrapalhar menos, pois estaríamos em uma roda de conversa e todos poderiam participar. Da forma que estamos, a sala vira uma bagunça.</i>
Questão 2: Vocês gostam de ler em voz alta em sala de aula?	
A15	<i>Não, os colegas não respeitam, ficam criticando e isso acaba atrapalhando a leitura.</i>
A20	<i>Muito constrangedor, pois alguns colegas não ouvem e não respeitam o momento de fala do outro.</i>
A26	<i>Além de não dar atenção ficam rindo o tempo todo, deixando quem tá lendo muito constrangido.</i>
Questão 3: Vocês gostariam de opinar mais em sala de aula?	
A28	<i>Sim, mas precisamos que os professores nos deem mais atenção principalmente naqueles assuntos que temos mais dificuldades.</i>
A30	<i>Não gosto de participar e interagir, pois não me sinto bem. Tenho muita vergonha.</i>
A34	<i>Sei que seria bom, pois isso desenvolve o nosso interesse pela aula, sendo que a aula fica mais dinâmica e dessa forma ajudamos mais os professores e nos sentimos mais responsáveis.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Verifica-se que a maneira como a sala de aula está organizada vai contra os anseios dos alunos. Isso mostra que o desenvolvimento dos alunos não acontecerá de forma eficaz, visto que o modelo de sala de aula utilizado ainda tem suas bases no tradicionalismo, se distanciando da Filosofia para crianças proposta por Lipman.

[A] proposta 'Filosofia para crianças', tanto para Loriger, quanto para o idealizador do Programa de Desenvolvimento Pessoal e Social (P.D.P.S.), propunha um espaço físico que pudesse ser reservado pela escola para se

transformar num espaço de diálogo, em que as crianças desenvolvessem e ampliassem suas ideias e concepções (Gianolla, 2006, p. 31)

Com a organização da sala de aula em círculos, as interações acontecem de maneira que cada membro da comunidade possa se expressar, assim, o diálogo acontece de forma que todos participem, ouvindo e opinando, pois agora estão em um ambiente organizado e ético.

Silva e Azevedo (2020) ponderam que o método de Lipman tem ganhado espaço dentro do processo de ensino-aprendizagem, e pode-se observar que a organização da sala de aula ganha novas formas. Isso se dá devido ao grande esforço de estudiosos que demonstram a necessidade de uma educação emancipadora, transformadora, tendo a Filosofia como auxiliadora nessa transformação.

Para o trabalho com a novela interativa, propomos que os alunos sejam organizados em círculo, de forma que todos possam observar uns aos outros, presenciando toda a comunidade de investigação.

No segundo bloco de questões, abordamos o diálogo e a investigação filosófica, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 - Segundo bloco de questões: diálogo e investigação filosófica

SEGUNDO BLOCO DE PERGUNTAS Diálogo e investigação filosófica	
Questão 1: O que você entende por diálogo e a investigação?	
Aluno	Resposta
A2	<i>O diálogo é muito bom, mas não acontece da maneira como é pra acontecer, caso acontecesse nos ajudaria muito no futuro e aos poucos ia acabando com a nossa timidez.</i>
A4/ A6	<i>Quando eu converso com qualquer pessoa sobre qualquer assunto.</i>
A26	<i>É algo importante e facilitaria as aulas, pois aquilo que não entendemos com a explicação do professor podemos entender com a fala do colega.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa

De acordo com as respostas dos alunos, o diálogo não acontece da maneira correta em sala de aula, e se acontecesse as aulas seriam mais proveitosas. Foi

observado que os alunos estão insatisfeitos com a maneira como o diálogo e a investigação estão acontecendo em sala de aula.

Lipman defende que, no diálogo, o argumento evoca o contra-argumento que impulsiona a si mesmo além do outro, e impulsiona o outro além de si mesmo (Lipman, 2001, p. 336). É por meio dessa abordagem de Lipman que se constata-se claramente que o diálogo não deve ser visto como uma simples conversa.

Como explica Plaper (2014, p. 75),

[q]uando ficamos presos a conversação há apenas uma alternância das falas entre os participantes, mas a conversa não se movimenta, não há desequilíbrio de concepções. Já o diálogo é o exame, a investigação, o questionamento das ideias e exige dos participantes a colaboração para resolução das questões propostas.

De início, constatou-se que alguns alunos tinham o diálogo como qualquer tipo de conversa entre as pessoas, e ainda não sabiam o significado de uma investigação filosófica. Porém, no decorrer das interações, foram percebendo que o diálogo é mais do que uma simples conversa, é algo mais refletido antes de se expressar. Passaram a perceber também que a referida investigação filosófica faz parte desse diálogo, pois no momento que conversam de maneira mais reflexiva sobre um determinado assunto, estão ao mesmo tempo investigando e descobrindo por meio dos diversos questionamentos e interações entre ambos.

O terceiro bloco de questões feitas aos alunos abordou os fatores que facilitam ou dificultam o diálogo e a investigação, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 - Terceiro bloco de perguntas: fatores que facilitam ou dificultam o diálogo e a investigação

TERCEIRO BLOCO DE PERGUNTAS Fatores que poderiam facilitar ou dificultar o diálogo e a investigação	
Questão 1: O que pode facilitar e dificultar o diálogo e a investigação?	
Aluno	Resposta
A3	<i>O assunto tem que ser mais interessante.</i>
A5	<i>As pessoas que ficam no fundo da sala acabam atrapalhando toda a turma. Eu lembro que só tivemos um conteúdo interessante, que foi uma aula de recortes e que a gente estava sempre fazendo alguma coisa e ninguém atrapalhou a aula.</i>
A6	<i>O professor fala muito alto com os alunos.</i>
A30	<i>Devemos respeitar mais os colegas. Muitos alunos praticam bullying tanto na sala de aula como no intervalo.</i>
A31	<i>Barulho, gritos e falta de respeito atrapalham muito.</i>
A35	<i>Não consigo entender a explicação do professor, pois as risadas são constantes.</i>
A38	<i>A explicação do professor deveria ser melhor e ele deve ser menos estressado. Quando o trabalho é interessante. E quando fazemos algo junto com os colegas, ou seja, em grupo.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa

São vários os fatores que dificultam a participação ativa do aluno em sala de aula, mas verifica-se que existem variadas possibilidades de dinamizar não apenas a prática do professor, mas também a participação do aluno. Se pretendemos estimular o aluno a se tornar protagonista do processo de aprendizagem, é necessário transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação, onde o respeito mútuo sempre prevalecerá. Dessa forma, serão evitadas situações constrangedoras e que têm levado a certos desastres no ambiente escolar, como o *bullying* que acontece com frequência em sala de aula, por meio de boas práticas de diálogo e investigação no ambiente escolar.

A sala de aula convertida em uma comunidade de investigação, permitiria aos envolvidos a exporem suas opiniões, com respeito, desenvolverem questões a partir das ideias de outros, desafiarem entre si para fornecer

opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um (Lipman, 1995, p.31)

Constata-se que a não participação dos mesmos são decorrentes de atitudes que acontecem com frequência em sala de aula. Então pode-se afirmar que realmente precisam de uma metodologia que possa suprir essa carência, transformando sala de aula em um ambiente harmônico, respeitoso e ético. Mas para isso é necessário que as aulas se tornem mais dinâmicas para que a participação de todos aconteça, sanando as suas dificuldades.

Para Sanchez (2011), Lipman compreende que uma pessoa se constitui pelas normas e valores que adquire no convívio social, por isso, é de extrema relevância cultivar atitudes democráticas e filosóficas na sala de aula, para que se possa formar alunos com ideais democráticos, mas com atitudes filosóficas.

O quarto bloco de questões direcionadas aos alunos nos Grupos Focais abordou o diálogo e a investigação filosófica na mudança de paradigmas, conforme o Quadro 6, a seguir.

Quadro 6 - Quarto bloco de perguntas diálogo e investigação na mudança de paradigma

QUARTO BLOCO DE PERGUNTAS O diálogo e a investigação filosófica na mudança de paradigma	
Questão 1: De que forma o diálogo e a investigação interferem ou mudam a vivência no ambiente escolar?	
Aluno	Resposta
A1	<i>Acaba a timidez que atrapalha a nossa vida. Muitas vezes até sei de um determinado assunto, mas não consigo falar e me sinto muito mal com isso.</i>
Questão 2: Podem interferir e mudar a maneira como interagem uns com os outros? De que forma? O que impede vocês de fazerem isso?	
A7	<i>Evitar barulhos exagerados e respeitar os outros.</i>
A19	<i>Devemos parar de praticar bullying, isso não traz nenhum benefício.</i>
A39	<i>Prestar atenção nas aulas e naquilo que os professores e os colegas falam.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa

Brito (2021) propõe a valorização de experiências educativas que sejam propulsoras de aprendizagem, pois é perceptível que, por uma série de fatores, ainda há muito o que se fazer para que sejam eliminadas as experiências deseducativas do ambiente escolar, aquilo que não faz uma conexão com os estudantes e com os objetivos pretendidos na realidade dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Quando nos referimos às experiências que têm valor educativo, podemos encontrar paradigmas a serem enfrentados, mas essas mudanças serão necessárias para a efetivação e participação do educando no processo de aprender. Isso acontecerá se o tipo de educação que a escola pretende construir partir das experiências e vivências, para só assim mudar o comportamento, fazendo com que a aprendizagem venha a acontecer por meio das interações na comunidade de investigação.

O quinto bloco de questões direcionadas aos alunos abordou as relações em sala de aula, conforme mostra o Quadro 7.

Quadro 7 - Quinto bloco de perguntas: as relações em sala de aula

QUINTO BLOCO DE PERGUNTAS As relações em sala de aula	
Questão 1: Como estão as relações entre alunos em sala de aula?	
Aluno	Resposta
A2	<i>Não está boa. Tem dias que não quero vim pra escola, sei que não serei tratado como deveria.</i>
Questão 2: Como estão as relações entre alunos e professor em sala de aula?	
A8	<i>Não está boa, pois tem alguns professores que não gostamos. Eles não tratam a gente como deveriam.</i>
A23 e A27	<i>Se o professor fosse mais dinâmico e nos desse a oportunidade de se expressar seria muito bom. Não dar oportunidade para que participemos das aulas.</i>
A35	<i>Na hora em que começa a aula ele já manda a gente calar a boca.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa

Nesse bloco, constata-se que as relações em sala de aula não estão acontecendo de maneira harmônica. Trata-se de um dos motivos pelos quais o

diálogo investigativo não flui, impedindo que o aprendizado dos alunos venha se efetivar.

A escola é um espaço onde as relações humanas desempenham papel importante na promoção da mudança e no preparo do ser humano para que ele possa viver cada vez melhor na sociedade, formando indivíduos conscientes da sua função social. O ambiente escolar tem a responsabilidade de formar seres éticos, não apenas em suas individualidades, mas também para conviver na coletividade.

Para Torres (2020, p. 24), um dos pontos que promovem a educação escolar como meio social democrático “é desenvolver mecanismos saudáveis de controle”. Para tornar a sala de aula um ambiente de interação social, é necessário criar um ambiente de harmonização e de resolução de conflitos, não se trata de negar os problemas que podem surgir, mas construir um ambiente onde os indivíduos se sintam à vontade para expor e propor soluções para resolução dessas divergências, transformar as relações conflituosas em relações construtivas, consolidando-as para a formação de inteligências claras, compreensivas e tolerantes (Torres, 2020).

Porém, para que essa educação dialógica e democrática venha se efetivar, a escola não pode apenas preparar os alunos para o mundo do trabalho, dessa forma, a formação humana, crítica e criativa fica em “segundo plano”.

No sexto bloco de questões feitas aos alunos, abordamos a ética na escola, conforme mostra o Quadro 8.

Quadro 8 - Sexto bloco de perguntas: a ética no espaço escolar

SEXTO BLOCO DE PERGUNTAS A ética no espaço escolar	
Questão 1: De que forma a postura ética pode colaborar para um bom diálogo investigativo?	
Aluno	Resposta
A6	<i>Quando tratamos as pessoas bem. (A6)</i>
A7	<i>Sim, respeitando os demais e sendo mais educados.</i>
Questão 2: Por que as interações ficam mais prazerosas quando todos participam de maneira ética?	
A7	<i>Melhora o rendimento. (A7)</i>
A10	<i>Todos se respeitam. (A10)</i>
Questão 3: O que a falta de ética pode causar na nossa vida?	
A2	<i>Pode não arrumar um emprego.</i>
A3	<i>Podemos não alcançar os nossos objetivos.</i>
A6	<i>Pode causar brigas e até mesmo morte.</i>
A40	<i>Prejudica o nosso futuro.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa

Para abordar questões sobre a ética no ambiente escolar, podemos usar a metodologia proposta por Matthew Lipman de Investigação Ética. Os alunos já sabem que certas atitudes são incorretas, mas que outras são corretas. Os alunos sabem também das consequências que certos atos podem trazer, tanto para si como para os outros. Porém, na maioria das vezes agem por impulso e por ver os colegas agindo de tal maneira.

Lipman e Sharp (2009) afirmam que, para evitar certas atitudes, os alunos devem ser envolvidos em investigações éticas para que conflitos possam ser

resolvidos por meio dos diálogos na sala de aula, pois ao se envolverem em determinadas situações saberão agir perante elas.

Ao estar equipado dessa compreensão do consenso da comunidade da sala de aula, o aluno estaria em melhor posição para tomar decisões éticas. A comunidade de investigação tem como objetivo capacitar as crianças a desenvolver habilidades de pensamento crítico, empatia e responsabilidade moral, para que possam tomar decisões éticas de forma autônoma e fundamentada.

No sétimo bloco de questões aplicadas aos alunos nos Grupos Focais, abordamos a desmotivação em relação ao diálogo na sala de aula, conforme o Quadro 9.

Quadro 9 - Sétimo bloco de perguntas: desmotivação em relação ao diálogo em sala de aula

SÉTIMO BLOCO DE PERGUNTAS Desmotivação em relação ao diálogo em sala de aula	
Questão 1: Já se sentiu desmotivado em relação a participar de um diálogo investigativo em sala de aula?	
Aluno	Resposta
A5	<i>Falta de confiança nos colegas. Temos certeza de que eles nunca irão nos respeitar. (A5)</i>
Questão 2: Já se sentiu excluído em sala de aula?	
A2	<i>Nos momentos de trabalho em grupo. Quando ninguém lhe convida para fazer parte do grupo.</i>
A3	<i>Os colegas ficam achando que são melhores e que a gente não consegue colaborar em nada.</i>
A6	<i>Quando falamos e as pessoas não dão a mínima para aquilo que estamos falando. O assunto parecia tão importante pra mim, mas ela não deu atenção.</i>
Questão 4: As aulas sempre acontecem da mesma maneira?	
A1	<i>Quase sempre, as aulas deveriam ser mais interessantes.</i>
A2	<i>Não tem nada de atraente nas aulas.</i>
Questão 5: Vocês sempre entendem o que o professor explica?	
A5	<i>Não, ele fala coisas que parecem não ter nada a ver com o assunto, muito desinteressante.</i>
Questão 6: Por qual motivo vocês têm dificuldades em relação a alguma disciplina?	

A2	<i>Da maneira que estamos aqui, por meio de uma roda de conversa, discutindo sobre o assunto ficaria bem mais fácil compreender.</i>
A10	<i>Muito conteúdo e pouca explicação.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa

Sobre a organização da sala de aula e o envolvimento no processo de ensino-aprendizagem, os alunos destacaram um conjunto de práticas que podem dificultar tanto a organização da sala de aula como no envolvimento, interações e vivências do aluno no ambiente escolar, impedindo dessa forma um avanço significativo no processo dialógico investigativo e conseqüentemente na aprendizagem.

Como afirmam Lovera e Nogaro (2003), os participantes de uma comunidade de investigação buscam compreender uns aos outros. Precisam aprender a escutar, conversar e a se expressar de modo coerente. Além disso, precisam desenvolver a capacidade de entrar no mundo das outras pessoas e vê-lo de acordo com as perspectivas dos outros, adotando uma atitude aberta e compreensiva.

Os participantes de uma comunidade de investigação procuram compreender uns aos outros. Além de aprender a escutar, precisam aprender a conversar e a se expressar de modo coerente. Além disso, precisam desenvolver a capacidade de entrar no mundo das outras pessoas e vê-lo de acordo com as perspectivas dos outros, adotando uma atitude aberta e compreensiva.

Constata-se que o respeito mútuo é de fundamental importância para que a participação e o desenvolvimento de habilidades na comunidade de investigação. Porém, certas atitudes e práticas cotidianas na sala de aula impedem que os alunos convivam harmonicamente.

6.3 Aplicação do produto educacional

Primeira fase: Apresentação da novela de maneira objetiva para identificar algumas dificuldades em relação ao seu manuseio, visto que, a mesma é folheada por meio de um efeito *flipbook* (efeito de folhear livro). Além disso, é preciso identificar onde clicar para assistirem aos vídeos e áudios criados no intuito de melhorar o entendimento de cada uma das histórias apresentadas na novela.

Segunda fase: É neste momento que se inicia o trabalho do professor com o produto em sala de aula, tendo o guia como orientação. Aqui será trabalhado o primeiro capítulo da novela.

Primeiro momento - **Episódio um - *Discriminação: um ato sem reflexão.***

Segundo momento - **Episódio dois - *Nome sim, apelido não.***

Os diálogos presentes na novela têm como objetivo fazer com que os alunos identifiquem e reflitam sobre cada os atos discriminatórios, sejam eles físicos ou psicológicos, praticados por uma personagem da novela. Eles verificarão, também, como as atitudes mudaram o rumo desse episódio, fazendo com que todos pudessem viver em harmonia em uma comunidade.

Terceira fase: Momento em que será trabalhado o capítulo dois.

Primeiro momento - **Episódio um - *Conclusões precipitadas.***

Segundo momento - **Episódio dois - *A verdade.***

Esses episódios têm o objetivo de incentivar as crianças a uma reflexão sobre a importância de um diálogo harmonioso tanto na sala de aula como com pessoas adultas responsáveis, e assim evite conclusões precipitadas. Dessa forma, perceberão que nem tudo que vêem e ouvem é verdade.

Quarta fase: Aqui será trabalhado o capítulo três.

Primeiro momento - **Episódio um - *Amizade.***

Segundo momento - **Episódio dois - *Ser justo.***

A reflexão sobre as diversas amizades que construímos e que nem tudo que queremos fazer é o melhor para vivermos em sociedade é o assunto desses capítulos. Sendo assim, os alunos são levados a compreender que se deve agir sempre após uma reflexão para que sejamos cada vez mais justos com as pessoas que nos cercam.

Quinta fase: Aqui, será trabalhado o capítulo quatro.

Primeiro momento - **Episódio um - *O processo de investigação.***

Segundo momento - **Episódio dois - *Pensar e descobrir.***

O objetivo deste capítulo é fazer com que o aluno perceba a importância não apenas de estar atento às aulas do professor, mas também à leitura e a uma participação ativa, para que possam pensar e descobrir por meio dos diversos diálogos e investigações dentro e fora da sala de aula.

O produto foi aplicado de forma presencial aos alunos do 6º ano “A” e “B”, por meio de um roteiro contendo 19 questões com o objetivo de compreender as dificuldades encontradas por estes nos diálogos e obter informações referente à sua percepção em relação à novela filosófica interativa digital. É por meio do *feedback* sobre o produto que se pode melhorar e trabalhar, transformando a aprendizagem e o comportamento dos alunos por meio de uma comunidade de investigação proposta por Lipman.

Os diálogos, assim como as imagens, vídeos e áudios presentes na novela poderão motivar os alunos a aprender, uma vez que são usuários ativos e críticos a respeito dessas ferramentas.

6.4 Avaliação do envolvimento e desempenho do aluno durante a aplicação do produto

Espera-se que os alunos ao final da utilização desse produto sejam capazes de dialogar e investigar filosoficamente de maneira ética em sala de aula. E a partir desse envolvimento suas relações sociais dentro e fora da comunidade de investigação transformam o método de ensinar e aprender em algo inovador e atrativo.

O produto educacional apresentado nesta dissertação é uma proposta de combate não só de problemas como a evasão escolar, mas também como a desmotivação por parte do aluno, além de buscar fazer com que ele se envolva no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, podemos fazer com que o aluno se torne cada vez mais um ser pensante, sabendo desenvolver o uso da razão, bem como a sua capacidade de ser criterioso na hora de agir em situações do seu cotidiano. Temos que prevenir as crianças contra a irracionalidade para que elas não venham se tornar adultos com comportamentos antissociais. Porém as crianças fazem críticas, mas não têm sugestões diferentes para propor, isso fica claro que elas não têm o domínio do método de investigação, para assim transformar a sociedade.

A novela filosófica, o produto educacional, foi aplicado na escola pesquisada servindo como material didático. Por meio da utilização correta e orientada desse artefato, poderão ser desenvolvidos inúmeros problemas, pois sua aplicação ocorreu

em um ambiente escolar favorável por meio de incentivo à comunicação, e a escuta ativa em uma comunidade de investigação.

Logo verifica-se as diversas maneiras do professor se tornar um orientador, facilitando assim o entendimento dos alunos sobre determinado tema abordado. Dessa forma, torna-se a sala de aula cada vez mais atraente e dinâmica, fazendo do professor o principal feedback entre aluno e aluno e *também* entre aluno e conteúdo, ou seja, novela, como é chamada pelo programa de Lipman, ao invés de ensinar conteúdos prontos e acabados, impondo maneiras de pensar e agir aos alunos.

Buscou na novela a criatividade e a imaginação da própria criança, fazendo com que ela tenha um olhar mais profundo, se tornando um ser cada vez mais dialógico e investigador do mundo que o cerca. Que as crianças aprendam a ser mais cooperativas e reflexivas no espaço escolar e social do qual fazem parte, pois sabemos que “investigar” é natural da criança, mas o que ela deve aprender a fazer isso ainda melhor.

No Quadro 10, seguem as orientações que podem fazer com que os alunos desenvolvam um bom pensar e assim transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica. Apresentaremos os cinco passos do método lipmaniano, tendo por base Henning (2003, p.182):

Quadro 10 - Cinco passos do método lipmaniano

1º Passo	Leitura de novelas que retratam o pensamento e o comportamento das crianças e jovens integrados nas suas experiências do cotidiano. ✓ Representação fictícia do cotidiano das crianças/alunos nas novelas a serem lidas pelos alunos “reais”.
2º Passo	Levantamento das questões a partir da leitura. ✓ Após a realização da leitura das novelas pelos alunos em sala de aula, com o auxílio do professor, proceder-se-á ao levantamento das questões a serem discutidas na comunidade.
3º Passo	Classificação das questões e seleção de temas para a discussão. ✓ Discussão com os alunos, a partir da leitura das Novelas, sobre as questões que mais lhes chamaram a atenção e são merecedoras de destaque nas discussões na comunidade de investigação. Classificação das questões mais pertinentes e semelhantes, de modo a torná-las mais concisas.
4º Passo	Diálogo na “Comunidade de Investigação”. ✓ Professor e alunos em ambiente de Investigação na comunidade, pelo diálogo ativo e participativo. Desenvolvimento da razoabilidade e autocorreção.

5º Passo	Pensamento razoável ou de ordem superior: crítico, criativo e cuidadoso ✓ Com o objetivo de construção e alcance de uma sociedade efetivamente democrática.
-----------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Henning (2003)

Trata-se de uma forma de ensinar e aprender por meio da comunidade de investigação que tem como principal artefato as novelas. Essa metodologia proposta por Lipman tem como foco a vivência real das crianças, apesar de ser exposta à criança em sala de aula de maneira fictícia através das novelas.

Não nos referimos aqui de uma simples leitura, mas de diálogos pelos quais o leitor se sentirá atraído, gerando dessa forma uma empatia pela ficção representada pelos personagens da referida novela, que têm a mesma faixa etária dos alunos presentes na sala de aula.

Dessa forma os alunos irão aprendendo a diferenciar os argumentos bons dos ruins, passando a cobrar de si e dos outros uma argumentação mais coerente assim como se autocorrigir, tornando dessa forma seres cada vez mais críticos e reflexivos.

CONCLUSÃO

A escola é uma instituição criada para instruir e formar diferentes gerações. Sendo assim, é preciso internalizar, no cotidiano de sala de aula, conteúdos relacionados à ética de forma responsável e organizada, interdisciplinar. Assim, o conteúdo pode ser assimilado pela criança de maneira mais rápida e eficaz.

Quando se fala em temas transversais, um dos temas que vem à mente é a ética, pois não é possível pensar em um ambiente escolar sem antes pensar na ética. Isso porque a escola é propícia a situações de preconceito, de agressões e tantas outras que podem afetar negativamente todos os envolvidos nesse mesmo ambiente.

Os conteúdos devem ser voltados para a vida, ou seja, para o cotidiano das crianças. Dessa forma, deve-se incorporar a resolução de problemas da vivência dos alunos, assim como a resolução de certos conflitos existentes na estrutura do currículo e que acabam tornando monótono o ambiente escolar, e principalmente a sala de aula.

Para encorajarmos a diversidade presente nas nossas salas de aula, é importante criar possibilidades não apenas para uma parcela dos alunos, mas para todos os envolvidos nesse ambiente de aprendizagem contemporâneo. Essa é a mudança que propomos, neste trabalho, para as salas de aula.

É necessário repensar as relações, assim como os espaços escolares, elaborando novas metodologias. Isso significa romper as barreiras que impedem e limitam as nossas salas de aula de irem ao encontro de novas práticas, melhorando o processo de ensinar e aprender. Isso significa também romper com práticas tradicionais.

Sabe-se que, em muitas salas de aula, ainda presenciamos o professor como protagonista, mas deve-se focar no aluno como sendo protagonista do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o aluno deve ser o autor do conhecimento.

Espera-se que a metodologia proposta por Matthew Lipman venha surtir efeitos positivos no processo de ensino-aprendizagem. Esse processo acontece não apenas entre quatro paredes, mas também nos diversos ambientes sociais. Por isso, deve-se preparar esse cidadão para o mundo fora do ambiente escolar. Essa é a expectativa da sociedade para com o professor do século XXI. Um professor que

rompa as barreiras, ou seja, se afaste de metodologias do século XIX, ainda bastante utilizadas na contemporaneidade.

É por meio da comunidade de investigação filosófica que o conhecimento produzido no decorrer das experiências irá se aperfeiçoando de acordo com o envolvimento da criança, pois é de forma mútua e respeitosa que o aprendizado acontece de maneira cada vez mais recíproca.

Adquirindo boas experiências de aprendizagem de maneira colaborativa, o aluno passa a participar das discussões assim como das atividades propostas, pois sabe que a colaboração acontece coletivamente em uma comunidade, e assim se tornam mais produtivas. Além do mais, é por meio dessa comunidade e de como essa experiência compartilhada acontece que o trabalho se torna mais leve e rico.

Essa forma de ensino-aprendizagem ajuda a criança a desenvolver habilidades de investigação, além de habilidades socioemocionais, como a falta de paciência, a falta de respeito para com a maneira de ser, pensar e agir, e também com o ritmo e caminhos dos outros. Não é um processo fácil, mas as crianças aprendem a trabalhar umas com as outras, ajudando cada um a se tornar uma pessoa mais tolerante, mais flexível, mais conectada com a diversidade que os cercam, além de levar essa comunidade a alcances maiores.

O professor logo perceberá que as ações propostas acontecem de forma compartilhada e levam os alunos a um melhor desempenho em termos de participação e de relacionamentos. Também fica evidente que os diálogos e as investigações levaram a resultados que vão além do conhecimento de conteúdos, pois promovem um ambiente de aprendizado mais leve, mais rico e conduzem ao desenvolvimento de habilidades de investigação e socioemocionais.

Os conceitos trabalhados foram de total agrado dos alunos, um modo de trabalho no qual passamos a acreditar. Para os alunos, trabalhar em grupo é sempre algo que agrada, mas que também é um desafio não só para eles, mas para o professor, pois exige do mesmo uma afinidade e dedicação para com a metodologia proposta por Lipman. Além de trabalhar as diversas questões que envolvem a ética no ambiente escolar, o professor precisa ser um conhecedor da proposta de Lipman para assim operar um modo de convivência entre as crianças que em alguns momentos discordam uns dos outros.

No decorrer da prática, o professor constata-se que essa é uma forma ideal

para utilizar no dia a dia em sala de aula e aos poucos os alunos passam a refletir, dialogar e assim constatam-se que a comunidade é o caminho mais viável para que tenhamos bons resultados.

Acredita-se que, quando a aprendizagem acontece de maneira ética, ela torna o ambiente escolar cada vez mais propício à colaboração e à participação dos envolvidos, pois, assim, tornamos a sala de aula em uma comunidade de investigação, onde todos aprendem de forma mais dinâmica e criativa.

Uma futura pesquisa resultante dessa já realizada compreende então a proposta de Matthew Lipman para adolescentes do Ensino Médio como público-alvo, analisando a questão da proposta do Novo Ensino Médio realizando uma análise curricular e documental, comparando com a proposta das novelas de Lipman para esse público.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. J. S. C. **Da Filosofia para crianças à Filosofia aplicada experiencial: uma análise das propostas de Matthew Lipman e José Barrientos-Rastrojo**. 2021. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11762>. Acesso em: 13 maio 2022.
- ALVES, S. dos S.; MURARO, D. N. A experiência de pensar conceitos e o filosofar na infância na perspectiva de Matthew Lipman. **Childhood & philosophy**, v. 16, 2020.
- ASSUNÇÃO, S. **Filosofia com crianças e jovens: uma proposta de educação do pensar como um lugar-comum**. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/54893>. Acesso em: 13 jun.2023.
- BASTOS, M. C. P.; FERREIRA, D. V. **Metodologia Científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.
- BINI, E. O desenvolvimento das habilidades do pensar na educação infantil. *In*: FÁVERO, A. A.; CASAGRANDA, E. A. (Orgs.). **Diálogo e aprendizagem: orientações teórico-metodológicas do ensino de Filosofia com crianças**. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 89-116.
- BRITO, A. M. S. A comunidade de investigação filosófica de Matthew Lipman no Ensino Fundamental: estudo das produções científicas sobre o tema, no período 2005/2020. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 1. 2021. **Anais [...]** 2021.
- BRITO, F. M. V. V. de. **A prática do diálogo e da argumentação filosófica em C.I.F.:** uma resposta à violência em contexto escolar? 2020. 120p. Dissertação (Mestrado) - Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.3/5871>. Acesso em: 27 de jan. de 2023.
- CÂMARA, C. M. *et al.* A formação docente no ensino de Filosofia na infância: uma proposta lipmiana. *In*: Semana de Filosofia do Campus Caicó, 5; Jornada de Ensino de Filosofia de Caicó, 2, Caicó, 2013. **Anais [...]** Caicó, 2013. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/filosofia-caico-eventos/arquivos/2087anais_v_semana_de_Filosofia.pdf#page=207. Acesso em: 27 mai. 2023.
- CANTALICE, G. de F. B. da S.; CIRINO, M. R. D. Filosofia e infância: formação docente para atuar em Filosofia para/com crianças. **Revista digital de ensino de Filosofia**, n. 6, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2448065746930>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- CARVALHO, M. C. O que significa ser eticamente crítico? Algumas reflexões sobre a Filosofia para Crianças. *In*: VIEIRA, R. M.; TENREIRO-VIEIRA, C.; SÁ-CHAVES, I.; MACHADO, C. **Pensamento crítico na educação: perspectivas atuais no**

panorama internacional. Universidade de Aveiros, 2014, p. 71-81. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/3162>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CASTILHO, É. P. A.; MURARO, D. N. O diálogo e a comunidade de investigação no contexto escolar. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], n. 16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/11435>. Acesso em: 25 jun. 2023.

CIRINO, M. R. D. *et al.* Pensamento e experiência na escola: caminhar entre formação, pesquisa e extensão a partir da Filosofia para/com crianças. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 9, n. 3, p. 131-144, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6824004>. Acesso em: 01. jun. 2023.

COSTA, N. L. **Como filosofar com crianças?** Uma reflexão sobre o ensino da Filosofia, a partir do pensamento de Matthew Lipman. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/1242>. Acesso em: 01 jan. 2023.

COSTA, T. A.; ABREU, S. E. A. de. **Filosofia para criança**: a educação do pensamento crítico. 2020. Disponível em: <http://45.4.96.19/bitstream/aee/11276/1/TATIELLY%20-%20ARTIGO%20APOS%20APRESENTA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

DA SILVA, J. E. F.; VELASCO, P. D. N. Competências e habilidades para a Filosofia na escola: correlações entre os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a proposta lipmaniana de Filosofia para crianças. **Revista Digital de Ensino de Filosofia**, p. e13/1-16, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/70529075/pdf.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DANIEL, M.-F. **A Filosofia e as crianças**. Prefácio de Matthew Lipman. Tradução de Luciano Vieira Machado. Nova Alexandria, 2000.

DE ARAÚJO, O. S. Questionando a experiência docente e a formação de professores. **Revista Enciclopédia de Filosofia**, v. 7, p. 89-99, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Enciclopedia/index>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DE SOUZA, T. S. **O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman**. 2013. Disponível em: www.marilia.unesp.br/filogenese. Acesso em: 05 jan. 2023.

DINO, Luísa Adib; COSTA, Daniela. Uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: dinâmicas e desafios. **RE@ D-Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 4, n. 1, p. 25-41, 2021. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/24170. Acesso em: 12 jun. 2023.

DOS SANTOS, D. D.; GOMES, G. A. Filosofia para crianças na concepção de Matthew Lipman: educação para o pensar. *In*: Encontro Interdisciplinar de estudos literários, 17, Ceará, 2020. **Anais [...]** Ceará, 2020. Disponível em:

<https://ppglettras.ufc.br/wp-content/uploads/2021/08/anais-2020-inter.pdf#page=19>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ELIAS, G. G. P. **Matthew Lipman e a Filosofia para crianças**. 2005. 146F. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1287>. Acesso em: 4 jun. 2020.

EVANGELISTA, F. (Org.) **Educação para o pensar**. Campinas: Alínea, 2003.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. O pensar de ordem superior e o papel do diálogo investigativo no fazer Filosofia na Educação Básica. **Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 26-57, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2448065725101>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FAVERO, A. A.; KAPCZYNSKI, A. L.; CENTENARO, J. B. O ensino de Filosofia como potencializador da experiência interdisciplinar na Educação Básica: interfaces entre Hannah Arendt e Matthew Lipman. **Conjectura: Filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 24, 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/conjectura/v24/2178-4612-conjectura-24-e019004.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

FÁVERO, A.; FÁVERO, A. Filosofia com crianças um projeto possível. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 9, n. 1, p. 17-26, 2023. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14654>. Acesso em: 4 jun. 2020.

FREIRE, P. **extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: romance da história da Filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

GIANOLLA, M. S. S. **O programa de desenvolvimento pessoal e social e o ensino de Filosofia**. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.

GONÇALVES, D.; AZEVEDO, C. O valor e a utilidade da Filosofia para crianças. **Cadernos de Estudo**, n. 4, p. 103-111, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/890>. Acesso em: 30/mar. 2023.

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estud. Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 149-161, 2002.

GUEDES, A. J. O. *et al.* Filosofia para crianças no contexto educativo português: subsídios para uma proposta. **Revista iberoamericana de educación**, v. 58, n. 13,

p. 1-12, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11162/185171>. Acesso em: 11 jun. 2023.

HENNING, L. M. P. **Lipman Filósofo**. 2003. 190f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

JESUS, J. **Desenvolvimento das habilidades reflexivas em Filosofia para crianças segundo Matthew Lipman**. 2018. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2017. Disponível em: <http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1314/1/Monografia%20pronta%20de%20Filosofia%20para%20Crian%C3%A7as%20JOSIVANE%20110917.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2022.

KOHAN, W. O. Fundamentos para compreender e pensar a tentativa de M. Lipman. In: KOHAN, W. O.; WUENSECH, A. M. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 84 134. (Série Filosofia e crianças, vol. I).

KOHAN, W. O.; LEAL, B. (org.) **Filosofia para crianças em debate**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIMA, C. S. **Crianças filosofando: uma proposta metodológica de ensino à luz de Matthew Lipman**. 2018. 181f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/2301>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LIMA, K. J. do P.; NEUBAUER, V. S.; MASTELLA, V. Filosofia para crianças, o projeto de Mathew Lipman. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta - RS**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 104-105, nov. 2016. Disponível em: <http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/365>. Acesso em: 19 fev. 2023.

LIPMAN, M. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus editorial, 1990.

LIPMAN, M. **Natasha: diálogos vygotskianos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M. **A comunidade de investigação e o raciocínio crítico**. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1995.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M. **A ética na educação: como devem ser ensinados os valores**. 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/126/A%20%C3%89tica%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o.doc?sequence=1>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M. **Issao e Guga: maravilhando-se com o mundo**. Manual do Professor. Rio de Janeiro: 1997.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M. **Luísa: investigação ética**. Manual do Professor. São Paulo: 1999.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M. **Pimpa: em busca do significado**. Manual do Professor. São Paulo: Gráfica Ideal Ltda, 2004.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F.S. **A descoberta de Ari dos Telles: a investigação filosófica**. Manual do Professor. São Paulo: Difusão de educação e cultura, 1997.

LORIERI, M. A. Filosofia para crianças: educação para o pensar bem: a proposta de Matthew Lipman. *In*: BAUER, C.; ROGGERO, R.; LORIERE, M. A. (orgs.). **Pedagogias alternativas**. Jundá, Paco Editorial, 2014.

LOVERA, C. L.; NOGARO, A. O diálogo como princípio filosófico. **Revista de Ciências Humanas**, v. 4, n. 4, p. 31-52, 2003.

LUCCA, S. T. K. **O diálogo na Filosofia com crianças: um estudo com professores que trabalham nas séries iniciais, em uma escola do Vale do Taquari/RS**. 2015. 43f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1040>. Acesso em: 27 fev. 2022.

LUCKESI, C. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. *In*: LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 53-75.
MENDONÇA, C. Livro Didático: um desafio à leitura. **Eutomia**, v. 1, n. 01, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOUTA, J. R.; BRANDÃO, I. R. **O papel do pedagogo diante os afetos despotencializadores produzidos no ambiente escolar**. 2019. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA18_ID6283_03102019193801.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023.

MURARI, R. F. **A disciplina de Filosofia na Rede Pública Municipal de Várzea Paulisa-SP**. 2019. 150f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10469/16689>. Acesso em: 27 abr. 2023.

MURARO, D. N.; DE SOUSA, C. J. O filosofar na educação básica em uma comunidade de investigação. **Revista do NESEF**, v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nesef/article/download/70924/40102>. Acesso em: 01 jan. 2023.

NETO, E. C. O livro didático e as teorias pedagógicas. **Holos**, v. 6, p. 402-414, 2015.

PEDRO, A.; LIBÓRIO, O. Filosofia para crianças: uma proposta para (re) pensar a educação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DA CRIANÇA– INFÂNCIAS POSSÍVEIS, MUNDOS REAIS, 1, 2008. **Anais [...]** Braga: Universidade do Minho, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/15567754.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

PEREIRA, C. R. A; FIDALGO, D A. A mídia, a infância e o consumismo infantil. **Convenit Internacional**, set-dez 2019. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit31/133-144Camila.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

PLAPLER, D. **O diálogo e a construção do conhecimento**: apontamentos a partir de John Dewey e Matthew Lipman. 2014. 101f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

REIS, Lígia de Almeida Durante Correa dos. **Filosofia e estética na formação da criança**: considerações a partir da novela filosófica Suki. 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90246>. Acesso em: 11 de jul. 2023.

SANCHEZ, L. B. **A lógica de Lipman**. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 3, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i3.4046>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SANTOS, A. Filosofia e educação para o pensamento crítico. **Philosophica: International Journal for the History of Philosophy**, v. 3, n. 6, p. 71-79, 1995. Disponível em: https://www.pdcnet.org/collection/fshow?id=philosophica_1995_0003_0006_0071_0079&pdfname=philosophica_1995_0003_0006_0071_0079.pdf&file_type=pdf. Acesso em: 01 jun. 2023.

SCHERER, V. L; EHRHARDT, M. L. **História - da palavra ao entendimento**: a função do conceito. 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2402-8.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

SHARP, A. M. **A comunidade de investigação e o raciocínio crítico**. São Paulo: CBFC, 1995. (Coleção Pensar).

SILVA, D. V. do C. da. **Considerações sobre o ensino de Filosofia para crianças**. 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/1482>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SILVA, M. dos S. **A superexposição da imagem da criança nas redes sociais e o dever de cuidado das plataformas por moderação de conteúdo**. 2022. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/51125>. Acesso em: 1 de jun. 2023.

SILVA, V. M. T. **Formação docente em Filosofia para crianças**. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90326>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SILVEIRA, R. J. T. **Matthew Lipman e a Filosofia para crianças: três polêmicas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SOARES, L. Q.; FERREIRA, M. C. Pesquisa participante como opção metodológica para investigação de práticas de assédio moral no trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 6, n. 2, p. 85-109, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572006000200005. Acesso em: 04 jun. 2023.

SOFISTE, J. G. Freire e Lipman: possibilidades e limites de uma aproximação. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 12, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaeFilosofia/article/view/17809>. Acesso em: 7 jun. 2022.

SOUSA, R. P. *et al.* (orgs.) **Teorias e práticas em tecnologias educacionais** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Disponível em: [sousa-9788578793265.pdf](https://scielo.org/pdfs/9788578793265.pdf) (scielo.org). Acesso em: 30 jan. 2023.

SPLITTER, L. J.; SHARP, A. M. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

STEINHORST, K. K. **Ensino de Filosofia na infância: relevância, problemas e desafios**. 2021. 323f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021. Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/6357>. Acesso em: 10 jun. 2022.

THEOBALDO, M. C. **Comunicação: racionalidade, ética e educação**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/449/COMUNICA%C3%87%C3%83O%20Racionalidade,%20%C3%89tica%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.doc?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TIBÉRIO, J. O ensino de Filosofia para crianças. **Alamedas**, v. 8, n. 2, p. 69-84, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/download/25586/16942/99784>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TORRES, C. .R. S. **Educar para o pensar: o processo de ensino aprendizagem na perspectiva da comunidade de investigação de Matthew Lipman: uma experiência filosófica na UEB Professor Ronald Da Silva Carvalho.** 2020. 207f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/3496>. Acesso em: 5 jun. 2022.

VIEIRA, M. E. da S. S. **Violência simbólica: apelido pejorativo.** 2010. 56f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2010. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/13418>. Acesso em: 24 abr. 2023.

WESTBROOK, R. B. *et al.* **John Dewey.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ANEXO I

Parecer Consubstanciado do CEP-Unesp

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: a proposta de Matthew Lipman

Pesquisador: MATEUS ALEM SILVA LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52458121.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.101.388

Apresentação do Projeto:

"(...) análise qualitativa com características de pesquisa-ação, e será investigado os fatores que venham interferir no processo dialógico investigativo de maneira racional e no posicionamento ético das crianças frente a diversidade que as cercam, passando a adotar uma postura mais ética, e assim viver melhor entre os diversos grupos sociais aos quais fazem parte."

Objetivo da Pesquisa:

"Compreender os fatores pelos quais as crianças sentem-se motivadas ao ato de dialogar e investigar filosoficamente, e como são articulados esses meios na sala de aula de acordo com a proposta de Matthew Lipman, verificando como isso irá potencializar o processo de ensino e aprendizagem."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: "aborrecimento ao participar do grupo focal; desconforto na hora das gravações dos áudios e dos vídeos; desconforto por não simpatizar com o tema; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, alterações na percepção de mundo, no convívio com os outros e de comportamentos em função de conhecimento novo observado nas histórias encontradas no produto educacional."

Benefícios: "contribuir com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem para que o

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 5.101.388

espaço escolar se torne cada vez mais dialógico por meio da comunidade de investigação filosófica."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

" propõe-se um melhor envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, e que essas inovações possam fazer parte do cotidiano das escolas e dessa forma facilitar o entendimento dos alunos em cada uma das atividades proposta pelo professor no ambiente escolar. Esse processo estará visando a superação dos alunos do ensino fundamental no que desrespeito (sic) a participação de maneira efetiva nas discussões assim como também nas investigações nas diversas situações existentes no cotidiano escolar."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TALE está bem elaborado, assim como o TCLE dos professores e dos pais.

Recomendações:

Nada a recomendar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1831032.pdf	08/10/2021 14:18:21		Aceito
Outros	7_Aceite_Escola.pdf	08/10/2021 13:54:35	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito
Outros	6_Aceite_Secretaria_de_Educacao.pdf	08/10/2021 13:53:26	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	5_TALE_Aluno.pdf	08/10/2021 13:49:11	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 5.101.388

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	4_TCLE_Pais.pdf	08/10/2021 13:48:34	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	3_TCLE_Professores.pdf	08/10/2021 13:48:21	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	2_Projeto_de_Pesquisa.pdf	08/10/2021 13:47:41	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	1_Folha_de_Rosto.pdf	08/10/2021 13:19:59	MATEUS ALEM SILVA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 11 de Novembro de 2021

**Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br

APÊNDICE I

ACEITE PARA EXECUÇÃO DO PROJETO PELO SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Número do Parecer: 5.101.388

Considerações Finais a critério do CEP: Projeto considerado “aprovado” por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Mateus Além Silva Lima (mateus.alem@unesp.br)

Telefone: (99)984206475

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues (eli.vagner@unesp.br)

ASSUNTO: Termo de Aceite para execução do projeto proposto pelo curso de pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru-SP, que tem como título: **DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: A PROPOSTA DE MATTHEW LIPMAN.**

Prezado Secretário Municipal de Educação, _____, considerando o objetivo da elaboração e aplicação do Produto Educacional exigido pelo Programa de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, eu, MATEUS ALÉM SILVA LIMA portador do CPF nº 970.699.303-72, sob matrícula de funcionário municipal setor da educação nº 9144-1, solicito através deste, autorização para efetivação da pesquisa e aplicação do produto educacional nas dependências da escola _____, localizada no município de Grajaú, estado do Maranhão. Bem como esclareço que a proposta de intervenção de pesquisa seguirá a proposta do projeto de pesquisa anexo devidamente aprovado pelo comitê de ética.

DADOS DA ESCOLA

Nome da escola:

Endereço:

Telefone do Gestor:

Email:

Nome do gestor da escola:

_____MA, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisador
RG:

Assinatura do Secretário Municipal de
Educação
RG: _____
Carimbo

APÊNDICE II

ACEITE PARA EXECUÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA

Número do Parecer: 5.101.388

Considerações Finais a critério do CEP: Projeto considerado “aprovado” por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Mateus Além Silva Lima (mateus.alem@unesp.br)

Telefone: (99)984206475

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues (eli.vagner@unesp.br)

ASSUNTO: Termo de Aceite para execução do projeto proposto pelo curso de pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru-SP, que tem como título: **DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: A PROPOSTA DE MATTHEW LIPMAN.**

Prezado Gestor Escolar, considerando o objetivo da elaboração e aplicação do Produto Educacional exigido pelo Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, eu, Mateus Além Silva Lima portador do CPF nº 970.699.303-72, sob matrícula de funcionário municipal setor da educação nº 9144-1. Após anuência solicitada junto a Secretária Municipal de Educação, venho através deste ressaltar a importância de vossa autorização para efetivação da pesquisa e aplicação do produto educacional nas dependências da escola _____ a qual é responsável como Gestor escolar, bem como esclareço que a proposta de intervenção de pesquisa seguirá a proposta de projeto de pesquisa anexo devidamente aprovado pelo comitê de ética. Solicito também a autorização para fazer uso do nome da escola na referida pesquisa, pois a mesma trará benefícios significativos para os alunos.

DADOS DA ESCOLA

Nome da escola:

Endereço:

Telefone do Gestor:

Email:

Nome do Gestor da escola:

_____ MA, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisador
RG:

Assinatura do Gestor da escola
RG: _____
Carimbo

APÊNDICE III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - PROFESSOR

Número do Parecer: 5.101.388

Considerações Finais a critério do CEP: Projeto considerado “aprovado” por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Mateus Além Silva Lima (mateus.alem@unesp.br)

Telefone: (99)984206475

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues (eli.vagner@unesp.br)

Convidamos você a participar como voluntário (a) da pesquisa **DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: A PROPOSTA DE MATTHEW LIPMAN**.

O objetivo da pesquisa é compreender os motivos pelos quais as crianças sentem-se motivadas para dialogar e investigar de maneira mais elevada, e como esses meios são articulados na sala de aula de acordo com a proposta do filósofo americano Matthew Lipman, a partir da elaboração de material didático digital interativo, o mesmo verificará como isso irá fortalecer o processo de ensino e aprendizagem. Esse trabalho tem como objetivo contribuir para a postura ética nas redes sociais e todo universo de fatores que interferem na construção da criança o conceito de ética e o seu posicionamento ético frente à vida, e assim tornar o aprendizado mais eficaz por meio do diálogo tornando a sala de aula em uma comunidade de investigação.

Se você concordar em participar, serão feitas as seguintes atividades com você, convidar a participar do Grupo Focal com conteúdo sobre diálogo e investigação filosófica com crianças, onde será incluído temáticas sobre a postura ética das crianças nas redes sociais, que servirá também para a construção do produto educacional que será uma novela interativa digital, e para a aplicação do referido produto será elaborado um guia para a aplicação com os seus alunos e assim responder a entrevista de Grupo Focal sobre a aplicação do produto.

Esta pesquisa pode apresentar alguns riscos, como: aborrecimento ao participar do Grupo Focal; desconforto na hora das gravações dos áudios e dos vídeos; desconforto por não simpatizar com o tema; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, alterações na percepção de mundo, no convívio com os outros e de comportamentos em função de conhecimento novo observado nas histórias encontradas no produto educacional. Mas se houver algum prejuízo decorrente do desconforto por um desses motivos, procure o pesquisador responsável, e assim as providências serão tomadas.

Porém para reduzir esses riscos, serão disponibilizados livros, ou seja, novelas de autores renomados e de sua preferência para relaxar. A pesquisa pode ajudar ampliar o repertório de material didático com perspectiva inclusiva para uso das crianças e dos professores contribuindo para minimização do fracasso escolar.

Para participar desta pesquisa **você não terá nenhum custo**, assim como **NÃO receberá vantagens financeiras**. Ainda assim, se você em algum momento se sentir lesado devido às atividades desenvolvidas com você durante esta pesquisa, você terá direito de ser indenizado. Sendo assim, você terá direito a todas

as informações sobre esta pesquisa e terá autonomia para escolher se participará ou não da pesquisa. Mesmo que neste momento você resolva participar, você será livre o suficiente para desistir de participar do estudo quando assim achar necessário. **Você participará de maneira voluntária** e se desistir de participar você não sofrerá qualquer penalidade e muito menos ser atendido de maneira diferente. Terá acesso ao resultado da pesquisa quando a mesma for finalizada. Seu nome assim como o material coletado por meio de sua participação só será liberado apenas com a sua permissão.

Este documento será impresso em duas vias, onde uma ficará sobre a responsabilidade do pesquisador e a outra será entregue a você. Os dados coletados durante a pesquisa ficarão arquivados com o responsável pela pesquisa por um período de 5 (cinco) anos. Passado todo este tempo, o pesquisador fará uma nova avaliação dos documentos e qual será o destino final, obedecendo assim a legislação vigente. A sua identidade será mantida com padrões profissionais pelos pesquisadores, pois só assim estarão atendendo as legislações vigentes sobre o caso (Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), onde as informações somente serão utilizadas para os fins acadêmicos e científicos.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: *“São direitos dos participantes”: “V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;”*.

EU _____, RG _____, e-mail _____, declaro que afirmo a minha participação na pesquisa, que me foi concedida à oportunidade de ler e tirar todas as minhas dúvidas e que os dados da pesquisa poderão ser divulgados. Recebi uma via original deste documento e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

_____MA, ____ de _____ de ____.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável MATEUS ALÉM SILVA LIMA através do telefone: (99) 984206475 ou através do e-mail mateus.alem@unesp.br. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (situado na Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01-Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP, pelo telefone: (14)3103-6075, (ramal:9400), ou pelo e-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICE IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - RESPONSÁVEL FAMILIAR DO ALUNO.

Número do Parecer: 5.101.388

Considerações Finais a critério do CEP: Projeto considerado “aprovado” por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Mateus Além Silva Lima (mateus.alem@unesp.br)

Telefone: (99)984206475

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues (eli.vagner@unesp.br)

Seu filho(a) _____ está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Diálogo e Investigação Filosófica com Crianças: a proposta de Matthew Lipman”**. O estudo está sendo desenvolvido por Mateus Além Silva Lima, do Curso de Mestrado Profissional em Docência Para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob a orientação do professor Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues.

O objetivo da pesquisa é compreender os motivos pelos quais as crianças sentem-se motivadas para dialogar e investigar de maneira mais elevada, e como esses meios são articulados na sala de aula de acordo com a proposta do filósofo norte-americano Matthew Lipman, verificando como isso irá fortalecer as diferentes maneiras de ensinar e aprender. A finalidade deste trabalho é contribuir com o diálogo e a investigação assim como a postura ética nas redes sociais e todo universo de fatores que interferem na construção da criança o conceito de ética e o seu posicionamento ético frente à vida, e assim tornar o aprendizado mais eficaz por meio do diálogo, tornando a sala de aula uma comunidade de investigação.

Caso concorde com a participação do menor como voluntário, as atividades propostas ao(a) seu/sua filho/a, serão entrevistas em grupo, momentos de reflexões na utilização de uma história interativa digital em parceria com os outros alunos da turma, orientados e supervisionados pelo professor/pesquisador. A participação do(a) mesmo(a) não é obrigatória, sendo que, a qualquer instante poderá desistir de participar sem prejuízos nas suas relações com os envolvidos na pesquisa, assim como a escola em que ele(a) estuda.

Tanto você como seu filho(a) não receberão nenhum pagamento pela participação, pois a participação do(a) menor contribuirá para formação de sujeitos mais críticos e reflexivos, e dessa forma venha ter uma participação ativa no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim a colaboração mútua torna o aprendizado mais significativo por meio da comunidade de investigação, fazendo com que o diálogo aconteça de maneira dinâmica, não apenas no ambiente escolar, mas nos diversos grupos sociais aos quais fazem parte.

Esta pesquisa pode apresentar alguns riscos, como: aborrecimento ao participar do Grupo Focal; desconforto na hora das gravações dos áudios e dos vídeos; desconforto por não simpatizar com o tema; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, alterações na percepção de mundo, no convívio com os outros e de comportamentos em função de conhecimento novo observado nas histórias encontradas no produto educacional.

Quanto aos ricos da pesquisa: se a temática lhes causa algum tipo de incomodo ou instabilidade, estamos a disposição para fazer o acolhimento e a orientação adequada.

O menor não será identificado. Além disso, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, onde você poderá tirar dúvidas a qualquer momento.

Mediante ao disposto no Artigo 9º da Resolução 510/16 CNS no que diz: “São direitos dos participantes”: “V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública”.

EU _____, RG _____, responsável pelo aluno(a) _____, Escola _____, E-mail _____, declaro que concordo em participar da referida pesquisa, e que tive a oportunidade de ler assim como esclarecer as minhas dúvidas e que minha identidade será mantida em sigilo e os dados poderão ser divulgados. Declaro ainda que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, sendo que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

_____-MA, _____ de _____ de ____.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável MATEUS ALÉM SILVA LIMA através do telefone: (99) 984206475 ou através do e-mail mateus.alem@unesp.br. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (situado na Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01-Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP, pelo telefone: (14)3103-6075, (ramal:9400), ou pelo e-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICE V

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Número do Parecer: 5.101.388

Considerações Finais a critério do CEP: Projeto considerado “aprovado” por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Pesquisador Responsável: Mateus Além Silva Lima (mateus.alem@unesp.br)

Telefone: (99)984206475

Pesquisador Orientador: Prof. Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues (eli.vagner@unesp.br)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário da pesquisa **DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: A PROPOSTA DE MATTHEW LIPMAN**.

Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber como você que estuda se sente mais animado(a) para conversar e procurar aprender algo novo, respeitando a opinião dos colegas, e como essa conversa acontece na sala de aula. Além disso podemos ver como essa conversa pode acontecer de maneira respeitosa tornando melhor e mais interessante as maneiras de ensinar e de aprender.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm aproximadamente 11 de anos de idade assim como você.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na escola onde você estuda.

Você vai participar de um bate papo comigo e com os colegas. Nesse bate papo teremos algumas perguntas para respondermos conforme o que a gente pensa sobre o assunto. Conversaremos também sobre uma história digital com muitas imagens, áudios e vídeos que você irá olhar e dar a sua opinião sobre ela.

O uso da história é considerado seguro, mas durante todo o processo de realização da pesquisa é possível ocorrer riscos como: aborrecimento ao participar do bate papo; desconforto na hora das gravações dos áudios e dos vídeos; desconforto por não gostar do assunto; alterações no modo de compreender as coisas, no convívio com os outros e de comportamentos em função de conhecimento novo observado na história.

Mas se houver algum prejuízo decorrente do desconforto por um desses motivos, procure o pesquisador responsável, e assim as providências serão tomadas.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone (99)984206475 do pesquisador Mateus Além Silva Lima.

Mas há coisas boas que podem acontecer como o seu envolvimento nas atividades, que farão com que as conversas assim como o seu aprendizado venha acontecer com mais facilidade e autonomia, tornando a sala de aula em uma comunidade ética, onde todos se respeitam.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que

participaram.

Quando encerrar a pesquisa, nós conversaremos com você e seus pais ou responsáveis para falarmos sobre o que passamos a ter conhecimento a partir dos resultados da pesquisa e a partir desses resultados poder ajudar você de maneira significativa. Logo após, discutiremos com outros pesquisadores e mais profissionais sobre a pesquisa e seus resultados. Isto será feito por meio do compartilhamento de relatórios e participando das reuniões com outras pessoas que estão interessadas na pesquisa desenvolvida.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi o telefone na parte de cima deste texto.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **DIÁLOGO E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA COM CRIANÇAS: A PROPOSTA DE MATTHEW LIPMAN.**

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar zangado.

Os pesquisadores conversaram com os meus responsáveis e também tiraram minhas dúvidas.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento onde li e concordo em participar da pesquisa.

_____ -MA, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) menor: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru-SP, Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), E-mail:

cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-Bauru - Faculdade de Ciências.

APÊNDICE VI
ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL APLICADA AOS ALUNOS DO
6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisa sobre a prática do diálogo e investigação filosófica com crianças no Ensino Fundamental na Escola Municipal _____ localizada no município de _____-MA

Mestrando: Mateus Além Silva Lima

Orientador: Profº Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues

1º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>Sobre a organização e funcionamento da sala de aula</i>
1. Você ficaria mais à vontade em uma sala de aula organizada em círculo ou em fileiras? Por qual motivo?
2. Vocês gostam de ler em voz alta em sala de aula? Por qual razão?
3. Você gostaria de opinar sobre como os conteúdos deveriam ser trabalhados em sala de aula? Como?
4. Em que sua opinião ajudaria no processo de ensino e aprendizagem? Por quê?
5. Você respeitaria as opiniões dos colegas em sala de aula? Por qual motivo?
6. Você se sente com liberdade para se expressar em sala de aula? Por quê?
2º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>Diálogo e investigação filosófica</i>
1. Que significado tem o diálogo e a investigação para sua vida?
2. Você dialoga e investiga em sala de aula? Como esse diálogo acontece? Por que se sente assim?
3º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>Fatores que podem facilitar ou dificultar um diálogo e uma investigação</i>
1. O que pode facilitar um diálogo investigativo em sala de aula?
4º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>O diálogo e a investigação filosófica na mudança de paradigma no ambiente escolar</i>
1. De que forma o diálogo e a investigação interferem ou mudam a vivência no ambiente escolar?
2. Por que esse diálogo investigativo não acontece com frequência?
3. Podem interferir e mudar a maneira como interagem uns com os outros? De que forma vocês podem fazer isso? O que impede vocês de fazer isso?
5º BLOCO DE PERGUNTAS

As relações em sala de aula
1. Como estão as relações em sala de aula? E as relações entre os alunos? E as relações entre alunos e professores?
3. Por que as relações entre alunos e professores chegaram a esse ponto?
6º BLOCO DE PERGUNTAS
A ética no espaço escolar
1. A postura ética pode colaborar para um bom diálogo investigativo? De que forma?
2. Vocês acham interações ficam mais prazerosa quando todos participam de maneira ética? Por quê?
3. O que a falta de ética pode causar na nossa vida?
7º BLOCO DE PERGUNTAS
Sobre a desmotivação em relação ao diálogo e investigação em sala de aula
1. Você já se sentiu desmotivado ao participar de um diálogo e de uma investigação? De que forma?
2. Já se sentiu excluído em sala de aula? Como isso ocorreu?
3. Na hora que o diálogo está ficando interessante, em algum momento o professor já pediu pra parar? Como você se sente?
4. As aulas sempre acontecem da mesma maneira? Expliquem.
5. Vocês sempre entendem o que o professor explica? Por quê?
6. Por qual motivo vocês têm dificuldades em relação a alguma disciplina?

APÊNDICE VII

ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL APLICADA AOS PROFESSORES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisa sobre a prática do diálogo e investigação filosófica com crianças no Ensino Fundamental na Escola Municipal_____ localizada no município de _____-MA

Mestrando: Mateus Além Silva Lima

Orientador: Profº Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues

1º BLOCO DE PERGUNTAS
Caracterização dos professores
1. Em quais disciplinas você atua?
2. Qual a sua formação?
3. Quanto tempo de experiência possui em sala de aula?
2º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>Conhecimentos prévios sobre a temática</i>
1. O que vocês estudaram, leram ou conhecem por Filosofia? Qual o contato que tiveram com essa disciplina?
2. Já ouviram falar em diálogo e investigação filosófica com crianças?
3. Já trabalharam a temática diálogo e a investigação? De que forma?
4. Qual é a importância do diálogo e da investigação em suas aulas?
5. Como o diálogo e a investigação acontece em sala de aula?
6. O que vocês esperam das suas aulas?
3º BLOCO DE PERGUNTAS
Elaboração e aplicação das estratégias em sala de aula
1. Na sua prática docente nesta turma, usou alguma estratégia de ensino-aprendizagem que considera inovadora?
2. Nas suas estratégias de ensino já elaboraram um mapa de empatia sobre os seus alunos?
3. Notaram se houve entre os alunos a prática da interação e da cooperação?
4. Quais as metodologias são utilizadas para que o diálogo venha fluir em sala de aula? Como utiliza? Tem segurança na utilização?
5. Vocês sentem-se seguros(as) e preparados(as) para trabalharem o diálogo e a investigação filosófica com os alunos?
6. Como costuma organizar a sala de aula?
4º BLOCO DE PERGUNTAS

<i>O processo dialógico investigativo em sala de aula</i>
1. Como se dá o processo dialógico investigativo na respectiva sala de aula em que atua? Atende as suas expectativas?
2. Como poderia melhorar o diálogo e a investigação dos alunos em sua prática de ensino?
3. Qual é o papel do diálogo e da investigação em sala de aula?
4. Qual é o papel do professor no processo dialógico investigativo em sala de aula?
5. Todos os alunos participam igualmente dos diálogos assim como das investigações em sala de aula? De que forma?
6. Você considera a prática do diálogo e da investigação filosófica importante para o desenvolvimento da criança? Por quê?
7. Na sua prática em sala de aula, usou alguma estratégia de ensino/aprendizagem que faz com que os alunos desenvolvam a prática do diálogo e da investigação?
8. Os alunos conversam? O que falam?
5º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>As barreiras existentes para a efetivação do processo dialógico e investigativo em sala de aula</i>
1. O que pode dificultar o diálogo investigativo em sala de aula?
2. Tem respeitado o ritmo de cada aluno? Como você faz isso?
6º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>A ética no ambiente escolar</i>
1. De que forma a ética pode interferir nas interações em sala de aula?
2. Como você trabalha esta temática?
3. Considera uma temática de grande relevância?
7º BLOCO DE PERGUNTAS
<i>Possibilitando um processo dialógico e investigativo</i>
1. O que pode facilitar o processo dialógico e investigativo?
2. Durante suas aulas notou-se houve, por parte dos alunos, desenvolvimento de alguma habilidade referente ao diálogo e a investigação? Quais?
3. Na sua prática docente, conseguiu estimular o desenvolvimento do diálogo e da investigação dos alunos? (capacidade de se autocorriger, cooperação em sala de aula, coerência nas argumentações, capacidade de distinguir um argumento bom de um ruim, respeito mútuo).
4. Como você tem procedido para a inclusão dos alunos com dificuldades no processo dialógico investigativo?
5. Como podemos melhorar em relação aos pontos negativos?
6. Na sua opinião notou se ouve a prática da interação entre você e os alunos e entre os alunos? E como isso ocorreu?

APÊNDICE VIII
INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DO PRODUTO
EDUCACIONAL COM ALUNOS DO 6º ANO

ENTREVISTA DE GRUPO FOCAL

A aplicação destas questões em Grupo Focal visa obter informações referente à sua percepção em relação à Novela Filosófica Interativa Digital, ou seja, uma história com textos, áudios, vídeos e imagens.

Mestrando: Mateus Além Silva Lima

Orientador: Profº Dr. Eli Vagner Francisco Rodrigues

PERGUNTAS
1. Foi fácil manusear a novela (história)?
2. Qual ou quais episódio(s) chamaram mais a sua atenção? Por qual motivo?
3. O que vocês acharam do estudo sobre o diálogo por meio das redes sociais?
4. Vocês conseguiram entender como o diálogo acontece por meio das redes sociais?
5. O que vocês acharam dos textos, áudios, vídeos e imagens apresentados na história?
6. Os textos, áudios, vídeos e imagens colocadas na novela são de fácil acesso?
7. O que vocês conseguiram aprender com a história?
8. Como ela pode auxiliar em uma conversa de maneira ética?
9. O que vocês acharam sobre conhecer e discutir sobre os diversos diálogos que acontecem nas redes sociais?
10. Vocês já utilizaram ou utilizam as redes sociais apresentadas na história?
11. O que vocês acharam dos exercícios propostos?
12. Os áudios, vídeos e imagens ajudaram vocês a entenderem o conteúdo?
13. Vocês gostaram da organização e do tamanho das imagens?
14. Vocês gostaram do tamanho e do formato da letra?
15. O que vocês acharam de aprender por meio das redes sociais da forma que aprenderam?
16. O que vocês mais gostaram na história interativa digital?
17. Foi fácil folhear a novela?
18. Gostaram do efeito de folhear a novela?
19. O que podemos melhorar na novela (história)?